

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

MARIANE CAROLINA PACKES RAMBO

**DESCREDIBILIZAÇÃO DA IMPRENSA A PARTIR DE ATAQUES MISÓGINOS:
Uma análise do Governo Bolsonaro em relação às mulheres jornalistas**

São Leopoldo

2024

MARIANE CAROLINA PACKES RAMBO

**DESCREDIBILIZAÇÃO DA IMPRENSA A PARTIR DE ATAQUES MISÓGINOS:
Uma análise do Governo Bolsonaro em relação às mulheres jornalistas**

Defesa apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Práticas Jornalísticas, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Clara Jobst de Aquino

São Leopoldo

2024

R167d Rambo, Mariane Carolina Packes.
Descredibilização da imprensa a partir de ataques
misóginos : uma análise do governo Bolsonaro em relação
as mulheres jornalistas / Mariane Carolina Packes Rambo.
– 2024.
179 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.
“Orientadora: Profa. Dra. Maria Clara Jobst de Aquino”

1. Descredibilização. 2. Gênero. 3. Jornalismo. 4. Mulheres
– Jornalistas. 5. Bolsonaro, Jair , 1955-. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

MARIANE CAROLINA PACKES RAMBO

**“DESCREDIBILIZAÇÃO DA IMPRENSA A PARTIR DE ATAQUES MISÓGINOS:
Uma análise do Governo Bolsonaro em relação às mulheres jornalistas”**

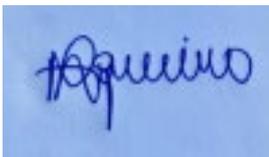
Defesa apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Práticas Jornalísticas, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

APROVADA EM 11 DE JUNHO DE 2024.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. CAMILLA QUESADA TAVARES – UFMA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. RONALDO CESAR HENN - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



__ PROFA. DRA. MARIA CLARA JOBST DE AQUINO - UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Para alguém como eu chegar até aqui, foi necessário o esforço de muitos. Primeiro dos meus pais, que abdicaram de muitas coisas para me fornecer educação. Não foi fácil, mas eu consegui. Fui a primeira da família a chegar ao ensino superior. A primeira da família a conquistar um diploma. A primeira da família a chegar numa pós-graduação.

Cito também minha irmã, que me acolheu quando mudei de cidade para ir atrás do sonho de ser jornalista. Ela passou muitas horas do seu dia me auxiliando para que esse sonho se concretizasse. Lembrou-me todos os dias que desistir não era uma opção.

Agradeço aos professores e professoras que cruzaram meu caminho, sempre me ensinando muito mais do que o plano de aula pedia. Foram vocês que me ensinaram ética, competência e o significado de resiliência. Muitos de vocês plantaram a semente da curiosidade em mim, o que me fez querer ser cientista. Cito particularmente a grandiosíssima Paula Casari Cundari, que me mostrou que o mundo pode ser grande, mas eu consigo conquistá-lo. Ao professor Alisson Coelho, meu eterno agradecimento. Obrigada por ter me apoiado a entrar no mestrado.

Agradeço também ao professor Ronaldo Henn e as professoras Maria Clara e Camilla Tavares pelas orientações que me deram ao longo do caminho. É uma honra conhecer pesquisadores como vocês.

Sou grata também aos amigos e colegas que fiz ao longo dessa jornada. Obrigada a todos que tencionaram comigo minha pesquisa, que me deram conselhos ou me deram apoio quando a jornada parecia difícil demais. João, Tiago e Naiara, cito vocês com um carinho ainda mais especial. Obrigada por caminharem comigo e me transformarem na pesquisadora que tenho orgulho de ser.

Sou grata a todo o time da Babushka por terem me incentivado e apoiado ao longo desse caminho. A todos os meus coordenadores e colegas, obrigada pelas trocas, pelas folgas e por muitas vezes tratarem minha pesquisa como um projeto nosso.

Amanda e Graci, obrigada por serem minha dose de felicidade e descontração em meio à vida. Vocês são incríveis. Agradeço também ao Jean, a pessoa que com certeza mais eleva minha autoestima como escritora.

Kalli, não poderia não mencioná-la aqui. Você foi a dose de energia que eu precisava pra seguir em frente quando o cansaço batia. Você é meu exemplo de perseverança. Gabi, você é a amiga que todo mundo merece. Obrigada por estar há oito anos na minha vida.

Cito o amor da minha vida, Lucas, que leu cada página desse trabalho e que, desde a graduação, segura a minha mão e me incentiva a voar cada vez mais alto. Eu vivi e vivo lindos momentos ao seu lado, como o dia que recebi a notícia da minha aprovação no PPG que era o sonho da minha vida. Obrigada por tanto. Nenhum texto, em nenhuma língua, será capaz de explicar o quanto sou grata a ti.

Por fim, sou grata às bruxas, militantes, feministas, enfim mulheres – que vieram antes e depois de mim – e que não desistiram da luta. Seguimos!

*“Lembrar será nossa resistência. Lembrar é sempre nossa resistência. E lembraremos,
Maria. E transmitiremos essa memória geração após geração”*

Eliane Brum

RESUMO

Este trabalho busca entender quais formas de ataques ocorreram contra jornalistas mulheres e quais os sentidos que podem ser percebidos a partir dos ataques contra Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães no governo Bolsonaro. Como metodologia, utilizamos estudo de casos múltiplos (YIN, 2015) e análise de construção de sentidos em redes digitais (AQUINO E SCHUCH, 2022). A partir da análise dos casos e do referencial teórico levantado, percebemos duas formas de ataques contra as jornalistas: 1) descrédibilização da jornalista na sua função e 2) ataques à reputação da mesma – visando corromper a imagem pública das mesmas, tanto como mulheres “respeitáveis” (considerando a visão patriarcal da sociedade) e também como profissionais sérias e isentas (chamado-as de comunistas, por exemplo). Em relação às categorias de sentido percebidas, há críticas e elogios tanto a quem atacou quanto a quem foi atacado nos comentários, e que também o jornalismo de forma geral é vilanizado por esse grupo. Além disso, percebemos que em todos os ataques, outras mulheres foram ofendidas e agredidas, muitas vezes utilizando o mesmo argumento e ofensa destinados às mulheres jornalistas.

Palavras-chave: jornalismo; mulheres jornalistas; gênero, descrédibilização; Bolsonaro.

ABSTRACT

This research aims to understand which forms of attack occurred against female journalists and which meanings may be perceived from the attacks against Patrícia Campos Mello and Vera Magalhães during the Bolsonaro government. As methodological procedures, we utilize multiple cases study (YIN, 2015) and analysis of the construction of meaning in digital networks (AQUINO AND SCHUCH, 2022). From the analysis of cases and the theoretical framework, we perceive two forms of attacks against the journalists: 1) discrediting the journalist in her role and 2) attacking their reputation – aiming to corrupt their public image, both as “respectable” women (considering the patriarchal view of society) and also as serious and impartial professionals (calling them communists, for instance). About the perceived categories of meanings, there is criticism and compliments for both those who attacked and those who were attacked in the comments, e that also journalism in general is villainized by this group. Furthermore, we perceive that, in all attacks, other women were offended and aggressed, often utilizing the same argument and offense targeted to the female journalists.

Keywords: journalism; female journalists; gender; discredit; Bolsonaro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem Twitter Amanda Audi.....	8
Figura 2 - Postagem Twitter Rosanne D'Agostino.....	9
Figura 3 - Vídeo Eduardo Bolsonaro Facebook.....	61
Figura 4 - Mapa de sentido - Patrícia - Caso 1.....	62
Figura 5 - Print comentário esquerda.....	62
Figura 6 - Print comentário imprensa pode.....	62
Figura 7 - Print comentário sobre prostituição.....	63
Figura 8 - Print comentário vídeos pornográficos.....	64
Figura 9 - Print comentário assédio.....	65
Figura 10 - Print comentário várias mulheres.....	66
Figura 11 - Print comentário casa de prostituição.....	66
Figura 12 - Print comentário Jean Willys.....	67
Figura 13 - Vídeo Jair Bolsonaro Facebook.....	68
Figura 14 - Print comentário Jair Bolsonaro.....	69
Figura 15 - Mapa de sentido - Patrícia - Caso 2.....	70
Figura 16 - Print comentário brasileiras.....	71
Figura 17 - Print comentários vídeos pornográficos 2.....	71
Figura 18 - Print comentário pagamento.....	72
Figura 19 - Print comentário furo 1.....	72
Figura 20 - Print comentário instagram.....	73
Figura 21 - Print comentário prostituição Folha 1.....	74
Figura 22 - Print comentário palavra vítima.....	74
Figura 23 - Print comentário se oferecer.....	75
Figura 24 - Montagem WhatsApp.....	76
Figura 25 - Print comentário perder sono.....	76
Figura 26 - Print comentário porrada.....	77
Figura 27 - Print comentário Fake News.....	77
Figura 28 - Print comentário imprensa suja.....	78
Figura 29 - Print comentário credibilidade.....	78
Figura 30 - Print comentário mimimi.....	79
Figura 31 - Print comentário minorias.....	79
Figura 32 - Print comentário crise.....	80
Figura 33 - Print comentário sou mulher.....	80

Figura 34 - Print comentário cavalheiro.....	81
Figura 35 - Print comentário testemunho.....	82
Figura 36 - Print comentário família.....	82
Figura 37 - Print e-mail Mônica 1.....	83
Figura 38 - Print e-mail Mônica 2.....	84
Figura 39 - Print comentário Dilma.....	85
Figura 40 - Print comentário Michelle Bolsonaro.....	86
Figura 41 - Print comentário contexto machista.....	87
Figura 42 - Print comentário piadinhas.....	87
Figura 43 - Print comentário atitude respeitosa.....	88
Figura 44 - Post Jair Bolsonaro Facebook.....	89
Figura 45 - Print comentário Gabriel.....	90
Figura 46 - Mapa de sentido - Patrícia - Caso 3.....	91
Figura 47 - Print comentário repórter.....	91
Figura 48 - Print comentário chantagem.....	92
Figura 49 - Print comentários vídeos pornográficos 3.....	92
Figura 50 - Print comentário xvideos.....	93
Figura 51 - Print comentário violência.....	93
Figura 52 - Print comentário prostituição Folha 2.....	94
Figura 53 - Print comentário surra.....	94
Figura 54 - Print comentário mulher bonita.....	95
Figura 55 - Print comentário bíblia.....	95
Figura 56 - Print comentário jornalouca.....	95
Figura 57 - Print comentário dia da mulher.....	96
Figura 58 - Print comentário dia internacional das mulheres.....	96
Figura 59 - Print comentário vítima.....	97
Figura 60 - Print perfil falso.....	97
Figura 61 - Print comentário tornozela eletrônica.....	98
Figura 62 - Print comentário comunista.....	99
Figura 63 - Print comentário desqualificada.....	99
Figura 64 - Print comentário furo 2.....	100
Figura 65 - Print comentário mídia.....	100
Figura 66 - Print comentário jornalistas.....	101
Figura 67 - Print comentário Vera Fake News.....	102

Figura 68 - Print comentário taradas.....	103
Figura 69 - Print comentário Marielle Franco.....	104
Figura 70 - Print comentário Pablio Vittar.....	105
Figura 71 - Print comentário estratégias.....	105
Figura 72 - Print Meta informação falsa.....	106
Figura 73 - Print comentário Facebook.....	107
Figura 74 - Tweet Jair Bolsonaro contra Vera Magalhães.....	108
Figura 75 - Mapa de sentido - Vera - Caso 1.....	109
Figura 76 - Print comentários contra o presidente.....	109
Figura 77 - Print comentário copiando a frase de Bolsonaro.....	110
Figura 78 - Print comentário ComunaVírus.....	110
Figura 79 - Print comentário sobre a esquerda.....	110
Figura 80 - Print comentário #BlockNaVera.....	111
Figura 81 - Print comentário Vera ser apaixonada pelo ex-presiden.....	111
Figura 82 - Print comentário vida sexual da jornalista.....	112
Figura 83 - Print comentário sobre violência doméstica.....	112
Figura 84 - Print comentário dar um furo.....	113
Figura 85 - Print comentário sobre decência.....	113
Figura 86 - Print comentário salário e Dória.....	114
Figura 87 - Print comentário salário e Bolsonaro.....	115
Figura 88 - Print comentário Bolsonaro.....	115
Figura 89 - Print comentário atrapalha quem faz.....	116
Figura 90 - Print comentário quarto poder.....	116
Figura 91 - Print comentário sobre a Dilma 2.....	116
Figura 92 - Imprensa corrupta.....	117
Figura 93 - Tweet Eduardo Bolsonaro contra Vera Magalhães.....	117
Figura 94 - Mapa de sentido - Vera - Caso 2.....	118
Figura 95 - Print comentário mulherzinha.....	119
Figura 96 - Print comentário pênis.....	119
Figura 97 - Print comentário playmobil.....	119
Figura 98 - Print comentário democracia.....	120
Figura 99 - Print comentário famosinha.....	120
Figura 100 - Print comentário ameaça.....	121
Figura 101 - Print comentário louça.....	122

Figura 102 - Print comentário ideologia.....	123
Figura 103 - Print comentário Congresso.....	123
Figura 104 - Print comentário abstinência.....	124
Figura 105 - Print comentário Dória recados.....	124
Figura 106 - Print comentário justiça.....	124
Figura 107 - Print comentário máquina de mentiras.....	125
Figura 108 - Print comentário imprensa e Congresso.....	125
Figura 109 - Print comentário políticos corruptos.....	126
Figura 110 - Print comentário impeachment.....	126
Figura 111 - Tweet Vera - Caso 2.....	127
Figura 112 - Mapa de sentido - Vera - Caso 2.2.....	128
Figura 113 - Print comentário esgotosfera.....	128
Figura 114 - Print comentário perdeu a noção.....	129
Figura 115 - Print comentário requentada.....	129
Figura 116 - Print comentário psiquiatra.....	130
Figura 117 - Print comentário desesperada.....	131
Figura 118 - Print comentário senhora Vera.....	131
Figura 119 - Print comentário acordou.....	132
Figura 120 - Print comentário mortadela.....	132
Figura 121 - Print comentário jornalismo de verdade.....	133
Figura 122 - Print comentário ativista.....	133
Figura 123 - Print comentário Patrícia no caso Vera.....	134
Figura 124 - Print comentário festa.....	134
Figura 125 - Print comentário imprensa continuar livre.....	134
Figura 126 - Post portal G1 - Vera - Caso 3.....	136
Figura 127 - Mapa de sentido - Vera - Caso 3.....	137
Figura 128 - Print comentário ataque.....	137
Figura 129 - Print comentário apaixonada.....	138
Figura 130 - Print comentário vitimização da mulher.....	138
Figura 131 - Print comentário mimimi.....	139
Figura 132 - Print comentário opiniões.....	139
Figura 133 - Print comentário tendenciosos.....	139
Figura 134 - Print comentário esquerdalhas.....	140
Figura 135 - Print comentário sangue de barata.....	140

Figura 136 - Print comentário feminista não é mulher.....	140
Figura 137 - Print comentário muito feministas.....	141
Figura 138 - Print comentário candidato perfeito.....	141
Figura 139 - Bolsonaro incompetente.....	141
Figura 140 - Print comentário misógino de carteirinha.....	142
Figura 141 - Print comentário Brasil não é uma ditadura.....	142
Figura 142 - Post portal G1 - Vera - Caso 3.1.....	143
Figura 143 - Mapa de sentido - Vera - Caso 3.1.....	144
Figura 144 - Print comentário criticar jornalista.....	144
Figura 145 - Print comentário Douglas.....	144
Figura 146 - Print comentário jornalista difamar.....	145
Figura 147 - Print comentário hipocrisia.....	145
Figura 148 - Print comentário Maria do Rosário.....	145
Figura 149 - Print comentário mimizenta.....	146
Figura 150 - Print comentário saco cheio.....	146
Figura 151 - Print comentário Globo.....	147
Figura 152 - Print comentário Globo e jornalistas.....	147
Figura 153 - Nuvem de palavras.....	153

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de ataques entre 1982 a 2018.....	10
Gráfico 2 - Número de ataques no Governo Bolsonaro (2019-2022).....	11

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 SOCIEDADE, JORNALISMO E GÊNERO.....	20
2.1 O PAPEL DO JORNALISMO.....	20
2.2 AS MULHERES NA PROFISSÃO	26
2.3 CONCEITUANDO GÊNERO	29
2.3.1 As faces da violência contra as mulheres	35
3 A DESINFORMAÇÃO E DESCREDIBILIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA MISÓGINA	41
3.1 A MISOGINIA E A MASSA BOLSONARISTA	41
3.2 A TEIA DESINFORMATIVA	45
3.2.1 O glossário da desinformação	49
3.2.2 A desinformação como meme	51
3.2.3 Desinformação de gênero	53
4 METODOLOGIA	56
5 DESCRIÇÃO DOS CASOS	59
5. 1 PATRÍCIA CAMPOS MELLO.....	59
5. 1. 1 AS AGRESSÕES CONTRA PATRÍCIA - CASO 1	60
5. 1. 2 AS AGRESSÕES CONTRA PATRÍCIA - CASO 2	69
5. 1. 3 AS AGRESSÕES CONTRA PATRÍCIA - CASO 3	90
5. 2 VERA MAGALHÃES	109
5. 2. 1 AS AGRESSÕES CONTRA VERA - CASO 1	109
5. 2. 2 AS AGRESSÕES CONTRA VERA - CASO 2	119
5. 2. 3 AS AGRESSÕES CONTRA VERA - CASO 3	136
6 ANÁLISE DOS CASOS	150
7 CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS	165

1 INTRODUÇÃO

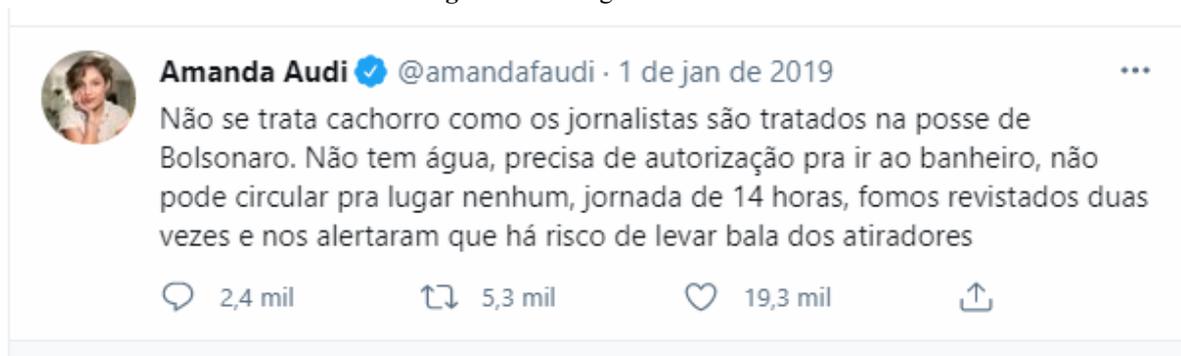
Em 1º de janeiro de 2019, o Brasil conheceu seu novo Presidente, e um novo capítulo foi escrito na relação do governo com a imprensa. A relação entre a imprensa e os políticos nunca foi amena, mas, no governo Bolsonaro, os ataques à imprensa e aos jornalistas tomaram proporções alarmantes, com uma alta taxa de ataques e uma agressividade preocupante (SEABRA, 2020, p.99).

Desde 1985, com o fim do Regime Militar no país, o Brasil possui uma democracia representativa, onde os cidadãos, por meio do voto, elegem seus representantes, que irão exercer atividades no governo (ALBUQUERQUE E HOLZBACH, 2008). Dessa forma, em 2018, Bolsonaro se elegeu o 38º Presidente da República Federativa do Brasil e o 9º Presidente a tomar posse no país pós Regime Militar (TOLENTINO, 2019, p.15). A eleição daquele ano foi marcada pelo uso da desinformação como estratégia de campanha e ataque entre os candidatos.

A forma como Bolsonaro trataria a imprensa durante seus quatro anos no poder pode ser prevista durante a cerimônia de posse. No evento, os jornalistas foram restringidos de circular livremente pelos espaços, houve privação de água e de alguns alimentos, como frutas inteiras. Além disso, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas, FENAJ (2019, online), houve intimidações com atiradores de elite a quem “fizesse movimentos bruscos” ou “não respeitasse as restrições”.

Jornalistas narraram no Twitter como foi o tratamento aos colegas durante a cobertura. Uma das jornalistas foi Amanda Audi, à época repórter do jornal independente The Intercept Brasil.

Figura 1 - Postagem Twitter Amanda Audi



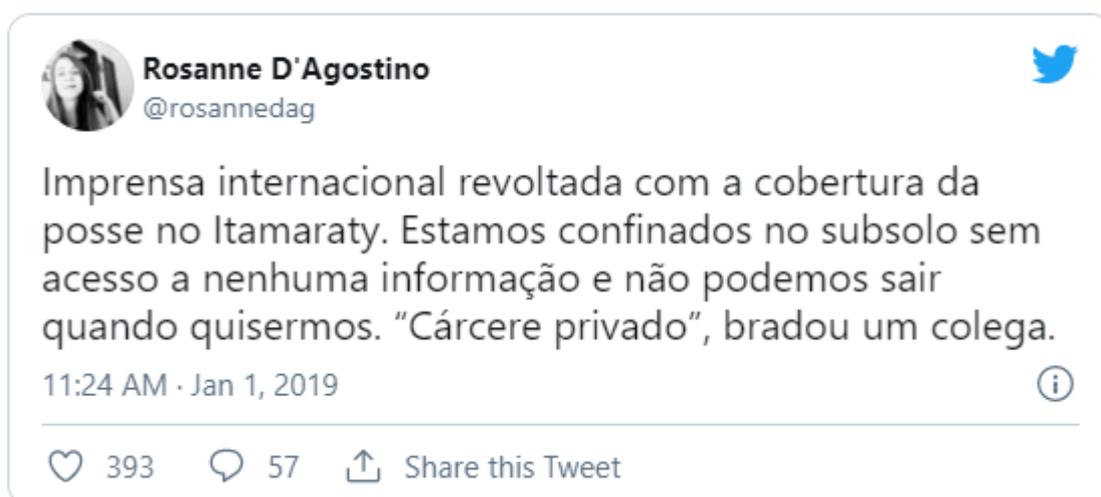
Fonte: Reprodução Twitter¹

¹ Disponível em https://twitter.com/amandafaudi/status/1080086019058425857?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetemb ed%7Ctwtterm%5E1080088208854188032%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es2_&ref_url=> Acesso em 15 de janeiro de 2023.

O jornal El País Brasil (2019, online) frisou que os jornalistas não poderiam circular entre os três locais onde a cerimônia ocorreria: Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Palácio do Itamaraty. Essa decisão não era compatível com a cerimônia dos anos anteriores. Alguns jornalistas noticiaram nas redes sociais que foram obrigados a ficarem confinados, sendo impedidos de sair.

As restrições impostas aos jornalistas também prejudicaram a cobertura internacional do evento, com quatro jornalistas abandonando a cobertura (ESTADO DE SÃO PAULO, 2019, online)². Segundo a FENAJ (2019, online), os correspondentes internacionais classificaram “o confinamento obrigatório como cárcere privado”.

Figura 2 - Postagem Twitter Rosanne D'Agostino



Fonte: Reprodução Twitter/Deutsche Welle³

Neste primeiro dia de governo Bolsonaro, o jornal alemão Deutsche Welle (2019, online)⁴ falou que o tratamento dado aos jornalistas poderia indicar como a relação entre imprensa e governo seria conflituosa.

² O ESTADO DE SÃO PAULO. **Jornalistas ficam confinados em espaços públicos e sofrem revistas rigorosas**. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,jornalistas-ficam-confinados-em-espacos-publicos-e-sofrem-revistas-rigorosas,70002663460>> Acesso em 15 de janeiro de 2023.

³ Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/posse-foi-marcada-por-restri%C3%A7%C3%B5es-ao-trabalho-da-imprensa/a-46921379>>. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

⁴ DEUTSCHE WELLE. **Posse foi marcada por restrições ao trabalho da imprensa**. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/posse-foi-marcada-por-restri%C3%A7%C3%B5es-ao-trabalho-da-imprensa/a-46921379>>. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Somando os dados dos relatórios de ataques à imprensa, feitos pelas FENAJ ao longo dos quatro anos de governo, houve 1442 ataques. É importante observar que, segundo dados da plataforma Observatório da Comunicação, que tem parceria com a FENAJ, entre 1982 até 2018 houve 1074 casos, ou seja, 33% menos casos do que os ocorridos durante o Governo Bolsonaro.

Gráfico 1 - Número de ataques entre 1982 a 2018

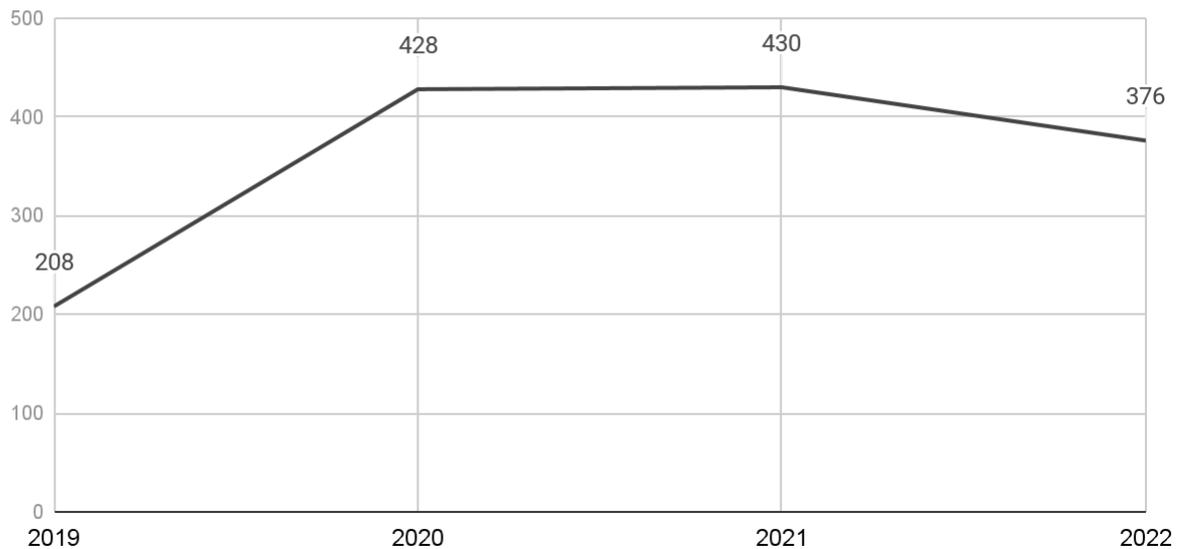


Fonte: Observatório de Comunicação⁵

Gráfico 2 - Número de ataques no Governo Bolsonaro (2019-2022)

⁵ OBSERVATÓRIO DE COMUNICAÇÃO. **Ataques contra a imprensa entre 1982 a 2018**. Disponível em <https://obcom.net.br/vis?date_to=1&year_to=2018&month_to=12&date_from=1&year_from=1982&month_from=1&offset=0>. Acesso em 07 de julho de 2023.

Número de ataques no Governo Bolsonaro (2019-2022)



Fonte: Elaborado pela autora

Além da FENAJ e do Observatório, outros grupos também mapeiam a liberdade de imprensa. Um exemplo é a ONG Repórteres Sem Fronteira, que, desde 2002, realiza anualmente um ranking onde classifica todos os países com base no quanto a imprensa é livre. Até 2021, a metodologia usada no estudo considerava um questionário com jornalistas que abordava a autocensura e a independência dos meios de comunicação. Além disso, somava-se um balanço quantitativo de casos de violência contra jornalistas. A partir do relatório de 2022, houve uma reformulação na definição de liberdade de imprensa, essa agora sendo classificada como:

A possibilidade efetiva dos jornalistas, como indivíduos e como coletivos, selecionarem, produzirem e divulgarem informações de interesse geral, independentemente de interferências políticas, econômicas, jurídicas e sociais, e sem ameaça à sua segurança física e mental (REPÓRTERES SEM FRONTEIRA, 2023, ONLINE).

Dessa forma, a classificação leva em conta cinco indicadores para a classificação. Esses conceitos são o “contexto político, arcabouço jurídico, contexto econômico, contexto sociocultural e segurança” (REPÓRTERES SEM FRONTEIRA, 2023, ONLINE). O estudo continua usando entrevista com profissionais da área, através de um questionário atualizado com 123 perguntas. Além disso, são considerados dados quantitativos de agressões contra jornalistas.

A ONG classifica os países em cinco níveis: 1) verde - boa; 2) amarelo - relativamente boa; 3) amarelo queimado - problemática; 4) laranja - difícil e 5) vermelha - muito grave. Em 2019 e 2020, o país esteve classificado como amarelo queimado. Já em 2021, o Brasil foi classificado como laranja, mesmo período em que a FENAJ mais registrou ataques de Bolsonaro contra a imprensa. Em 2022, o país voltou ao ranking amarelo queimado.

De acordo com a ONG Repórteres Sem Fronteira (2021, online), o trabalho jornalístico se tornou difícil após a eleição de Bolsonaro, com o país caindo seis posições no ranking entre 2019 e 2021. “Insultos, difamação, estigmatização e humilhação de jornalistas passaram a ser a marca registrada do presidente brasileiro” (REPÓRTERES SEM FRONTEIRA, 2021, ONLINE).

Quando Bolsonaro chegou ao poder, em 2019, o Brasil ocupava o 102º lugar do ranking da ONG. Ao longo dos anos, a violência contra os jornalistas aumentou, tendo em 2021 o país chegado em 111º lugar na lista.

Segundo os relatórios da FENAJ, em todos os anos do governo Bolsonaro, os jornalistas homens foram a maior parte das vítimas dos ataques de Bolsonaro. Em 2019, 49,16% era do sexo masculino. Em 2020, os ataques aos homens representaram 65,34% das vítimas. Em 2021, eles representaram 55,89%. Por fim, em 2022 representaram 69,37% das vítimas.

Acreditamos que o número de agressões contra os homens seja maior por eles serem a maioria dos jornalistas cobrindo a editoria de política, que é a editoria onde, nos quatro anos analisados, houve o maior número de agressões. Esse tópico será aprofundado no capítulo 4 - Mulheres no jornalismo.

É importante frisarmos que, atualmente, a maioria dos jornalistas são mulheres, representando 64% da profissão (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2022, online). Além disso, segundo dados da Abraji (2023, online), 62,7% dos ataques contra mulheres jornalistas ocorrem quando elas cobrem temas políticos.

Apesar do número de agressões contra as mulheres ser mais baixo, o discurso normalmente aborda assuntos relacionados à “aparência, temperamento, questões sexuais e morais” (AZ MINA, 2020, ONLINE). Junto a isso, os ataques contra mulheres aumentaram quase 7% entre 2019 e 2020 (AZ MINA, 2020, online).

O discurso usado por Bolsonaro e seus seguidores contra mulheres jornalistas é misógino. Baseamos essa afirmação no conceito apresentado pelo autor e autora Amaral e Lins (2021, p.6): “A misoginia pode ser identificada por diversas formas, entre elas, a discriminação sexual, a hostilidade, a depreciação da figura feminina, a objetificação sexual e o ódio gratuito às mulheres”. Além de discursos contra a aparência das jornalistas mulheres, diversos casos

envolvem a premissa de que as mulheres estão mentindo ou manipulando as informações, levando, dessa forma, a uma descredibilização da profissional e do próprio jornalismo. Portanto, além de estudarmos o conceito de misoginia, é necessário entender a desinformação e o fenômeno da pós-verdade como uma das formas de atacar essas mulheres.

Considerando o cenário descrito, esse estudo tem como tema o ódio promovido contra mulheres jornalistas e, como delimitação do tema, os ataques promovidos pelo ex-presidente e por seus seguidores contra elas. Tem como problema de pesquisa: quais formas de ataque ocorrem contra as jornalistas mulheres e quais os sentidos que podem ser percebidos a partir dos ataques contra Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães no governo Bolsonaro?

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar as formas de ataque contra as mulheres jornalistas e quais os sentidos que emergem a partir desses ataques.

Como objetivos específicos:

- Entender de que maneira a descredibilização das mulheres e a desinformação são utilizadas como mecanismo de violência de gênero nos ataques contra jornalistas mulheres;
- Revisar os conceitos de gênero e violência de gênero e entender como eles podem ser aplicados nas análises dos casos;
- Analisar como os ataques promovidos pelo governo Bolsonaro podem agravar a violência de gênero no jornalismo.

Com base nessa pesquisa, os profissionais de comunicação, principalmente os/as jornalistas, poderão tomar ciência da importância de um jornalismo livre. Refletir sobre os ataques contra as mulheres jornalistas ajudará a entender de que forma podemos proteger as profissionais e conscientizar sobre a violência de gênero.

É fundamental compreender o que caracteriza a liberdade de imprensa e quem se beneficia de um ambiente no qual homens e mulheres jornalistas estão sob frequente ataque. Também é importante analisar a presença das mulheres no jornalismo e de que forma esses ataques prejudicam um jornalismo plural. Além disso, analisar como o fenômeno da desinformação é usado como estratégia nos ataques contra homens e mulheres jornalistas, identificadas nos relatórios da FENAJ sobre os casos.

O ponto inicial para esse trabalho foi minha monografia, onde abordei a liberdade de imprensa nos dois primeiros anos de governo Bolsonaro. Ao analisar o discurso usado para os ataques, notou-se uma diferença entre os ataques contra jornalistas homens e mulheres. Aos primeiros os ataques envolviam ameaças físicas. Já contra as mulheres, eram frequentes os

pronunciamentos voltados para questões morais e sexuais das mesmas. Ao participar de eventos na área da comunicação apresentando artigos derivados do meu TCC, conversei com profissionais e pesquisadores da área de jornalismo e muito se comentou sobre a necessidade de entender de que forma esses ataques perpetuam desigualdade entre gênero e legitimam que ataques contra as mulheres sejam feitos.

Como mulher, jornalista e pesquisadora foi doloroso acompanhar os últimos quatro anos de ataques sendo direcionado para ambas as profissões que escolhi e ao meu gênero. Quando Bolsonaro se elegeu, eu estava no meu penúltimo ano da graduação e a cada atualização das notícias, a desesperança e o medo tomavam conta de mim. Como um ato de resistência, decidi que iria me aprofundar pesquisando sobre esse tema, entendendo as nuances do ódio. Meus primeiros passos acadêmicos foram analisando o discurso que Bolsonaro utilizava para agredir os jornalistas de forma geral, percebendo nesse primeiro momento que a descredibilização e a hostilização eram algumas das ferramentas usadas. Foi nesse momento que conheci o caso da Patrícia Campos Mello e Miriam Leitão, que foram dois exemplos que me marcaram ao longo da pesquisa. No primeiro caso, a vida privada de Patrícia foi deturpada e exposta nas redes sociais, gerando uma onda de ódio destinada a ela. Os discursos que analisei, me mostraram de forma tímida como as mulheres ainda são vistas e tratadas numa sociedade patriarcal. No segundo caso, as memórias de uma ditadura, ainda negada por muitos, vieram à tona, e eu li e reli sobre as dores daqueles que foram presos e torturados num tempo de caça aos jornalistas, como aquele que eu estava pesquisando. Como comentado acima, após esse primeiro passo de pesquisa, percebi que o gênero poderia ser uma categoria a ser explorada e questionada na análise, entendendo assim de que forma durante os últimos quatro anos as mulheres foram atacadas e quais sentidos podemos perceber.

Buscando mapear as pesquisas já feitas no tema, faz-se necessário realizar um Estado da Arte, que segundo Ferreira (2002, p.258-259) tem como objetivo analisar as produções acadêmicas sobre o assunto, “tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas”.

Dessa forma, o presente trabalho buscou artigos vinculados ao tema em dois bancos de dados nacionais: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES⁶ e Revista E-Compós⁷. Escolhemos quatro termos-filtro, sendo eles: “Análise de discurso político”, “Jornalistas

⁶ Disponível em <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acesso em 12 de julho de 2022.

⁷ Disponível em <<https://www.e-compos.org.br/e-compos>> Acesso em 12 de julho de 2022.

mulheres”, “Violência de gênero” e “Liberdade de imprensa”. Os termos foram buscado entre aspas, evitando que, dessa forma, aparecessem conteúdos que não condiziam com o contexto buscado.

No banco de dados da CAPES, foi possível fazer a busca pelos termos-filtro, já no site do Portal da Compós, não. Nesse último, então, olhou-se as edições desde o ano de 2015, procurando artigos com temas correlatos.

Ao total, encontramos seis trabalhos no banco da CAPES e três na revista E-Compós, totalizando nove pesquisas que foram analisadas. Destas, sete foram usadas como base para a nossa pesquisa, ajudando a construir os capítulos teóricos. Uma das pesquisas não foi utilizada, pois ela foca na definição de “violência de gênero doméstica”, que não foi debatida no nosso trabalho. O outro trabalho descartado também foca nesse tema, mas ele apresenta em seu referencial diversos autores que foram utilizados como fonte para a nossa pesquisa, como Freire Filho, Anjos e Lopes (2020) e Kramer e Sprenger (2016).

As sete pesquisas que foram utilizadas na construção deste trabalho focaram nas dificuldades das mulheres em exercerem a profissão, trazendo dados históricos dessa desigualdade de gêneros no exercício do trabalho. Os trabalhos abordaram a misoginia, assédio e discriminação sofridos dentro das redações. Uma das pesquisas narrava a violência de forma geral que ocorre contra os jornalistas. Outras duas pesquisas, que serão descritas abaixo, demonstram como a misoginia e os ataques contra mulheres jornalistas ocorreram na cidade de João Pessoa, na Paraíba, e no Paraná, respectivamente.

Dessa forma, percebemos que não há trabalhos que foquem na violência contra jornalistas mulheres para além da violência que ocorre dentro das redações a nível nacional. Sendo assim, nosso trabalho busca se debruçar sobre essa temática.

Abaixo, apresentamos nossa conclusão sobre os trabalhos encontrados no Estado da Arte. É importante ressaltar que nem todos os trabalhos foram lidos na íntegra, sendo alguns apenas lidos os resumos, conclusões e referências bibliográficas.

A dissertação *Violência Contra Jornalistas no Brasil: Análise Discursiva dos Relatórios* foi defendida em 2021, por Cleusa Maria Jung. Os procedimentos usados na pesquisa são: 1) pesquisa bibliográfica; 2) pesquisa documental e 3) análise do discurso. A pesquisa analisou a violência que os profissionais sofrem dentro do ambiente de trabalho quanto por atores sociais, mas não fez um recorte a partir de gênero. Assim como a nossa pesquisa, essa dissertação analisa os dados de entidades que se comprometem com a representação da classe, como a FENAJ. O trabalho de Jung também explicou a forma como os dados dos relatórios da FENAJ

são coletados, auxiliando no entendimento desse banco que foi usado como ponto inicial da nossa pesquisa.

A pesquisa *Não tenho medo de dar opinião: A mulher jornalista na editoria de política em João Pessoa sob uma perspectiva de gênero* foi defendida em 2021 por Camila de Lima Bezerra. A pesquisa aborda a violência de gênero enfrentada dentro das redações e por mulheres que trabalham com a editoria política. A pesquisa faz uso de entrevistas com as profissionais e análise de conteúdo. Os conceitos de misoginia e violência de gênero contra as jornalistas mulheres descritos por ela foram usados na escrita do nosso capítulo 2 - Sociedade, Jornalismo e Gênero. Esse trabalho também utilizava como delimitador o campo de atuação na política, trazendo um apanhado histórico da profissão e dos desafios enfrentados pelas mulheres que cobrem essa editoria. Algumas percepções usadas no trabalho serviram como inspiração para o desenvolvimento da nossa pesquisa, como: a rotina do jornalista já apresenta dificuldades, mas o gênero também atravessa a experiência, fazendo dessa forma que a vivência das mulheres jornalistas seja diferente dos seus pares homens. O assédio e a violência vem de diversos autores, como colegas de profissão, internautas, fontes e entrevistados. E por fim, piadas, cantadas e assédio são comuns no dia a dia das profissionais.

Em fevereiro de 2020, Janaina Graciela Moro apresentou a dissertação *O impacto do assédio sexual e da discriminação de gênero na trajetória profissional de mulheres jornalistas*. O projeto utilizou como processos metodológicos a entrevista com as jornalistas e a análise de conteúdo para a categorização. A pesquisa analisou o assédio sexual e a discriminação enfrentados pelas profissionais. Da mesma forma que o trabalho anterior, essa pesquisa nos ajudou na construção do capítulo sobre gênero. O texto abordava os conceitos de assédio sexual e discriminação de gênero, que se enquadram no conceito violência de gênero. O trabalho também utilizou o termo violência simbólica, que foi explorado no nosso estudo.

A dissertação da Ligia Tesser Pereira, foi apresentada em 2020 com o título *As mulheres no jornalismo do Paraná: uma análise de desigualdades de gênero no ambiente de trabalho*. Como procedimentos metodológicos, a autora utilizou: 1) pesquisa bibliográfica; 2) entrevista semiestruturada e 3) análise de dados. Assim como nosso estudo, a dissertação possui um enfoque em mulheres jornalistas e a desigualdade no mercado de trabalho. A Lígia é doutoranda no PPG de Comunicação da Unisinos, dessa forma, conheci o trabalho dela em sala de aula, onde trocamos referências de autores. Assim como o estudo de Bezerra, essa dissertação nos auxiliou com percepções que guiaram nossa pesquisa e com indicação de um vasto referencial teórico.

Em fevereiro de 2020, Isabele Rodrigues Camara apresentou a dissertação *A percepção de jornalistas sobre a relação entre o assédio moral contra mulheres e a qualidade de vida no trabalho*, focado nas jornalistas cearenses. A pesquisa em sua metodologia usou o método qualitativo, de natureza descritiva e explicativa, por meio de entrevistas com as profissionais e análise de conteúdo. O resultado da pesquisa mostrou que as entrevistas acreditavam que o ambiente jornalístico era desigual entre homens e mulheres, e que o feminismo poderia ser uma forma de mudar o cenário. As teorias debatidas nesta dissertação nos auxiliaram na construção do capítulo 2, onde também abordamos as divisões do trabalho a partir do gênero. Camara aborda também a relação entre os assédios sofridos pelas jornalistas e a qualidade de vida das mesmas. Apesar de não abordarmos em nosso estudo a qualidade de vida das jornalistas mulheres, debatemos como a violência gera implicações não apenas para a profissão, mas para as pessoas que são envolvidas nas redes de ódio e agressão.

A dissertação *Direitos Humanos das Mulheres e a luta contra a violência de gênero* foi apresentada em 2021, por Francinilcia Leite Melo. A pesquisa teve um foco maior na violência de gênero realizada dentro das casas das vítimas. O procedimento metodológico utilizou revisão bibliográfica. Este trabalho, por focar mais na definição da violência de gênero doméstica, não foi utilizado como referencial no nosso estudo.

Na edição de 2022 da revista digital da E-Compós, Júlia dos Anjos publicou o artigo *Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher*. A pesquisa utilizou como procedimento metodológico o Estudo de Caso, e analisou as matérias do Portal G1 sobre a acusação de Poliana Bagatini contra seu marido na época, o cantor Victor Chaves. O estudo analisou as reportagens do ano em que ocorreu a acusação, 2017, e o ano da condenação do cantor, em 2020. Segundo a pesquisa, o posicionamento do Portal foi de culpabilização da vítima, ou seja, que a mulher provocou a violência, até o momento que o acusado foi condenado. Não utilizamos o estudo como referência direta na nossa pesquisa, pois ele trouxe pouco enfoque no conceito de misoginia. Porém, esse artigo trouxe em seu referencial diversos autores que poderão ser utilizados como fonte para a nossa pesquisa, como: Freire Filho, Anjos e Lopes (2020) e Kramer e Sprenger (2016).

Em 2021, os autores Érica Cristina Pereira Lima-Souza, Carolina Maria Mota-Santos e Antônio Carvalho Neto publicaram o artigo *De Operárias a Abelhas Rainhas: obstáculos que impactam a carreira das jornalistas*. A pesquisa focou-se no ambiente de trabalho de jornalistas, de ambos os gêneros, no telejornalismo. O estudo ainda mostrou que, por mais que as mulheres sejam maioria nas funções, ainda são as que menos ocupam o cargo de chefe. O artigo ainda mostra que a maternidade é um empecilho na subida de cargo. Essa pesquisa aborda

de forma indireta o conceito de divisão sexual do trabalho, explicando que o gênero é um dos fatores que determina a posição de uma mulher na profissão e também a forma como ela será tratada. Dessa forma, esse artigo nos ajudou na reflexão sobre as posições que as mulheres ocupam na profissão.

Em 2017, Felipe Simão Pontes publicou o artigo *Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras*, que analisou os dados da Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro. Além da análise de dados, o autor entrevistou jornalistas brasileiros. Assim como a pesquisa acima, esse estudo também concluiu que as mulheres são maioria na profissão, mas ainda são as que recebem menos, ocupam menos cargos de liderança, entre outras desigualdades de gênero. Utilizamos os dados trazidos por Pontes para analisar as diferenças entre o relatório do perfil dos jornalistas em 2012 e 2021, podendo assim perceber as mudanças que houveram na profissão nos últimos anos em relação a gênero e poder.

Em busca de responder o problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho, começamos o trabalho com dois capítulos teóricos. O primeiro intitulado *Sociedade, Jornalismo e Gênero*, aborda a dimensão social do jornalismo, abordando seu papel em busca da verdade e de informar os cidadãos, auxiliando na manutenção da democracia. No final do capítulo, analisamos a função do jornalismo no auxílio da construção da realidade e identidade, e a partir disso iniciamos o primeiro subcapítulo, onde avaliamos os benefícios de haver mulheres na profissão, possibilitando assim uma criação mais plural. Como percebemos que o conceito de gênero perpassa as relações sociais e de trabalho, discutimos ele no próximo subcapítulo. Onde abordamos os conceitos de patriarcado, misoginia e violência de gênero. Neste capítulo trabalhamos autores como Vieira (2020), Lippmann (2013), Paccola (2004), Lerner (2013) e Pontes (2017).

O segundo capítulo tem como nome Desinformação e Descrédibilização como estratégia misógina. Buscando uma maior relação entre os capítulos, começamos falando sobre misoginia e a massa bolsonarista, e em seguida sobre a teia desinformativa potencializada pelas plataformas de redes sociais. Como durante as análises prévias do trabalho percebemos o uso de memes desinformativos nos ataques, abordamos esse conceito com os autores Chagas, Freira, Rios e Magalhães (2017), Rayza Sarmiento e Viktor Chagas (2020) e Chagas (2021). Por fim, explicamos o conceito de Desinformação de Gênero, criado por autores como Judson et al (2020) e Acquolini (2023).

Como metodologia usamos o estudo de casos múltiplos (YIN, 2015 e PRODANOV E FREITAS, 2013) e método de análise de construção de sentidos em redes digitais (AQUINO e GONZATTI, 2018). A partir dos relatórios da FENAJ dos quatro anos de Governo Bolsonaro,

escolhemos seis casos para analisar e também observamos dois casos correlatos de violência. As jornalistas que foram escolhidas para a análise foram Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães, ambas jornalistas que cobrem a área de política e foram atacadas pela família Bolsonaro ao longo do período analisado. No capítulo 5 - Metodologia explicamos de forma aprofundada a escolha dos casos e jornalistas.

Na análise consideramos tanto o post que foi o ponto inicial do acontecimento quanto os comentários, montando assim redes de sentidos que podem ser percebidas através desses discursos. Os posts analisados foram coletados das plataformas de redes sociais Facebook e X (antigo Twitter).

2 SOCIEDADE, JORNALISMO E GÊNERO

Para vivermos em sociedade democrática é preciso que haja uma estruturação de direitos, deveres, e onde as necessidades de todos e todas sejam ouvidas e consideradas. Essa organização social passa por vários fatores e um deles é a deliberação pública, onde os temas de interesse mútuo são trazidos à tona e debatidos, buscando se chegar num ponto comum. Conhecido como esfera pública, esse ambiente de argumentação é onde cria-se a opinião pública. Para auxiliar nessa esfera pública, torna-se indispensável haver uma imprensa livre e isenta, que poderia auxiliar na escolha dos temas, na discussão deles e na formação da opinião pública. Dessa forma, o jornalismo assumiria uma postura social e política em sua tarefa.

Assim, o primeiro capítulo da dissertação busca entender de que forma o jornalismo é visto na sociedade atual e explicar o papel que se espera do jornalismo em mediar a realidade e ser uma busca pela verdade, através de autores como Lippmann (2017), Paccola (2004), Traquina (2008), Gomes e Maia (2008), entre outros. Além disso, buscamos fazer uma revisão das teorias de gênero e misoginia, entendendo de que forma as mulheres foram vistas no passado e no presente, além de que forma a sociedade se divide a partir do gênero nos âmbitos de poder, trabalho e liberdade. Para isso, utilizamos as autoras Lerner (2013), Carloto (2001) e Vieira (2020). Neste capítulo também discutimos o que é a violência de gênero e o conceito de patriarcado público, temas debatidos por autores como Balbinotti (2018), Araújo (2008) e Xavier (2022).

2.1 O PAPEL DO JORNALISMO

Em 1914, ano de início da Primeira Guerra Mundial, começou-se a discutir a “dimensão política do jornalismo” com a obra de Walter Lippmann, intitulada *A Opinião Pública* (SERRANO, 2006, p.63). Em seu livro, Walter começa narrando a vida numa ilha, onde ingleses, franceses e alemães viviam e não havia canais de comunicação diretos com o mundo exterior, dessa forma, a correspondência demorava a chegar com as notícias. Assim, os moradores dessa ilha demoraram cerca de seis semanas para saberem do início da guerra: “por seis semanas estranhas eles tinham agido como se eles fossem amigos, quando na verdade eles eram inimigos” (LIPPMANN, 2017, p.3, tradução nossa)⁸. Nesse exemplo dado pelo autor, a

⁸ “For six strange weeks they had acted as if they were friends, when in fact they were enemies” (LIPPMANN, 2017, p.3).

partir da função do jornalismo em retratar a guerra, os personagens poderiam assumir outra postura uns com os outros, mudando assim a dinâmica política e social.

Ao decorrer do seu livro, Lippmann (2017) explica que cada pessoa tem uma imagem/representação do mundo em sua cabeça, que não condiz com a realidade. Ou seja, nossas vivências, educação e preconceitos vão moldando a forma como interpretamos a realidade. O autor ainda diz que:

As imagens dentro da cabeça desses seres humanos, as imagens deles mesmos, dos outros, das suas necessidades, propósitos, e relações, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são influenciadas por grupos de pessoas ou por indivíduos agindo por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome de grupos, são Opinião Pública com letras maiúsculas (LIPPMANN, 2017, p.29, tradução nossa)⁹.

Além de haver essas imagens não reais, para Lippmann (2017), o público nunca entenderá o ambiente político, pois ele não conseguirá investir muito tempo em assuntos públicos e também porque os eventos serão explicados em mensagens curtas. O entendimento do mundo também poderia ser afetado pela forma como a comunicação circula de emissores para receptores por meio de signos que codificam e decodificam a mensagem. Os signos são interpretados considerando nosso entendimento e vivência de mundo, sendo algo exclusivo para cada pessoa.

Em seu artigo “*O papel dos jornalistas e a democracia*”, a autora Paccola (2004, p.1) fala sobre o excesso de informações ao qual o consumidor está diariamente exposto para assim explicar o papel dos homens e mulheres jornalistas na manutenção da democracia, agindo como um filtro de acontecimentos. Assim como Lippmann, a autora falava sobre a dificuldade da tomada de decisões democráticas frente a tanta informação, propagação de desinformação e o pouco tempo a ser investido na reflexão (PACCOLA, 2004, p.9). Autora separa os cidadãos em duas categorias: 1) os “ignorantes” que não teriam como fazer a análise e tomar uma decisão; 2) e os “racionais”, que mesmo não tendo níveis elevados de informações, conseguem tomar decisões políticas e auxiliar no processo democrático (PACCOLA, 2004, p.9).

É importante considerarmos que a produção de informações e o acesso a elas se acentuou após a democratização das redes sociais no início dos anos 2000, período que foi denominado “a era da informação”. Esse momento resultou em mudanças em vários aspectos

⁹ “The pictures inside the heads of these humans beings, the pictures of themselves, of others, of their needs, purposes, and relationship, are their public opinion. Those pictures which are acted upon by groups of people, or by individuals acting upon by group of peoples, or by individual acting in the name of groups, are Public Opinion with capital letters” (LIPPMANN, 2017, p.29)

da vida como nas relações sociais, econômicas, políticas, além de impactar psicologicamente os indivíduos (JAMIL E NEVES, p.41, 2000).

Pesquisas mostraram que em 2018, a quantidade de informação criada e disponibilizada na internet era de “1 bilhão de gigabytes a cada dois dias” ou o equivalente a tudo que foi produzido do “início da civilização até 2003” (MARTINS, COSTA E MARTINS, 2018, n.p.).

Com a ocorrência da pandemia de COVID-19, as informações produzidas e compartilhadas a partir de 2019 tiveram um aumento notável, num fenômeno conhecido como “infodemia”. Numa junção das palavras pandemia e informação, o termo se refere a um aumento no volume de informações sobre um tema específico. Mais do que informações visando alertar sobre os perigos da doença e cuidados necessários, um grande número de informações falsas, rumores e desinformação foi produzido e espalhado. “Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus” (GARCIA E DUARTE, 2020, p.1).

Para auxiliar o público diante do problema do excesso de informação e nas decisões democráticas, surgiria o papel social do jornalismo, o qual filtraria os conteúdos e o deixaria acessível, utilizando critérios de noticiabilidade. Acreditamos que para entendermos os critérios de noticiabilidade, é importante ressaltarmos o que Nelson Traquina (2008, n.p.) definiu como notícia. Para o autor, a notícia é o resultado de um processo que começa com a percepção de um acontecimento, para em seguida selecionar o material e transformar essa matéria-prima (os acontecimentos) em uma mercadoria (TRAQUINA, 2008, n.p.). O tempo todo somos rodeados de diversos acontecimentos, então, por isso os homens e mulheres jornalistas selecionam aqueles que serão relatados.

Traquina (2008, n.p.) ao longo do texto explica alguns critérios que são usados nas escolhas de quais acontecimentos serão noticiados. Destacamos alguns desses parâmetros: 1) territorialidade, ou seja, onde isso aconteceu e se o jornal em questão cobre esse território. Também pode ser considerado o impacto desse acontecimento em outros territórios, como as guerras, por exemplo; 2) organização interna dos jornais, e se eles cobrem alguns assuntos. Por exemplo, jornais que cobrem esportes dificilmente irão cobrir temas políticos, sem que haja interferência de um em outro; 3) outro fator seria o quanto o acontecimento se destaca como algo anormal, isso é, que não ocorre com frequência. Nesse terceiro tópico o autor utiliza o exemplo de que se um cachorro morde um homem, é algo comum, que não se tornará notícia por si só. Mas se um homem morde um cachorro, esse assunto se tornaria um fato noticioso.

Podemos assim considerar que um dos papéis centrais do jornalismo seria a publicização de conteúdo verdadeiro e de qualidade para o público, agindo como um filtro de informações.

Além dessa filtragem, podemos destacar que o jornalismo também faz um cruzamento de informações de várias fontes, auxiliando no entendimento da informação, e criaria uma agenda de debate, escolhendo os temas com relevância para serem discutidos em grupo pela população.

A partir das informações filtradas pelo jornalismo, a população estaria mais preparada para participar da esfera pública. Wilson Gomes e Rousiley Maia (2008, p. 12) explicam que com a redemocratização do país em 1988, começou a haver um interesse dos pesquisadores da área da comunicação sob o termo Opinião Pública, que na época teve uma “revalorização”. Os autores explicam que “as arenas discursivas” seriam mediadoras entre o governo e a população, e os cidadãos poderiam deliberar sobre os assuntos e escolhas “coletivas que afetam e importam” (GOMES E MAIA, 2008, p. 16). Nesses espaços de troca, os problemas que afetam a sociedade poderiam ser “percebidos, formulados e discutidos” (GOMES E MAIA, 2008, p. 17).

Essas arenas discursivas, cujo sistema materializa a esfera pública política, são a condição social básica para a formação de uma opinião pública política formulada coletivamente e testada por meio de procedimentos argumentativos abertos, que refletem os interesses e preferências representados no corpo da sociedade (GOMES E MAIA, 2008, p. 17).

O papel do Estado na esfera pública seria o de apropriar-se das críticas e contribuições da população, para em seguida criar uma agenda e propor políticas que derivariam das decisões tomadas coletivamente. Nesse cenário, o papel da mídia assumiria dois eixos: 1) ajudar na construção desse espaço deliberativo; 2) auxiliar na criação de espaços no governo para que a opinião pública consiga entrar (GOMES E MAIA, 2008, p. 18).

A autora Cleusa Yung (2021, p.38) analisa que entre a sociedade, democracia e jornalismo há um contrato social, com cada parte tendo ações a serem cumpridas. Ao nosso ver, ocorre uma co-dependência entre esses três pilares: o papel do jornalismo neste contrato seria o de repasse de informações pertinentes ao público, a democracia na manutenção da liberdade de expressão e de imprensa, e a sociedade o de se informar e participar do debate público.

Ao contribuir na discussão na Esfera Pública, o jornalismo estaria ajudando na consolidação da democracia. Por isso, o jornalismo é muitas vezes chamado de Quarto Poder, em referência aos três poderes existentes em democracias: Legislativo, Executivo e Judiciário. Seu papel como Quarto Poder seria o de fiscalizar os demais, sendo um mediador entre o povo e os governantes (RIZZOTTO, 2012, p.111). Para Nico Carpentier (2006, p.151-152) esse papel de Quarto Poder ou Watchdog¹⁰ auxiliaria o povo de duas maneiras: a formal e a informal. A

¹⁰ A tradução do termo seria "Cão de Guarda". Esse tipo de jornalismo seria o responsável por vigiar os poderes e alertar a população sobre as injustiças.

maneira formal seria auxiliando a população na escolha dos representantes, ou seja, por meio de eleições. Já a maneira informal seria por meio da Opinião Pública, isso é, trazendo para o debate os assuntos relevantes de uma democracia.

Entre pesquisadores da área não há uma definição clara sobre o que significa o Quarto Poder, dessa forma, Albuquerque (2009, p.1) analisa que existem três definições para o conceito: 1) seria o de “contra-poder”, que controlaria o governo, tendo um papel de cão de guarda, que defenderia os “interesses dos cidadãos”; 2) seria um papel não oficial, onde o jornalismo auxiliaria no governo, e todos os poderes se fiscalizariam mutuamente; 3) o jornalismo mediará “os conflitos” entre os outros três poderes e defenderia o interesse do povo. O autor ainda explica que essa ação do jornalismo não é amparada constitucionalmente, mas, uma escolha dos grupos midiáticos em fazê-la.

A imprensa desempenhou um papel importante no processo de redemocratização do Brasil [...] e com base nele, passou a reivindicar um papel político ativo, como fiadora da democracia e suas instituições (ALBUQUERQUE, 2009, p. 10).

Já Bucci (2008, p.21) analisa que o jornalismo e sua responsabilidade social não fiscalizam somente o governo, mas também os “grupos econômicos e o poder de influência dos chamados movimentos sociais, cujas máquinas de propaganda e de lobby não são desprezíveis”.

Com base nos estudos de Marina Themudo, a pesquisadora Serrano (2006, p.74) argumenta que a mídia não é um poder e nem um contrapoder, mas sim o Metapoder. De acordo com ela, o jornalismo ao moderar e fiscalizar, estaria interferindo no funcionamento dos demais poderes, perturbando o sistema democrático. Em contraponto Ferreira (2011, p 82) diz que por mais que a democracia e o jornalismo possam existir sem dependências, existindo cenários onde só há um ou outro, é no ambiente democrático que o “jornalismo encontra-se ao seu serviço”. Assim, podendo agir com responsabilidade social ao auxiliar na manutenção do sistema e na produção da Opinião Pública, além de gerar um espaço para o debate sobre assuntos públicos.

Contribuindo para o debate acerca da função social do jornalismo, a autora Yung (2021, p.27) analisa que a imprensa divulga temas que ajudariam na manutenção da democracia, como as ações de agentes do Governo, além de fatos que “poderiam passar despercebidos ou que estão sendo escondidos” (YUNG, 2021, p.27). Ainda em seu trabalho, a autora traz as perspectivas de Busquets (2019) e Christina et al (2009) sobre os quatro papéis que a imprensa pode desempenhar numa democracia, auxiliando ela.

O primeiro papel que pode ser desempenhado é o de monitoramento das instituições, sendo segundo a autora o mais conhecido e divulgado. Nesse papel, o jornalismo divulga

informações de interesse público, e podem fornecer “aconselhamento e advertências” à sociedade (BUSQUETS, 2019, p.71 apud YUNG, 2021, p.37).

A próxima atribuição seria a de facilitador, pois ajudaria a defender o jornalismo como fontes necessárias de informações, de diversas áreas, incluindo política (YUNG, 2021, p.37). O terceiro papel seria o de radical, onde além de fazer o monitoramento, a imprensa também teria um papel crítico sobre as ações governamentais (YUNG, 2021, p.37). E por fim, a atribuição de colaborativo, auxiliando em “assuntos de interesse nacional”, como as guerras, desastres e emergências.

Ferreira (2011, p.82-83), com base em Michael Schudson (2008, p.11-26) argumenta que há sete funções que o jornalismo pode ter numa democracia, e essas funções podem estar combinadas e com diferentes graus de atuação. A primeira função é que a notícia tem o propósito de informar. A segunda seria investigar diferentes agentes de poder. Em terceiro lugar é analisar o mundo, facilitando a compreensão de aspectos complexos do mesmo. O quarto ponto seria de dar “espaço às vozes menos favorecidas”, contando histórias de “diversidade de pontos de vista e modos de vida”. O quinto ponto é o jornalismo sendo “gerador de espaço público”. Em sexto lugar, o jornalismo como “agente de mobilização” a “favor de determinadas perspectivas ou programas políticos”. Em último lugar seria o de divulgar a democracia, mas combatendo o jornalismo populista (FERREIRA, 2011, p.82-83).

Como dito anteriormente, é no século XIX que a imprensa e a política começam a traçar uma relação de simbiose, sendo muitas vezes os jornalistas considerados atores políticos, por interferirem no processo democrático. De acordo com a autora Serrano (2006, p.65-66) existem três investigações distintas da relação jornalismo e política, sendo elas: 1) de escala reduzida, estuda a “interação entre jornalistas e fontes”; 2) de escala média, analisando a interação do jornalismo com o ambiente político, onde aborda como o “jornalismo afeta a democracia”, falando também da liberdade de imprensa e credibilidade; 3) de larga escala, aborda “a descrição dos processos jornalísticos sob diferentes sistemas políticos”. Neste trabalho estamos seguindo a segunda abordagem.

Além de auxiliar no entendimento da democracia e no conhecimento dos eventos públicos que norteiam a tomada de decisões no cenário político, o jornalismo também teria outras funções em relação à sociedade. Por exemplo, ao noticiar os acontecimentos, poderia contribuir com a criação de um retrato do mundo em diversos âmbitos, desse modo, estaria contribuindo para uma construção da realidade (PACCOLA, 2004, p.9).

Para Aidil Navarro (2020, p.100789-100790), ao criar uma notícia dentro de um definido espaço social, o jornalismo também estaria auxiliando na construção da identidade

individual. Lisboa e Benetti (2017, p.52) também abordam que o jornalismo auxilia a população a entender o mundo e a si mesmo. Junto com outras formas de conhecimento e propagação de informação, o jornalismo seria um construtor de realidades. “Muito do que sabemos sobre o mundo e sobre nós mesmos nos chega por meio de relatos de familiares, amigos, professores – e do jornalismo” (LISBOA E BENETTI, 2017, p.53). As autoras também citam Kovach e Rosenstiel (2001, p. 16 apud LISBOA E BENETTI, 2017, p.57) ao falar que a informação seria o meio das pessoas buscarem liberdade e autogovernança.

Ao registrar os fatos e ajudar na construção da realidade, o jornalismo também seria responsável pela representação da memória coletiva, eternizando os fatos na história e servindo como base de busca de fatos marcantes. Reginato (2016, p.233 apud LISBOA E BENETTI, 2017, p.57), ainda conclui que a imprensa poderia ajudar a mostrar a pluralidade da sociedade a partir dos seus relatos. Para mostrar a diversidade da sociedade é importante que o jornalismo seja formado por pessoas diferentes, trazendo uma pluralidade de visões de mundo e formas de traduzir os acontecimentos. Assim, a presença de mulheres nas redações traria outras perspectivas de compreender a vida.

2.2 AS MULHERES NA PROFISSÃO

Desde os primórdios do jornalismo, as mulheres estavam presentes nas redações. Em seu artigo “*Lugar de mulher é na redação: o jornalismo performático e o destaque alcançado por repórteres mulheres*”, a autora Natália Costa faz uma análise histórica da participação feminina na produção de notícias. Em seu texto, a autora traz dados que mostram que desde o século XVII, houve mulheres jornalistas nos Estados Unidos e em seguida no restante do mundo (COSTA, 2013, p.1-6).

Costa reforça que a produção jornalística feita pelas mulheres nesse período era voltada para temas considerados femininos e fúteis, como moda, culinária, literatura, etc. Um exemplo é que não há registro da participação de mulheres jornalistas na cobertura da Guerra Civil dos Estados Unidos (COSTA, 2013, p.6-7). Já os temas considerados importantes e relevantes para o desenvolvimento da sociedade, como economia e política, eram cobertos pelos jornalistas homens. Apesar de quatro séculos terem se passado desde os primeiros registros das mulheres na profissão, ainda não avançamos muito no quesito igualdade.

No Brasil, a regulamentação da profissão, em 1969 contribuiu para que mulheres entrassem nas redações, mas o espaço destinado para elas era escondido. “Atendiam ao telefone

ou trabalhavam no secretariado ou por vezes faziam parte da produção, mas nunca assumiram os microfones e a ancoragem do meio” (GONÇALVES, 2021, p.2).

Apesar das mudanças sociais ocorridas na sociedade nos últimos anos, hoje em dia ainda há uma divisão do trabalho a partir do gênero¹¹, onde o gênero delimita e muitas vezes impõe a área de atuação. A pesquisadora Carloto (2001, p.206) faz um adendo de que essa divisão por meio do gênero não cria “a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social”. A autora prossegue dizendo que:

A divisão sexual do trabalho, como base material do sistema de sexo-gênero concretiza e dá legitimidade às ideologias, representações e imagens de gênero, estas por sua vez fazem o mesmo movimento em relação às práticas cotidianas que segregam as mulheres nas esferas reprodutivas-produtivas, num eterno processo de mediação (CARLOTO, 2001, p.206).

Márcia Veiga, em 2012, escreveu o trabalho “*Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo*”, onde ela passa três meses acompanhando a rotina jornalística de um jornal no sul do país. Nessa observação de campo, a autora percebe que os valores sociais também estavam presentes na “cultura profissional e da identidade dos jornalistas” (VEIGA, 2012, p.491). Ou seja, em uma sociedade machista e patriarcal, provavelmente as relações de trabalho também irão refletir esses pensamentos e comportamentos.

No caso das relações entre os profissionais, percebi que as atitudes e os atributos mais valorizados encontravam-se em consonância com os valores convencionalmente associados ao masculino, e deste modo mais próximos do poder e do prestígio (VEIGA, 2012, p.491).

A autora também nota como a escolha dos temas a serem tratados e os profissionais que se dedicarão na cobertura dos assuntos passa por um filtro de gênero. Ou seja, tudo que se relaciona com o universo do masculino (pautas e profissionais) terão preferência.

Podemos concluir a partir disso, que é por meio do jornalismo e dos meios de comunicação, que normas e convenções sociais são reforçadas, como a misoginia e a heteronormatividade na sociedade (VEIGA, 2021, p.492). A autora reforça que a mídia é um “dispositivo pedagógico” que ensina sobre quais comportamentos humanos são certos ou errados.

Através delas (notícias) surgem receitas de como ser homem ou mulher, criança, idoso(a), bem sucedido(a), saudável, bonito(a), das formas corretas de exercício da sexualidade, bem como o processo continuado da forja dos sujeitos que “interessam” socialmente. E todas estas receitas são baseadas em alguns pressupostos

¹¹ Estamos usando o termo divisão do trabalho a partir do gênero no lugar do conceito divisão sexual do trabalho, pois não é somente o sexo que define essa diferenciação, mas, sim, os papéis sociais.

histórica e culturalmente construídos como irrefutáveis, e deste modo participam dos conhecimentos sociais partilhados pelo jornalismo (VEIGA, 2012, p.492).

Veiga ainda pontua, que gênero e classe são dois marcadores que ajudam a organizar as relações sociais, em uma hierarquia social excludente. “Pode ser compreendida por meio da imagem de uma pirâmide de distribuição do poder, cujo topo é formado pelo masculino hegemônico, e a base por atributos que remetem ao que se coloca no pólo oposto - o feminino” (VEIGA, 2012, p.493).

Ligia Tesser Pereira, em sua dissertação intitulada "*As mulheres no jornalismo do Paraná: uma análise de desigualdade de gênero no ambiente de trabalho*", concorda com Veiga, afirmando que a classe social, gênero e situação geográfica influenciam na escrita e escolha das pautas (PEREIRA, 2020).

Dessa forma, a autora conclui que o gênero também é uma forma de distinguir os profissionais, indicando assim a posição que o/a jornalista irá ocupar e o reconhecimento que a pessoa terá dentro da empresa (VEIGA, 2012, p.492).

As desigualdades de gênero dentro da profissão não se mostram apenas na escolha das pautas e editorias. Apesar das mulheres representarem a maior parte dos jornalistas, atualmente, sendo 57,8% do total (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2022, p.28), elas ainda enfrentam diversas desigualdades sociais, como salários menores e exclusão de cargos de prestígio, representando apenas 49,5% das pessoas em posição de editor (ABRAJI E GÊNERO E NÚMERO, 2018, n.p.). Além disso, a maioria (86,4%) admite já ter “passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho” (ABRAJI E GÊNERO E NÚMERO, 2018, n.p.).

De acordo com dados da pesquisa *Mulheres no Jornalismo*, realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) em parceria com o portal Gênero e Número, apoiada pelo Google News Lab, a maioria das jornalistas (41,3%) era designada para cobrir ou várias editorias e nenhuma editoria específica. Já as editorias que são consideradas “masculinas”, como esportes, tecnologia e política, quase não eram ocupadas por mulheres, com respectivamente, 4,6%, 0,6% e 13% do total (ABRAJI E GÊNERO E NÚMERO, 2018, n.p.).

O autor Felipe Simão Pontes (2017, p.6) ao analisar o perfil das jornalistas brasileiras, a partir do relatório "*Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro*", divulgada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2012, mostrou que as mulheres ganhavam menos que os homens e tinham menos acesso a benefícios.

Os dados mostram que a maioria das mulheres (66,5%) ganhavam até cinco salários mínimos contra 51,2% dos homens. Ao analisar as rendas a partir de cinco salários, a proporção de inverte e os homens passam a ganhar mais: “23,2% das mulheres ganham de cinco a dez mínimos (28,2% dos homens), 7,1% das mulheres de dez a vinte salários mínimos (12,9% dos homens) e 1,6% acima de 20 mínimos (4,9%)” (PONTES, 2017, p.6).

A pesquisa sobre o perfil dos profissionais de 2021 não fazia distinções entre os gêneros em relação ao salário, dessa forma, não temos como analisar se houve mudanças na remuneração. Segundo os dados, 27,1% dos jornalistas recebiam entre R\$5.501 e R\$11.000 mensais (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2022, p.44). Já a pesquisa sobre as mulheres no jornalismo constatou que a maioria das jornalistas recebia 3.500 reais de salário mensalmente (ABRAJI E GÊNERO E NÚMERO, 2018, n.p.).

Em 2013, uma pesquisa da FENAJ concluiu que o número de mulheres jornalistas havia superado o número de homens na profissão, mas eram eles que ocupavam os cargos de chefia em jornais brasileiros. Além disso, utilizando dados da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), a disparidade salarial entre homens e mulheres chegava a 23%, ou seja, as mulheres recebiam 77% a menos do que os homens (GOLÇALVES, 2021, p.2).

Além da predominância masculina nas redações trazer prejuízos em relação a pluralidade de óticas abordadas e representatividade, também pode colocar a mulher socialmente em uma situação de injustiça e vulnerabilidade, não somente na profissão, mas em vários âmbitos da vida. “Assim, o sistema aceita piadas machistas, além de outras atitudes, que atestam e atribuem ao homem a sexualidade plena, de maneira que o presidente Bolsonaro faz discursos e ofensas machistas e misóginas” (GONÇALVES, 2021, p.2).

Conforme vimos ao longo deste item, o conceito de gênero ajuda a entender as relações de trabalho, delimitando vários aspectos cotidianos das mulheres jornalistas, como editoria de atuação, cargo e salário. Dessa forma, entendemos ser necessário um aprofundamento no conceito.

2.3 CONCEITUANDO GÊNERO

“Imagine viver em um mundo em que as mulheres são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter sua história contada”. É dessa forma que Lola Aronovich começa seu prefácio de introdução ao livro *A Origem do Patriarcado*, de Gerda Lerner.

Lerner se formou na *News School for Social Research*, e a partir do seu incômodo com a falta de explicações sobre a presença feminina nos movimentos importantes da história, começou a teorizar neste campo. Na obra referida acima, Lerner (2013) busca entender em qual ponto da história da humanidade o patriarcado foi criado e estabelecido, além de tentar compreender: 1) como ocorreu a subordinação feminina; 2) o papel das mulheres nesse processo; 3) as circunstâncias para que se opusessem a essa dominação; 4) e a “ascensão da consciência feminista” (LERNER, 2013, n.p.). Scott (1995) e Nicholson (1999) em seus trabalhos também mostram que a dúvida de Lerner aflige outros historiadores.

Na introdução do livro, Lerner (2013, n.p.) explica que até um passado recente, a história era contada por historiadores, que “registravam o que homens haviam feito, vivenciado e considerado significativo”. Já a vivência e contribuição das mulheres foi apagada, não fazendo parte dessa história universal sobre a humanidade. A pesquisadora Natália Costa, em seu trabalho, mostra que a exclusão das mulheres da história que é contada, não limita apenas às mulheres, mas também a história (COSTA, 2013, p.2). “A solicitação supostamente modesta de que a história seja suplementada com informação sobre as mulheres sugere, não apenas que a história como esta é incompleta, mas também que o domínio que os historiadores têm do passado é necessariamente parcial” (SCOTT, 1992, p. 79 APUD COSTA, 2013, p.2).

Para a pesquisadora Cássia Maria Carloto (2001, p.202) a desigualdade de responsabilidade entre os gêneros na “produção social da existência” utiliza critérios “sexistas, classistas e racistas”. Assim, a exclusão das mulheres dos livros de histórias poderia ter origem no preconceito que há contra as mulheres de forma naturalizada.

Lerner (2013, n.p.) também aborda o determinismo biológico, teoria que acreditava que os homens e as mulheres eram diferentes biologicamente e por essa razão tinham papéis diferentes a serem desempenhados: como os homens, por serem fortes, sendo caçadores e provedores, e as mulheres, por seres sensíveis e terem útero, o papel de ser mãe. A autora acredita que há diferenças entre os sexos, “mas que os valores e as implicações baseados nessa diferença resultam da cultura”.

Ao usarmos o sexo como um pilar na explicação sobre gênero e não somente como o definidor, retiramos da biologia a responsabilidade de explicar as diferenças entre homens e mulheres e a trazemos para o campo das ciências sociais. Assim, a análise sobre gênero utilizaria “condições históricas e sociais de produção das crenças e dos saberes sobre os sexos e de legitimação das divisões sociais baseadas no sexo” (AMÂNCIO, 2003, p.687).

Dessa forma, o conceito de gênero seria uma elaboração cultural sujeita a mudanças, conforme a sociedade e a cultura se desenvolvem. Um exemplo é a cor rosa e azul, que

respectivamente, representam atualmente os sexos feminino e masculino, mas nem sempre foi assim.

Para a autora Maria Luiza Heilborn (1994, n.p.) gênero seria a “construção social do sexo”, ou seja, as características “anátomo-fisiológica” e também as atividades sexuais dos seres humanos que são moldados num “sistema de representações”. A pesquisadora complementa dizendo que na espécie humana somos divididos em duas categorias: macho e fêmea, “mas a qualidade de ser homem e ser mulher é condição realizada pela cultura” (HEILBORN, 1994, n.p.).

A escritora e filósofa Judith Butler, em suas obras, traz o conceito de performatividade, onde cada sujeito performa/atua com base do que se espera do gênero em questão. Para ambas as autoras, a forma como nos portamos é em partes construídas com base nas expectativas sociais de como devemos nos portar.

Em uma aula aberta no *Youtube*, a pesquisadora Helena Vieira (2020, online) aborda a semiótica presente no gênero. Para ela, “não há nada natural no gênero ou no sexo”, sendo tudo um produto discursivo (criado pelo discurso), onde há signos sendo interpretados e traduzidos, e há influência da cultura nesse processo também. Ela também aborda a “interpretação cultural do sexo”, ou seja, de que forma o sexo é presente na nossa cultura e de que forma ele penetra nas nossas relações sociais (VIEIRA, 2020, online).

Em sua aula, Vieira (2020, online) prossegue exemplificando o conceito de performatividade de gênero explicado acima. O exemplo citado é quando um médico faz o ultrassom para ver o sexo do bebê, ele cria campos de significados sobre a criança: a cor que ela usará, profissões que poderá exercer no futuro, quais brincadeiras fará, entre outras ideias apoiadas em gênero. Nesse caso, ao anunciar é menino ou menina, o enunciado feito não seria descritivo, mas sim performativo. Vieira finaliza o exemplo falando que na teoria de Butler, não é esse campo de significado prévio que criará o homem ou a mulher, mas sim a repetição dele. “Se não existe uma essência masculina e feminina, eu só posso ser mulher se eu estiver funcionando, neste mundo, como aquilo que dizem que é uma mulher” (PORTO DRAGÃO, 2020, online).

Como dito antes, as expectativas sobre os gêneros não são naturais, mas culturais, e por isso não são garantidas, sendo necessário que ela seja imposta diversas vezes para se confirmar. Assim, não é natural homens não chorarem, mas como esse comportamento é visto como algo não masculino, é incentivado e reforçado (IJUSP INSTITUTO JUNGUIANO DE SÃO PAULO, 2022, online).

No início do seu livro *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir aborda sobre o que é ser mulher e quais os parâmetros que definem uma. A autora constata que apesar das mulheres representarem metade da humanidade falava-se que a feminilidade corria perigo: “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (DE BEAUVOIR, 2009, n.p.).

Para responder sua pergunta sobre o que é ser mulher, De Beauvoir (2009, n.p.) “se obriga a declarar: ‘sou uma mulher’”, pois para a autora, os homens não precisam apresentar seu gênero, porque isso já seria pressuposto. Em uma aula aberta para alunos de psicologia do *Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP)*, Rita Von Hunty (2022, online) afirma que “gênero é verbo”, sendo uma característica mutável e performável. Dessa forma, nós estamos sendo mulheres, mas não somos, e precisamos constantemente negociar nossa identidade. “Ser um homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; uma condição ativamente em construção” (CONNEL E PEARSE, 2015, p.38)

Para Carloto (2001, p.201-202) os gêneros podem ser considerados “modelos de comportamento mutuamente excludentes cuja aplicação supõem o hiperdesenvolvimento de um número de potencialidades comuns aos humanos em detrimento de outras. Modelos que se impõem ditatorialmente às pessoas em função do seu sexo”. Ou seja, a mulher deve agir de um determinado jeito e se ela não agir assim, não será considerada mulher. Além disso, o gênero cria um sistema simbólico único, que “relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais” (CARLOTO, 2001, p.208). Dessa forma, podemos entender que até mesmo em uma sociedade matriarcal, os gêneros ainda poderiam ser definidos de forma que fosse desigual.

Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade. Sob essa ótica, a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através de diferentes culturas são entendidas como sendo sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social’ (LAURETIS, 1987, p. 212).

Além de ser um construtor de identidade, o nosso gênero ajudaria na nossa construção de nós mesmos, e impactaria na forma como vemos o mundo e como o mundo nos vê. Para a pesquisadora Ann Oakley (1997, p.53 apud AMÂNCIO, 2003, p.694) as perspectivas culturais impostas sobre os corpos poderia ajudar as pessoas a entender aspectos “pessoais e políticos [...] de suas próprias identidades e das identidades de outras pessoas”¹². Por conta dessa visão

¹² “[...] to map a domain of cultural perspectives on the natural body which would help people to develop both personal and political understandings of important aspects of their own and other people’s identities” (Oakley, 1997, p. 53 apud AM ÂNCIO, 2003, p.694)

de mundo única e criada a partir da vivência cultural, ter pessoas cujo gênero não seja o masculino nas redações jornalísticas poderia auxiliar na produção de realidade que não se baseasse na visão hierárquica que a sociedade tem atualmente.

Lígia Amâncio (2003, p.700) aborda que para além de formar a identidade, o gênero também afetaria a forma como acontecem as relações sociais, como as familiares, de trabalho e políticas. Apoiada nessa ideia, podemos citar alguns exemplos de como o gênero molda ações do cotidiano.

Nas relações familiares, podemos exemplificar que um dos gêneros é frequentemente mais agredido que o outro, apenas por existir. Em 2022, 2.423 casos de violência contra mulheres foram registrados no país, sendo 495 deles feminicídio, isto é, quando a mulher é morta por ser mulher. Os agressores, na maior parte das vezes, são os companheiros e ex-companheiros, sendo responsáveis por 75% dos feminicídios. Entre as motivações principais estão “brigas e término de relacionamento”¹³.

No âmbito do mercado de trabalho, a desigualdade salarial é um ponto de atenção nas diferenças entre os gêneros. Segundo o Tribunal Superior do Trabalho (TST), utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), em 2019, o rendimento das mulheres era, em média, 77,7% do total do rendimento masculino (TST, 2023, online). Além disso, as mulheres são as mais afetadas pelo desemprego: 14,1% delas contra 9,6% dos homens¹⁴. A pesquisa também mostra que as mulheres dedicam quase o dobro de tempo nas tarefas domésticas em relação aos homens, sendo, respectivamente, 21,4 horas semanais e 11 horas. “Com isso, as mulheres ficam mais sujeitas a trabalhos informais, mais precários ou a contratos intermitentes ou a tempo parcial” (TST, 2023, online).

Em todas as sociedades contemporâneas sobre as quais temos estatísticas, as mulheres realizam a maioria das tarefas domésticas [...]. Esses tipos de trabalhos são frequentemente associados a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadosas, gentis, diligentes, estando sempre prontas para se sacrificarem pelos outros, por exemplo, como ‘boas mães’ (CONNEL E PEARSE, 2015, p.33).

Os autores Rayza Sarmiento e Viktor Chagas, no artigo *Bela, recatada e do bar: memes de internet, política e gênero*, analisam a discussão teórica de Pateman (1994, p.203), onde há

¹³ REDE DE OBSERVATÓRIOS DE SEGURANÇA. **A cada quatro horas, ao menos uma mulher é vítima de violência.** Disponível em <<http://observatorioseguranca.com.br/violencia-mulher-femicidio/>> Acesso em 03 de julho de 2023.

¹⁴ TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia discriminação de gênero no mercado de trabalho.** Disponível em <<https://www.tst.jus.br/-/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-evidencia-discriminacao-de-genero-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em 04 de julho de 2023.

uma comparação “das mulheres, os escravos e os escravos assalariados. Na investigação percebe-se que com o contrato de casamento (não somente o contrato legal perante à lei, mas o contrato social que se firma) também se sela um contrato de trabalho sem ganhos, onde a mulher toma conta dos afazeres domésticos, mas esse esforço não é pago nem considerado nas métricas de produtividade do país.

Nas relações de trabalho jornalísticas, essa desigualdade também foi notada, conforme comentado no início do capítulo. Sendo percebida nas diferenças de cargo, salário e também do tipo de violência que recebem ao desempenharem sua função de jornalista.

Na esfera política, o gênero também aparece como um molde para as relações. Para exemplificar, podemos pensar que, em 2022, no Brasil, apenas 91 deputadas federais foram eleitas para ocupar uma das 513 cadeiras disponíveis na Câmara de Deputados, o que representa 17,7% do total de vagas. Além disso, apenas dois partidos dos 32 existentes no país são presididos por mulheres, sendo eles o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Mulher Brasileira (PMB)¹⁵.

Connel e Pearse (2015, p.49) analisam que o gênero é multidimensional, não podendo ser analisado considerando apenas uma estrutura. Dessa forma, a identidade, o trabalho, a política, a sexualidade, a liberdade são afetados e modificados por essa condição.

Citando Colette Guillaumin (1992), Lígia (2003, p.701) aborda como gênero é uma relação de poder. Segundo as autoras, ocorre uma “apropriação do tempo, do corpo, da sexualidade, da disponibilidade física para os cuidados com os outros”. Essa definição sobre a relação de poder consegue ser notada no exemplo 1 e 2 acima, da seguinte forma: 1) apropriação do corpo: quando o companheiro ou ex-companheiro agride e/ou mata tendo como motivação o relacionamento; 2) apropriação do tempo e da disponibilidade de cuidado: quando as mulheres dedicam boa parte do seu tempo para os cuidados familiares e com tarefas domésticas. Além do gênero definir que haverá diferenças entre homens e mulheres, ele também é o responsável por definir “qualificação das tarefas, nos salários, na disciplina do trabalho” que homens e mulheres desempenham (CARLOTO, 2001, p.205). Complemento dizendo que a importância dada a tarefa executada também passará por um filtro de gênero, onde o papel que o homem desempenha será visto como essencial e “superior”.

¹⁵ G1. **Mulheres na política: os obstáculos e as violências que dificultam a representatividade feminina - e prejudicam a democracia.** Disponível em <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/08/mulheres-na-politica-os-obstaculos-e-as-violencias-que-dificultam-a-representatividade-feminina-e-prejudicam-a-democracia.ghtml>> Acesso em 04 de julho de 2023.

Guillaumin (1992, p.28 apud AMÂNCIO, 2003, p.701) explica que a relação de poder ocorre com um sexo se sobrepondo ao outro, fazendo analogias com a escravidão e relações de classe. Amâncio discorda desse posicionamento, afirmando que o gênero, ao contrário da etnia e cor de pele não são um atributo concreto, mas sim “um saber da sociedade” (AMÂNCIO, 2003, p.706).

Lola Aronovich (2013) no prefácio do livro de Lerner (2013) explica que é o patriarcado que cria e reforça a diferença entre os gêneros que leva à dominação masculina e à submissão feminina. E ele está presente e sendo reforçado por instituições que temos contato diário, como a família, religiões, leis, entre outras.

A autora sintetiza ações que auxiliam na manutenção do patriarcado. Entre os tópicos listados podemos destacar: o acesso limitado à educação, a divisão das mulheres a partir de um julgamento moral de quais mereceriam respeito ou não, “discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político” e também a recompensa dada a mulheres que não desafiam a ordem imposta. Tanto Aronovich quanto Lerner abordam que o patriarcado só funciona pois há cooperação das mulheres. Essa ideia é rechaçada por outras pesquisadoras, que acreditam que todas as mulheres são vítimas desse sistema.

2.3.1 As faces da violência contra as mulheres

Como dito acima, socialmente, os gêneros são percebidos e categorizados de formas distintas. Essa distinção leva um gênero ser percebido como superior ao outro. Nesse contexto patriarcal, onde estamos inseridas e inseridos, o gênero dominante é o masculino. A autora Izabele Balbinotti (2018), em seu texto intitulado *A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo*, faz uma recapitulação histórica, buscando entender como a sociedade passou da igualdade entre os gêneros para o patriarcado. Ela categoriza essa organização social como tendo duas regras primordiais: 1) as mulheres são subordinadas aos homens, e 2) os homens jovens são subordinados aos homens mais velhos (BALBINOTTI, 2018, p.242).

Com as mulheres sendo dominadas pelos homens, elas ficam reduzidas a ter participação apenas no âmbito doméstico, não interferindo no âmbito público, como a política, por exemplo. As autoras Connel e Pearse (3025, p.33) citam que as mulheres, como grupo social, têm menos chances de serem encontradas na esfera pública do que seus pares do gênero masculino. Podemos notar essa fala no exemplo que demos na página 34 sobre a presença de mulheres em cargos políticos. As autoras também concluem que quando as mulheres chegam a

ter espaço na esfera pública, geralmente elas possuem menos recursos disponíveis. Podemos exemplificar nesse contexto, a diferença salarial entre homens e mulheres.

Essa naturalização do patriarcado, legitima o “controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia feminina” (BALBINOTTI, 2018, p.242). E para se manter nessa posição, a violência pode ser usada como recurso. Consideramos importante frisar que há diversas formas de violência, podendo ser física, psicológica, moral, entre outras.

A ordem patriarcal seria uma geradora de violência de gênero, pois “delega aos homens o direito de dominar e controlar suas mulheres, podendo para isso usar a violência”, além de gerar desigualdade entre homens e mulheres (ARAÚJO, 2008, n.p.). A autora Maria de Fátima Araújo explica que a violência de gênero tem origem e se reproduz por meio de relação de poder, que envolvem “gênero, classe e raça/etnia”.

A partir do trabalho de Santos e Izumino (2005), Balbinotti (2018, p.246) aborda que há três vertentes teóricas que abordam o conceito de violência contra a mulher. A primeira teoria é em referência ao sociólogo francês Pierre Bourdieu, que escreveu o livro *A dominação masculina*, em 1998. A obra aborda o papel dominante que foi concedido aos homens e fala sobre os “mecanismos históricos”, estruturas que eternizam a diferença e desigualdade entre os gêneros. Essas ações históricas afetam vários âmbitos da vida, como o do trabalho, das relações sociais, divisão de tarefas e bens, entre outros. O autor também cunha o termo violência simbólica, que ele explica:

Também sempre vi na dominação masculina, e no como como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, n.p.)

Ou seja, é uma dominação naturalizada, onde a vítima não percebe que está sendo dominada. Para Araújo (2008, n.p.), esse poder dos homens sobre as mulheres estrutura toda a vida social, indo desde a organização a percepção que temos sobre.

Saffioti (2001, n.p.) argumenta que a dominação masculina é por si só uma violência, pois o dominado não pode não ceder ao dominador, pois enxerga essa relação de exploração-domação como algo natural. Se crescemos numa sociedade que só enxerga valor no masculino, no cisgênero, no heteronormativo, como podemos esperar que quem se encontra fora dessas esferas busque reconhecimento?

Saffioti (2001, n.p.) cita o filme *Lanternas Vermelhas*, para mostrar que esse papel de subjugação patriarcal não precisava necessariamente ser feito por um homem, ele pode delegá-

lo a outro ser: “a figura do patriarca pode ser encarnada por qualquer cidadão”. Dessa forma, mulheres, por exemplo, podem cobrar umas às outras a submissão aos homens. No parágrafo que antecede esse subcapítulo, abordamos que há teorias que analisam que o patriarcado é uma instituição reforçada pelas mulheres, mesmo que seja sem esse propósito. Ou seja, há mulheres que acreditam no patriarcado e nessa divisão a partir do gênero, pois talvez nunca foram apresentadas a outras realidades, a exemplos concretos de homens e mulheres vivendo em igualdade.

A autora ainda afirma que o poder é dado aos homens, mas esses nem sempre precisam utilizá-lo (SAFFIOTI, 2001, n.p.), ou seja, nem todos os homens e mulheres cumprem “rigorosamente” com os padrões impostos socialmente. Assim sendo, nem todos os homens utilizam o privilégio patriarcal da mesma forma, “assim como nem todas as mulheres se submetem igualmente a essa dominação” (ARAÚJO, 2008, n.p.). A partir desse exemplo, podemos pensar em homens que tentam viver uma vida sem subjugar as mulheres, mas que mesmo sem querer, mantêm benefícios, simplesmente por serem do gênero masculino.

A segunda corrente teórica apresentada por Balbinotti (2018, p.246-247) apresenta traços do feminismo marxista, ou seja aborda como a dominação masculina é reforçada e incentivada numa sociedade de classes. Essa ideia é defendida por Saffioti (1979, p.150) que diz que essa ideologia machista é um instrumento que além de favorecer o patriarcado, favorece o capitalismo, onde quem se beneficia é o “homem branco, rico e adulto”. Nesse sentido, podemos abordar a teoria feminista interseccional, que acredita que há um cruzamento entre raça, gênero e classe como sistemas opressivos e desiguais (DINIZ, 2023, online)¹⁶.

Comprovando essa teoria apresentada por Saffioti, uma pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades, da Universidade de São Paulo (Made/USP), em 2021, mostrou que “1% dos homens brancos ricos recebem mais que todas as mulheres negras do Brasil”. Os dados mostram que eles têm uma renda média de R\$114 mil mensais, enquanto elas têm uma renda média mensal de R\$1.600¹⁷.

Por fim, a terceira corrente teórica que aborda a violência de gênero é a da escritora Maria Filomena Gregori (1993) que buscou descrever a relação entre dominação e vitimização. Assim, Gregori acredita que a violência não deve ser apenas analisada como apenas uma “ação

¹⁶ DINIZ, Débora. **Primeira aula do Nossas Conversas**. Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/CpQ8400ISYv/>> Acesso em 25 de fevereiro de 2024.

¹⁷ CORREIO BRAZILIENSE. **1% dos homens brancos ricos recebem mais que todas as mulheres negras do Brasil**. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/12/4970921-1-dos-homens-brancos-ricos-recebem-mais-que-todas-mulheres-negras-do-brasil.html>> Acesso em 25 de fevereiro de 2024.

criminosa e que exige punição" (GREGORI, 1993, p.166 apud BALBINOTTI, 2018, p.247). Além disso, a autora acredita que devemos enxergar para além da dualidade de vítima e agressor. Pensamos a partir desse ponto, que a violência de gênero deva ser enxergada como um problema estrutural e sistêmico, que é reforçado pela sociedade.

Podemos classificar a cultura machista como uma das bases para esse reforço da diferença e violência entre gêneros. A autora Balbinotti (2018, p.247) define o machismo como uma ideologia que oferece ao gênero masculino o controle do “mercado, governo”, educação, política e demais atividades públicas. Já para o gênero subordinado, o feminino, sobra o espaço privado, que é delimitado como sendo o espaço da produção e “sobrevivência doméstica e familiar” (BALBINOTTI, 2018, p.247-248). Por mais que as mulheres tenham acesso à esfera pública, sua opinião e participação não são levadas tão em conta quanto a de seus pares, podendo assim caracterizar o que Sylvia Walby (1990) chama de patriarcado público.

Em sua obra *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*, a autora Flávia Biroli (2017) aborda as relações de trabalho e gênero. Para ela, o patriarcado teria como características a exclusão das mulheres e o controle dos homens sobre elas (BIROLI, 2017, n.p.). Dessa forma, a família estaria “no centro dessa dinâmica de opressão” - chamada por Walby de “patriarcado privado”. Com as mudanças no ambiente de trabalho, e a participação feminina nesse meio, as relações foram modificadas. “A visão de Walby é de que a opressão das mulheres permaneceu, porém transformada” (BIROLI, 2017, n.p.).

Assim, podemos entender que a opressão agora se daria de forma conjunta, numa junção entre Estado, mercado e família - “a expropriação de seu trabalho se daria agora de forma mais coletiva do que individual” (BIROLI, 2017, n.p.). Então, por mais que tenha acontecido a inclusão das mulheres nas faculdades, empresas, parlamentos, essas “novas formas de inclusão seriam acompanhadas de formas também renovadas de opressão e controle” (BIROLI, 2017, n.p.).

Em relação a ligação entre os conceitos de violência e masculino, Balbinotti (2018, p.249) explica o que podemos definir com masculinidade tóxica. Ou seja, o patriarcado não afeta somente as mulheres, mas também coloca os homens em uma posição de cumprir expectativas e papéis de gênero. “O masculino é investido na posição social de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas” (BALBINOTTI, 2018, p.249).

Por consequência, a violência se torna a “expressão mais evidente da dominação masculina [...] a violência representa o ponto culminante da afirmação da virilidade, como forma de expressão da superioridade do homem” (BALBINOTTI, 2018, p.250).

Na maioria dos seus discursos, o ex-presidente Jair Bolsonaro deixa claro sua percepção da superioridade masculina. Um dos exemplos que repercutiu, foi quando disse que teve quatro filhos homens e na quinta, ele deu uma fraquejada e por isso ela nasceu com o sexo feminino (ESTADO DE MINAS, 2018, online)¹⁸.

O autor Diogo Carlos Ponce de Leon (2022), em sua monografia intitulada *O discurso nazista e bolsonarista: violência, segregação, estereótipos de gênero e sexualidade em defesa da família*, faz um comparativo entre esses dois governos em relação ao gênero e sexualidade. Uma das hipóteses trabalhadas no documento é de que o discurso bolsonarista tem um apelo entre o público masculino, pois é “dirigido a eles no sentido de reforçar um antigo modelo de dominação masculina ao condenar e desmerecer - direta ou indiretamente - as conquistas femininas e de grupos historicamente segregados por questões de gênero e sexualidade” (XAVIER, 2022, n.p). Vale destacar, que na eleição de 2018, o número de eleitores homens que apoiavam Bolsonaro era o triplo em relação ao das mulheres¹⁹.

A pesquisadora Kellen Jacobsen Follador, ao fazer um mapeamento histórico de como a mulher foi descrita na visão do patriarcado ocidental, escreve que “a imagem do feminino esteve ligada a ambiguidades” que auxiliaram na construção do sentido de superioridade masculina (FOLLADOR, 2009, p.6). De um lado temos as mulheres sendo representadas como “um ser frágil, vitimizado e santo”, como a Virgem Maria, uma santa, que deveria servir como modelo às demais mulheres (FOLLADOR, 2009, p.6). E na outra perspectiva, temos a figura que causava ódio e repulsa, sendo uma representação de uma “mulher forte, perigosa e pecadora”, como a Eva.

Na sua pesquisa, Xavier (2022, n.p.) aponta que o estereótipo da Virgem Maria é presente nos discursos de valorização dos dois governos, além da valorização e mantimentos do que chamam de “bons costumes”. Segundo o autor:

¹⁸ ESTADO DE MINAS. **Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou 'brincadeira'**. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml> Acesso em 04 de março de 2024.

¹⁹ VEJA. **Número de eleitores homens de Bolsonaro é o triplo do de mulheres**. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/numero-de-eleitores-homens-de-bolsonaro-e-o-triplo-do-de-mulheres>> Acesso em 04 de março de 2024.

O que se esconde sob estrutura do discurso se referindo como uma ‘defesa de valores’ é a defesa de uma estrutura familiar patriarcal cujo objetivo central é dar continuidade a um regime de violência e reforçar a posição da mulher subordinada ao marido (XAVIER, 2022, n.p).

Outro ponto de caráter misógino presente em ambos os governos é o culto a violência, onde acredita-se que o mais forte deve dominar o mais fraco. Xavier (2022, n.p.) complementa dizendo que há uma ordenação de gênero, raça e classe a partir dessa ideia de dominação.

Em relação a ambiguidade tratada por Follador (2009), Xavier complementa trabalhando sobre o destaque dado a maternidade, que tem dois objetivos: 1) de ordem material, ou seja, de “se preservar hereditariamente as propriedades - característico da sociedade patriarcal”; 2) e de lutar contra o empoderamento das mulheres e o reforço da separação entre o ambiente público e privado.

Por isso é tão importante para a sociedade patriarcal reforçar a oposição moral entre a mãe e a prostituta, como também é importante idealizar a maternidade e a condição da mulher como a “dona do lar”. O que se cria, assim, é uma falsa ideia de poder da mulher dentro do ambiente privado, quando na verdade está impedindo-a de participar independentemente do âmbito público (XAVIER, 2022, n.p).

Em sua análise, Xavier (2022, n.p.) aborda que ao longo de toda sua carreira Bolsonaro apresentou um comportamento machista. Um dos exemplos citados pelo autor, são os ataques contra as jornalistas mulheres, que iremos aprofundar nas análises do *capítulo 5 - Descrição dos casos e 6 - Análise dos casos*.

3 A DESINFORMAÇÃO E DESCREDIBILIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA MISÓGINA

Como visto no capítulo anterior, há uma distinção social entre os gêneros, sendo um mais apreciado do que o outro. Com os avanços feministas em prol da igualdade entre os gêneros, homens, que até então, estavam acostumados com o poder, se encontram encurralados. A partir da formação de comunidades, favorecidas pelas mecânicas das plataformas de redes sociais, eles se juntam e criam um ambiente de ódio destinado às mulheres e demais minorias sociais.

Nesse espaço de irritação e recalque, surgem as bolhas, o discurso de ódio e também uma teia desinformativa que busca atacar e desacreditar as mulheres. Com frases e imagens que agridem a vida privada e pública de diversas mulheres, há uma intenção de ferir a moral - e, numa sociedade patriarcal, alguns traços da moral são vistos como parte de um capital social.

Para entendermos a formação dessas comunidades de ódio, utilizamos autores como Carvalho e Freitas (2022), Marques (2023) e Xavier (2022). Já para os estudos de filtro-bolha, câmaras de eco, desinformação e desacreditização, os autores utilizados são Wardle (2018), Pariser (2012) e Gomes e Dourado (2019).

3.1 A MISOGINIA E A MASSA BOLSONARISTA

Vivemos em uma sociedade machista, onde o desprezo pelas mulheres e a busca pela desigualdade entre os gêneros reina, e que fortalece a misoginia, que é caracterizada pela “repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres” (CARVALHO E FREITAS, 2022, p.114). Segundo as autoras, a misoginia pode ser demonstrada de diversas formas de comportamento: “na objetificação e depreciação das mulheres, bem como pela violência física, moral, sexual, patrimonial ou psicológica” (CARVALHO E FREITAS, 2022, p.114).

Buscando analisar de que forma o gênero e as desigualdades entre homens e mulheres se inscreveram na pandemia de Covid-19, as autoras Carla Severino de Carvalho e Geisa Fróesde Freitas cunham o termo “misoginia bolsonarista”:

Uma vez que a aversão e o menosprezo às mulheres estão no centro da ideologia promovida pelo atual governo, que transforma o machismo em ação política, incentiva a violência doméstica e prega a supremacia dos homens na sociedade, vide a coleção de declarações machistas feitas pelo presidente por parte de seus ministros contra as mulheres ao longo do seu mandato” (CARVALHO E FREITAS, 2022, p.115).

Analisando o trabalho da filósofa brasileira Márcia Tiburi, as autoras analisam que a morte da democracia brasileira²⁰ tem relação direta com a misoginia propagada pelo Governo Bolsonaro. “Assim, a misoginia bolsonarista pode ser entendida como um projeto de governo, a política do ódio às mulheres com vistas à desmoralização e à ridicularização destas com vistas à manutenção do status quo do patriarcado na política” (CARVALHO E FREITAS, 2022, p.115).

A partir dos dados sobre violência de gênero durante a pandemia no Brasil, as autoras concluem que através dos discursos repletos de raiva contra as mulheres, o governo incitou que esse comportamento fosse replicado pela sociedade.

No sétimo capítulo do livro *Flagelos da Desinformação*, Maraisa Marques observa os ataques contra as mulheres jornalistas durante o Governo Bolsonaro, buscando entender como funciona a misoginia bolsonarista. Segundo ela, os ataques contra as mulheres são notoriamente misóginos, referindo ao “corpo e à aparência, miram relações familiares e questionam as capacidades intelectuais” das profissionais (MARQUES, 2023, p. 148).

Para a autora, Bolsonaro tinha dois propósitos de governar: 1) desacreditar a imprensa; 2) “explorar o caráter inflamatório das redes digitais para atacar a reputação de mulheres” (MARQUES, 2023, p.148). A autora complementa dizendo que essas:

São atitudes inconstitucionais e imorais que, por partirem de um chefe de Estado, constituem abuso de poder e crime de responsabilidade por influenciar muitos cidadãos a repetirem suas falas e, em alguns casos, praticá-las (MARQUES, 2023, p.148-149).

Mas para além disso, o comportamento de Bolsonaro e seus seguidores nos revela um ressentimento coletivo contra os avanços dos direitos das mulheres nos últimos anos. Marques (2023, p.149) ainda analisa que essa massa se diz ancorada nos “valores da família”, porém se sente no direito de atacar as mulheres, que são uma peça chave nesta constituição familiar heteronormativa. Relembrando o estudo de Xavier (2022, n.p.), podemos afirmar que nessa visão familiar patriarcal, a mulher só tem um papel e uma serventia: o serviço ao provedor - que deve ser o homem - mesmo que como hospedagem para a prole. Ou seja, as mulheres não são vistas em igualdade com os homens, mas sim como um meio para se chegar ao fim. O que, nesse caso, seria a manutenção da espécie e da propriedade. A partir dessa visão misógina, a

²⁰ Escolhemos usar esse termo em referência ao livro “Como as democracias morrem!”, escrito pelos autores estadunidenses Steven Levitsky e Daniel Ziblatt. Na obra, os autores percorrem um caminho histórico e filosófico sobre os motivos que levam uma democracia a ficar enfraquecida e a mercê do autoritarismo.

mulher perde sua identificação como ser humano e vira um objeto a ser usado para os fins que os homens desejarem.

Do ponto de vista do materialismo histórico, a estruturação da família patriarcal baseada na propriedade privada perpetua a opressão da mulher. O conflito entre a família e o Estado define o seu destino e sela o papel do homem. É por isso que, para os regimes autoritários e conservadores, a emancipação da mulher é um perigo que ameaça a moral e os interesses – e estabelecer uma relação entre misoginia e autoritarismo é vital para que não haja retrocessos. Não surpreende, portanto, que as jornalistas mulheres sejam o alvo preferido de Bolsonaro. Tanto por se tratar de profissionais competentes, politicamente ativas e economicamente independentes, quanto por fazerem parte da imprensa – um dos pilares da democracia (MARQUES, 2023, p.151-152).

Em relação ao ressentimento que os homens sentem dos avanços feministas, Marques (2023, p.150-151) aborda que há uma “crise da masculinidade”, onde os direitos conquistados pelas mulheres, como voto, inserção social, direito ao trabalho, entre outros, “desestabilizaram o papel estruturante da identidade de muitos homens: o de macho provedor”. Analisando por essa perspectiva, os avanços feministas acabaram desestruturando a família tradicional, criando uma ruptura no paradigma social. A autora, com base nos estudos da antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, debate que os brasileiros ressentidos encontraram espaço nas redes sociais para seu pensamento misógino. É nesse espaço virtual, que com a ajuda de algoritmos e bots, o discurso extremista encontra espaço e consegue se disfarçar como piadas e memes (MARQUES, 2023, p.151).

Para explicar a junção de pessoas numa massa bolsonarista, Marques (2023, p.154) utiliza o autor Charles S. Peirce, conhecido pelas suas contribuições ao campo da semiótica. No entendimento de Peirce, as crenças são as responsáveis pelo nosso modo de agir, “ou seja, crenças genuínas são guias de condutas [...] agarramo-nos a tudo aquilo que nos conduz para as nossas crenças” (MARQUES, 2023, p.154-155). Dessa forma, as redes sociais podem criar câmaras de eco, que os autores Cinelli, Morales, Galeazzi, Quattrociochi e Starnini (2020, p.1) definem como o fato das redes sociais em limitar a exposição dos usuários à diferentes perspectivas, formando assim grupo que pensam igual e reforçam uma narrativa compartilhada²¹. Esse pensar em comum ajuda a formarmos identificação e uma massa com outras pessoas (MARQUES, 2023, p.155). Assim, a autora a partir dos estudos de Freud diz que “no interior de uma massa, o indivíduo experimenta uma mudança psíquica profunda, onde sua afetividade é intensificada e a sua capacidade intelectual diminuída. A massa ignora a

²¹ “Social media may limit the exposure to diverse perspectives and favor the formation of groups of like-minded users framing and reinforcing a shared narrative, that is, echo chambers” (tradução da autora).

verdade e é extraordinariamente acrítica” (MARQUES, 2023, p.155). O líder também desempenha um papel fundamental nessa ligação. A massa idealiza o líder, mas não se identifica com ele, ou seja “a ligação se aproxima mais de uma servidão apaixonada” (MARQUES, 2023, p.155). Essa idealização do líder em massas, se reflete, por exemplo, no fato de Bolsonaro ser visto como um Mito, um herói, um messias, que irá salvar o país dos perigos (como pessoas LGBTQIA +, feministas, comunistas, entre outros).

“É em razão disso que uma massa está inclinada a todos os extremos, sobretudo diante de um líder que incita comportamentos violentos e preconceituosos de classe e gênero”, conclui Marques (2023, p.155). A autora também aborda o papel das plataformas de redes sociais nas massas. Diminuindo o papel social da imprensa em filtrar e a checagem de fatos, as plataformas criam (ou reforçam) uma massa mais destrutiva. Nesse espaço virtual, uma informação compartilhada, independente da sua veracidade ou não, se difunde entre as emoções dos receptores (MARQUES, 2023, p.156). Então, se nesse ambiente digital, um grupo criar mensagens falsas que corroboram com a visão de uma massa, esse conteúdo se alastrará. É o que nos mostra uma pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), dos Estados Unidos, lançada em 2018. Os pesquisadores concluíram que uma informação falsa se espalha até 70% mais rápido do que uma verdadeira. “Cada postagem verdadeira atinge, em média, mil pessoas, enquanto as postagens falsas mais populares atingem de mil a 100 mil pessoas” (CORREIO BRAZILIENSE, 2018, online)²².

Para criar um conteúdo personalizado e de acordo com os gostos dos usuários, as plataformas utilizam a personalização algorítmica, que pode levar aos filtros-bolha, fenômeno que corrobora com as câmaras de eco.

Eli Pariser, ativista político e da internet, em seu trabalho intitulado *O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você* explica que essa personalização dos filtros se dá por conta da sobrecarga de informações em que vivemos.

No fim das contas, os defensores da personalização nos oferecem um mundo feito sob medida, adaptado à perfeição para cada um de nós. É um lugar confortável, povoado por nossas pessoas, coisas e ideias preferidas. Se nunca mais quisermos ouvir falar de reality shows (ou de coisas mais sérias, como tiroteios), não precisaremos mais ouvir falar [...] Se nunca clicarmos em artigos sobre culinária, sobre gadgets ou sobre o mundo além das fronteiras de nosso país, essas coisas simplesmente desaparecerão. Nunca mais ficaremos entediados, nada mais nos perturbará. Os meios de comunicação serão um reflexo perfeito de nossos interesses e desejos (PARISER, 2012, n.p.).

²² CORREIO BRAZILIENSE. **'Fake news' se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml> Acesso em 10 de março de 2024.

Mas o autor alerta que essa personalização traz malefícios sociais, “que surgem quando uma massa de pessoas começa a viver uma existência filtrada” (PARISER, 2012, n.p.).

Na bolha dos filtros, há menos espaço para os encontros fortuitos que nos trazem novas percepções e aprendizados. A criatividade muitas vezes é atíçada pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas diferentes [...] Por definição, um mundo construído a partir do que é familiar é um mundo no qual não temos nada a aprender. Se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências e ideias estonteantes, destruidoras de preconceitos, que mudam o modo como pensamos sobre o mundo e sobre nós mesmos (PARISER, 2012, n.p.).

A partir disso, a autora Marques (2023, p.156) conclui que essa personalização tende a fazer os usuários a confirmarem seus vieses, os levando a não enxergar o mundo por outras perspectivas. E é nesse ambiente, que as informações falsas encontram terreno fértil para se multiplicar. A autora Júlia de Souza Sales, no seu trabalho *As contribuições da psicologia para o estudo da propagação de desinformação nas redes sociais como ameaça à democracia*, reforça que é nesse espaço que as mentiras são reforçadas por outras, criando assim uma teia de desinformação (2021, p.16).

3.2 A TEIA DESINFORMATIVA

Apesar das mentiras e informações falsas não serem um fenômeno recente, o termo popular *Fake News*²³, que se refere a informações falsas ou informações divulgadas em contextos falsos, ganhou notoriedade a partir de 2016. Nas eleições estadunidenses daquele ano, onde Donald Trump saiu vitorioso, o termo foi amplamente divulgado por ele e seus aliados, como uma forma de classificar conteúdos verídicos que os descontentavam (TRÄSEL, LISBOA E VINCIPROVA, 2019, p.480). A pesquisadora Claire Wardle (2018, p.952) complementa dizendo que esse termo se tornou uma ferramenta para minar e rodear a liberdade de imprensa.

Nas eleições brasileiras de 2018, a desinformação também foi amplamente usada. Esse cenário se repetiu ao longo dos quatro anos do Governo, tendo sido objeto de diversas pesquisas sobre o assunto (TAVARES, SILVA E OLIVEIRA, 2022; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2022; FERREIRA, 2021). Em ambos os cenários, a desinformação circulou principalmente nas plataformas de redes sociais e com o uso de robôs.

²³ Nessa pesquisa iremos utilizar o termo informações falsas e desinformação para se referir ao conteúdo manipulado ou divulgado com a intenção de manipular, pois com base em autores como Zuckerman (2017), Träsel, Lisboa e Vinciprova (2019) e Wardle (2017), o termo Fake News não abrange toda a cadeia de informações, que pode ser feita em vários formatos e também a ideia de que uma notícia não tem como ser falsa.

O poder exercido pelas plataformas de redes sociais é objeto de debate ao redor do globo. Além do assunto estar sendo discutido por ativistas, políticos e sociedade de modo geral, ele também vem sendo comentado pelos criadores das plataformas. Em 2019, por exemplo, Mark Zuckerberg, fundador da empresa Meta, que controla o Facebook, Instagram e Whatsapp, publicou um artigo sobre o tópico no Washington Post (LIMA E VALENTE, 2020, n.p.). No seu texto, Zuckerberg falou sobre a regulação das plataformas e elencou cinco temas que deveriam ser analisados: “conteúdo prejudicial (harmful content), debates online em períodos eleitorais, proteção de dados e portabilidade de dados” (LIMA E VALENTE, 2020, n.p.).

Ainda em seu artigo, Zuckerberg fala sobre a forma como as plataformas interferem no discurso, tendo poder exacerbado sobre ele (LIMA E VALENTE, 2020, n.p.). Segundo diversos especialistas, como Silva, Botelho-Francisco, Oliveira e Pontes (2021) e Fabríz e Mendonça (2022), as plataformas têm um papel crucial diante do combate ao discurso de ódio.

O autor Marco Aurelio Moura, no seu livro *O discurso de ódio em redes sociais*, apoiado na conceitualização de Winfried Brugger, caracteriza o discurso de ódio como a “a manifestação de ideias que incitam à discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”²⁴.

Em relação ao combate desse tipo de discurso, uma das dificuldades se refere ao direito à liberdade de expressão, garantido pela Constituição de 1988. Fabríz e Mendonça (2022, p.132) defendem que barrar o discurso de ódio não seria o mesmo que atacar o direito à expressão, pois há no primeiro diversos abusos ao direito de liberdade de expressão. “Não se deve perder de vista que todo discurso envolve dois lados – um emissor e um receptor – e que um ambiente saudável de debate deve promover amplo acesso e oportunidades para interação. Os debatedores devem agir de forma livre, porém lastreados no respeito aos direitos dos outros e no objetivo de manutenção do diálogo democrático” (FABRIZ E MENDONÇA, 2022, p.132).

E é nesse ambiente, que revolucionou a forma da sociedade se comunicar e compartilhar informações, que temos uma teia desinformativa, discursos de ódio, formação de comunidades e uma infinidade de conteúdos a disposição de um clique.

Como dito no início deste trabalho, no capítulo Sociedade, Jornalismo e Gênero, autores como Lippmann e Paccola acreditam que, por haver uma quantidade exorbitante de informações a que temos acesso frequentemente, nossa capacidade de escolha e participação política pode ficar comprometida. Se analisarmos um cenário, que além das informações verídicas também temos acesso a muitas informações falsas, podemos concluir que a chance de

²⁴ Importante salientar que o termo minoria nesse caso, não se refere a minorias quantitativas, mas sim de acesso ao poder.

se tomar boas decisões políticas pode ser afetada. E é nesse cenário, que autores como Azevedo e Lima (2020) e Gomes e Dourado (2019) analisam os impactos das informações falsas na opinião pública e na vida política.

É muito provável que a produção e disseminação de relatos falsos com fins políticos sejam fenômenos coextensivos à própria política. É plausível imaginar que boa parte da energia despendida na comunicação política em ambiente competitivo sempre envolveu a invenção de histórias e a disseminação de boatos, pelos mais diferentes meios e com os mais variados propósitos imediatos, a fim de criar ou destruir imagens públicas de atores políticos, produzir medo na plebe ou no eleitorado ou induzir comportamentos e atitudes dos interessados nas disputas políticas” (GOMES e DOURADO, 2019, p.35).

Na visão de Braga (2018, p.207-208) a propagação da desinformação tem dois objetivos, o primeiro sendo político, que visa a perda de prestígio do opositor, e fins econômicos, ao tentar ter lucros em cima da concentração de grandes números de usuários numa plataforma. Träsel, Lisboa e Vinciprova (2019, p. 478) complementam ao dizer que, depois que uma mentira se espalha “é muito difícil mudar a percepção equivocada dos cidadãos”, mesmo através de retificações.

Gomes e Dourado (2019) concluem que as informações falsas podem ser utilizadas de várias maneiras e com várias intenções no ambiente político. A desinformação, por exemplo, pode ser utilizada para minar a confiança do público em determinado político e/ou instituição, como por exemplo o jornalismo. Podemos incluir nessa lista, a confiança do público naqueles que trabalham com a informação, como os e as jornalistas. Dessa forma, entendemos que para além de compreender a desinformação, é necessário avaliarmos a descredibilização, como também veremos neste capítulo.

A eleição estadunidense de 2016 e o cenário brasileiro desde 2018, mostram que a desinformação tem sido uma das formas de atacar jornalistas, descredibilizando seu trabalho e gerando dúvidas no público sobre o papel do jornalismo na sociedade. Ferreira (2018, p.144) diz que a expressão *Fake News*, era usada pelos republicanos como uma forma de atacar a imprensa, equiparando erros na checagem ou divulgação dos fatos com conteúdos fabricados com o intuito de desinformar.

Segundo relatório do Portal Gênero e Número, intitulado “*o impacto da desinformação e da violência política na internet contra jornalistas, comunicadoras e LGBTQ+*”²⁵, 85,6% dos

²⁵ GÊNERO E NÚMERO. **Relatório “o impacto da desinformação e da violência política na internet contra jornalistas, comunicadoras e LGBTQ+”**. Disponível em <https://desinformacao.generonumero.media/wp-content/uploads/2022/04/PesquisaDesinformacaoGN_RSFS_relatorio-final.pdf> Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

participantes acreditam que a aceitação em relação aos ataques sofridos pela imprensa pode ter relação com a desinformação (GÊNERO E NÚMERO, 2022, p.18).

Gomes e dourado (2019, p.37) analisam que na visão de pessoas da extrema-direita o jornalismo, assim como a academia, são instituições já comprometidas, que são controladas “pelos liberais e pela esquerda”, devendo ser combatidos, e assim podendo arbitrar sobre o conhecimento. Os autores (2019, p.37) prosseguem sua análise dizendo que além de tentar desacreditar a mídia, “sustenta-se uma peculiar epistemologia tribal”, isso é, a verdade ou a mentira tem relação não com os fatos, mas sim com os valores que reforçam e sustentam.

As pesquisadoras Simone Antoniaci Tuzzo e Ana Carolina Rocha Pessôa Temer analisam que os políticos e chefes de Estado se beneficiam de informações falsas sendo divulgadas sobre o jornalismo e jornalistas, além da credibilidade dos mesmos sendo questionada (TUZZO E TEMER, 2020, n.p.).

Em uma democracia consolidada, a importância social do papel do jornalismo e jornalistas não seria questionada, pois haveria confiança entre as partes, como se houvesse um “contrato implícito” entre os profissionais e a sociedade (AGUIAR E ROXO, 2019, p.165). Assim, ao usar informações falsas contra jornalistas, esses grupos de ódio podem estar atacando um dos pilares do jornalismo: a credibilidade.

Desde o início do jornalismo profissional, valores foram vinculados ao fazer jornalismo na busca de separar a informação “profissional e de qualidade” (AGUIAR E ROXO, 2019, p.172) das demais e um desses valores é a credibilidade. Podemos entender como credibilidade a ideia de que o/a jornalista pautará seu trabalho na investigação dos fatos e que irá de maneira objetiva e imparcial informar o público sobre suas descobertas.

Durante a pandemia de Covid-19 houve um embate entre jornalistas e o ex-presidente nas divulgações de informações sobre o assunto. As tensões ocorreram principalmente pelos jornalistas estarem divulgando informações orientadas pela Organização Mundial de Saúde, enquanto o ex-Presidente declarava “informações duvidosas em redes sociais” (TUZZO e TEMER, 2020, n.p.). As autoras ainda concluem que a relação entre a imprensa e o governo está se “tornando mais tensa”, principalmente por conta da polarização social e isso poderia levar ao um aumento no número de agressões contra jornalistas e afetar a credibilidade das “empresas jornalísticas” (TUZZO e TEMER, 2020, n.p.). Esse foi o período do Governo Bolsonaro em que mais houve ataques contra jornalistas e a desinformação buscando desacreditar o trabalho jornalístico foi uma das estratégias mais usadas.

Segundo dados da pesquisa Edelman Trust Barometer 2021²⁶ e 2022²⁷, que analisam os anos anteriores, a confiança da população na mídia e no Governo, durante a pandemia, era baixa. A pesquisa que monitora o índice de confiabilidade de governos, empresas, ONGs e mídias em 28 países, teve os seguintes resultados no Brasil, nos dois anos mencionados: Em 2021, as empresas eram consideradas a única instituição confiável no país, com 61%. A imprensa e o Governo, por mais que tenham aumentado seu nível de confiabilidade, ainda tinham 48% e 39% do apoio do público, respectivamente, o que representava desconfiança. Além disso, nesse documento foi incluída a classificação “informação limpa”, ou seja, pessoas que consumiam informações de diferentes fontes, evitavam bolhas de informação, checavam as informações e não compartilhavam as não verificadas. A pontuação brasileira nesse indicador foi baixa, com apenas 32%.

Já em 2022, houve uma queda no número de brasileiros que confiavam na mídia e no governo. A imprensa atingiu 47% no ranking, e o governo 34%. Por outro lado, as empresas e ONGs aumentaram seu nível de confiança, atingindo, respectivamente, 64% e 60% do apoio do público. O documento²⁸ apresenta a seguinte classificação: de 1% a 49% há desconfiança na instituição, de 50% a 59% a confiança é classificada como neutra, e de 60% a 100% há confiança na instituição.

3.2.1 O glossário da desinformação

Para a análise dos casos que iremos fazer ao final da pesquisa, acreditamos ser necessária a classificação do conceito de desinformação. É importante explicarmos que não há um consenso na classificação, dessa forma, cada autor utiliza termos e explicações diferentes.

Para a pesquisadora estadunidense, Claire Wardle, as sociedades enfrentam atualmente uma desordem informacional e para enfrentar esse problema, será necessário uma concordância entre as terminologias utilizadas (WARDLE, 2018, p.951). Segunda ela, “sem clara e compartilhada definições, as conversas entre academias, empresas de tecnologia, políticos,

²⁶ MEIO E MENSAGEM. **Aumenta a confiança dos brasileiros nas empresas.** Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/marketing/aumenta-a-confianca-dos-brasileiros-nas-empresas>> Acesso em 23 de julho de 2023.

²⁷ MEIO E MENSAGEM. **Cai a confiança dos brasileiros no governo e na mídia.** Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/marketing/cai-a-confianca-dos-brasileiros-no-governo-e-na-midia>> Acesso em 23 de julho de 2023.

²⁸ EDELMAN. **2021 Edelman Trust Barometer.** Disponível em <<https://www.edelman.com/trust/2021-trust-barometer>> Acesso em 23 de julho de 2023.

educadores e a sociedade civil são sem sentido e ainda potencialmente perigosas” (tradução nossa)²⁹.

Dessa forma, Claire organizou uma lista com sete categorias para explicar a desordem informacional. A lista criada é por ela é utilizada como base para a pesquisa de diversos autores. A primeira categoria definida pela autora é a de Sátira e Paródia, e ela explica que essa categoria foi criada por dois motivos: 1) pois as pessoas podem não identificar que uma sátira é uma sátira quando estão lendo elas nos *feeds* das redes sociais; 2) e elas podem ser usadas como estratégia de desinformação com o objetivo de evitar o fact-checking, como o ocorrido nas eleições presidenciais da França em 2017 (WARDLE, 2018, p.953). As sátiras e paródias também podem ser enxergadas pelo usuário como uma forma de humor.

A segunda categoria criada por Wardle (2018, p.953) foi a de Falsa Conexão, ou seja, quando a manchete, o visual ou legendas não tem relação direta com o restante do conteúdo. Um exemplo são as chamadas Click Baits, que são títulos que exageram e muitas vezes não confirmam seu conteúdo, sendo usados como um atrativo para levar o usuário a outro site.

Em terceiro lugar temos a categoria Conteúdo Enganoso, que se refere quando o conteúdo verdadeiro é manipulado de forma a levar ao erro. Por exemplo, uma foto pode ser cortada, deixando de fora uma parte relevante para a explicação do contexto (WARDLE, 2018, p.953).

A categoria Falso Contexto se refere a informações verdadeiras são tiradas da situação original, tentando manipular a interpretação (WARDLE, 2018, p.953). Podemos usar como exemplo aqui falas e citações de pessoas públicas que são utilizadas em contextos errôneos a fim de prejudicar a imagem do locutor.

Em quinto lugar temos a categoria Conteúdo Impostor, ou seja, quando um conteúdo falso está em um ambiente que parece confiável. Um exemplo são plataformas de informações falsas que imitam a aparência de uma plataforma jornalística, utilizando o mesmo logo, cores, fontes, etc (WARDLE, 2018, p.953).

Em sexto lugar, Wardle (2018, p.954) define o Conteúdo Manipulado, que é uma informação que originalmente era verdadeira, mas foi manipulada com o objetivo de desinformar. E em último lugar, Wardle categoriza o Conteúdo Fabricado, que é uma informação completamente falsa e criada com a intenção de enganar.

²⁹ “Without clear, and shared, definitions, conversations among academics, technology companies, politicians, educators, and civil society are meaningless, and even potentially dangerous” (WARDLE, 2018, p.951).

Para a autora, essas sete categorias podem ser divididas dentro da 3 tipos de desordem informacional, sendo elas: Misinformation, quando o conteúdo é falso, mas não tem a intenção de prejudicar (por exemplo as sátiras, paródias ou click baits) (WARDLE, 2018, p.954). Disinformation é utilizada nas categorias que tem a intenção de prejudicar, como mentiras, conteúdo fabricados e manipulação (WARDLE, 2018, p.954). E, por fim, temos o tipo Malinformation, que é quando conteúdos verdadeiros são manipulados de forma a prejudicar (WARDLE, 2018, p.954).

Em sua pesquisa, Wardle (2018, p.975) ainda define os três estágios da desordem informacional, sendo eles: a criação, a produção, a distribuição e a reprodução. Frisamos que nem sempre ocorre a reprodução do conteúdo, dependendo da interação com o público. A autora explica que há diferentes agentes atuando em cada uma dessas partes e que normalmente, a mensagem, por si só, pode evoluir e ser distribuída em diferentes comunidades ou grupos na internet.

Já os autores Soares, Viegas, Sudbrack, Recuero e Hünttner (2019, p.5) separam a informação falsa em três grupos, sendo eles: 1) a desinformação que não é intencional, como a que ocorreu em 2016, quando jornalistas publicaram informações erradas, sem que esse fosse o objetivo; 2) a divulgação intencional, geralmente usada em fins políticos, com a motivação de confundir os eleitores, e por fim, 3) quando as informações privadas de alguém são usadas para atacar, como ocorreu com a jornalista Patrícia Campos Mello (MELLO, 2020, n.p.).

3.2.2 A desinformação como meme

Como categorizado por Wardle, a desinformação pode ser mascarada com humor, sátiras e paródias, tornando sua identificação e combate ainda mais difícil. Os autores Chagas, Freira, Rios e Magalhães (2017, p.178-179) ao analisar o uso de humor na política, definem que o humor é uma forma de analisar a sociedade, “que o utiliza como código de interpretação do real, pois o sentido humorístico é estabelecido como efeito da interação social”. A interação no meio digital recebe o nome de engajamento (RAIMONDI, ARAÚJO, FERREIRA E GOVEIA, 2023, p.11). Podemos linkar com esse tópico os discursos de ódio que encontram força com o filtro-bolha, onde, quando o usuário engaja (curte, comenta, compartilha) conteúdos com teor nocivo, a plataforma entende que esse tipo de material é do interesse do mesmo e ele recebe mais. Sendo assim, difícil sair desse meio onde o ódio prevalece e os preconceitos são reforçados.

Além disso, o humor auxilia na criação de comunidades e no processo de informação de usuários³⁰.

Os memes podem ser empregados com o objetivo de distrair o público, mas também de cultivar um forte senso de identidade e pertencimento, capaz até de suplantar as identidades minoritárias. Por isso, o nacionalismo, o folclore e a tradição religiosa são motivos fortes para os criadores desses conteúdos imagéticos” (CHAGAS, 2021, p.173).

Utilizando a categorização de Berger e Milkman para explicar o que leva ao compartilhamento dos memes no ambiente digital, os autores citam a Positivity, a positividade inspirada, Provocation, teor emocional e por fim, Packaging, clareza narrativa (CHAGAS, FREIRE, RIOS E MAGALHÃES, 2017, p.179).

Os autores complementam explicando como funciona o humor no meio digital: contém “a predominância de uma linguagem popular e de um apelo visual que banaliza, se não ridiculariza o político, compõem uma estratégia” (CHAGAS, FREIRE, RIOS E MAGALHÃES, 2017, p.181). Além disso, os memes auxiliam na polarização partidária e tem como tema assuntos da agenda pública. Por exemplo, a informação falsa sobre a jornalista Patrícia Campos Mello, que iremos debater nas análises deste trabalho.

Segundo os autores Rayza Sarmiento e Viktor Chagas (2020, p.131), os memes que mais viralizam são aqueles que buscam disseminar uma mensagem de forma rápida, utilizando para isso a “alternância entre amplificações e variações da mensagem pelos fandoms políticos”. A partir da análise do trabalho do pesquisador Berger (2012), Sarmiento e Chagas (2020, p.142-144) concluem que o humor pode ser interpretados de três maneiras, sendo elas: 1) poder e dominação, que os autores concluem como sendo “uma ferramenta a serviço da opressão dos mais fracos” e para isso são utilizados estereótipos e depreciação; 2) da desarmonia e 3) alívio ou reconhecimento.

Ainda em relação ao humor mesclado com a política e seus efeitos, o pesquisador Viktor Chagas, aborda que os memes são utilizados como uma forma de atacar as minorias de forma indireta, e assim “tornou-se rotineiro ouvir do poder público que a interpretação de seus atos estava errada, pois se tratava apenas de uma brincadeira” (CHAGAS, 2021, p.172). Assim, o humor com viés racista e misógino, por exemplo, podem auxiliar na construção de estereótipos sobre determinados grupos e no preconceito (CHAGAS, 2021, p.178).

³⁰ DIÁRIO DO NORDESTE. **Pesquisa aponta que 73% das pessoas souberam de uma notícia política por meio de memes.** Disponível em <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/pesquisa-aponta-que-73-das-pessoas-souberam-de-uma-noticia-politica-por-meio-de-memes-1.2105020>> Acesso em 19 de março de 2024.

Já as autoras e autor Alice Souza Raimondi, Isadora Gonçalves Eleutério Dias Araújo, Luisa Andrade Ferreira e Fábio Gomes Goveia (2023, p.11), defendem que o humor não cria narrativas, apenas fortalecem os “discursos que já existem no imaginário”. Citando Foucault, as autoras e autor complementam dizendo que não existe enunciado neutro, pois o discurso é sempre carregado de ideologia (RAIMONDI, ARAÚJO, FERREIRA E GOVEIA, 2023, p.11). Sendo assim, para analisar os memes, é importante considerar não só o conteúdo, mas os demais fatores ao redor: “o emissor, o público-alvo, os métodos de codificação e entrega da mensagem, bem como o ambiente em que a comunicação ocorre” (RAIMONDI, ARAÚJO, FERREIRA E GOVEIA, 2023, p.11).

Os autores Thales Vilela Lelo e Lorena Caminhas (2021, p.184) complementam dizendo que a desinformação se baseia nas crenças sociais dos atores que as propagam. Dessa forma, em um país machista, as informações falsas teriam conteúdos que concordam com essa narrativa. Criando assim o conceito de Desinformação de Gênero.

3.2.3 Desinformação de gênero

Em 2021, o Fórum de Governança da Internet, conhecido como IGF, lançou uma cartilha para explicar e exemplificar o conceito de Desinformação de Gênero (Gendered Disinformation). Em sua introdução ao assunto, o documento aborda que o conceito de gênero e desinformação são dois termos que ainda estão em construção na sociedade atual, deixando assim a mescla dos dois complexa de ser entendida e estudada (IGF, 2021, p.9).

O documento também explica que a misoginia, homofobia e transfobia são características comuns da Desinformação de Gênero (IGF, 2021, p.9). Dessa forma, a Desinformação de Gênero não afeta somente as mulheres, mas diversas minorias sociais. Além dos aspectos de gênero e/ou sexualidade, esse tipo de ataque também é contra outros aspectos das identidades dos indivíduos, como religião, etnia e ideologias políticas (IGF, 2021, p.9).

Nicole Tirello Acquolini (2023, p.38) complementa dizendo que a Desinformação de Gênero é a junção de boatos e estereótipos de gênero com “narrativas falsas, enganosas ou odiosas”. Além disso, normalmente, o conteúdo apresenta traços abusivos (como explicado quando falamos sobre Discurso de Ódio) e tem ligação com valores morais.

Considerando os três tipos de desordem informacional criadas por Claire Wardle, o IGF (2021, p.9) explica que em campanhas de Desinformação de Gênero, tanto a Disinformation, Malinformation e Misinformation podem ser usadas de forma conjunta para atacar, além de utilizar de conteúdos apoiados nos valores (como religião, machismo, etc) para agredir o alvo. As consequências desse tipo de ataque podem ser: 1) deslegitimar a participação das mulheres

da vida política; 2) enfraquecer a democracia e os direitos humanos ao redor do globo (IGF, 2021, p.9). De forma reduzida, o documento classifica da seguinte forma o conceito:

O conceito de Desinformação de Gênero significa qualquer informação falsa ou manipulada com o intuito de causar dano a mulheres ou pessoas de diversos gêneros e sexualidades. Campanhas de Desinformação de Gênero frequentemente visam indivíduos com alto status público ou em cargos de alto escalão, como políticos, CEOs, advogados públicos, jornalistas, etc (tradução nossa)³¹.

Segundo os autores Judson *et al* (2020) a Desinformação de Gênero pode impactar a vida política, mas também a vida pessoal de suas vítimas. Munido de rumores e estereótipos com narrativas falsas, errôneas ou repletas de ódio, esse tipo de ataque conta com linguagem abusiva (JUDSON *et al*, 2020, p.11).

Ao se referir sobre os ataques contra mulheres na política, Judson *et al* categorizam os tipos de ataque que normalmente ocorrem, sendo eles: insultos e discurso de ódio, risco a reputação e constrangimento, ameaças físicas e distorções na sexualidade (JUDSON *et al*, 2020, p.12). Na análise prévia dessa pesquisa, que apresentamos no seminário de dissertação e na banca de qualificação, investigamos os casos 1 e 2, apresentados no capítulo 5 - Descrição dos casos, e nesse momento podemos perceber que esses tipos de ataques também ocorrem contra as mulheres jornalistas que cobrem a editoria política.

Em relação aos ataques contra as mulheres jornalistas, o documento do IGF, diz que é uma estratégia comum para atacar o jornalismo, minando a confiança do público no mesmo, e pode acontecer em ambientes democráticos e autoritários como uma forma de legitimar a violência física (IGF, 2021, p.11).

Acquolini (2023, p.39) explica que os meios onde ocorrem a Desinformação de Gênero são diversos, essa podendo apresentar diversas faces, como: “comentários misóginos que reforçam estereótipos, sexualização e até difusão de conteúdo explícito, assédio online, ameaças e ataques cibernéticos”. Para a autora, o ambiente digital auxilia com a propagação em grande escala desse tipo de conteúdo (ACQUOLINI, 2023, p.39).

A Desinformação de Gênero pode ser combustível para a legitimação da violência de gênero de diversas formas. Ao desqualificar as mulheres, a partir de mentiras ou informações deturpadas, os homens podem conseguir exercer um maior controle sobre elas. Além disso, por conta dos ataques frequentes, figuras femininas podem se sentir compelidas a se afastarem da

³¹ “The concept of gendered disinformation means any false and manipulated information that is intended to cause harm to women or people of diverse genders and sexualities. Gendered disinformation campaigns often target individuals with higher public status or holding higher positions such as politicians, CEOs, public advocates, journalists etc” (IGF, 2021, p.9).

política, do jornalismo e demais formas de participar da opinião pública. Assim, além de haver uma perda para o fortalecimento da luta feminina em busca de igualdade e qualidade de vida, a democracia também seria impactada. Gostaríamos de frisar também, que em uma sociedade, onde o capital social é relevante para o mantimento das relações sociais, atacar a figura de uma mulher pode afastá-la da sociedade, causando impactos emocionais e psicológicos.

Como pontuado por Campos e Almeida (2017, p.353), a Desinformação de Gênero também pode minar a confiança e credibilidade das mulheres, gerando dessa forma impactos na moral e no patrimônio delas.

Avaliamos também ser necessária a reflexão de que a violência de gênero é uma forma de avaliar o quão machista, heteronormativa e patriarcal é uma sociedade. Existe uma categoria de desinformação, com características e definições próprias, voltada para atacar e prejudicar mulheres e outras minorias sociais. A desinformação, por si só, é um mal a ser combatido pelo jornalismo e demais instituições sociais, que tem o poder de afetar a vida de todas as pessoas envolvidas nessa teia de desinformação. Porém, quando ela se mistura com a violência de gênero, ela nos mostra que existe um grupo que é marginalizado e mais prejudicado do que outro. E essa distinção é estrutural e reforçada. Em 2023, a professora, pesquisadora e antropóloga, Débora Diniz, em sua primeira aula do curso Nossas Conversas disse: “Todas as vidas são precárias, mas nem todas as vidas são precarizadas” (DINIZ, 2023, online)³².

³² DINIZ, DÉBORA. **Primeira aula do Nossas Conversas**. Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/CpQ8400ISYv/>> Acesso em 25 de fevereiro de 2024.

4 METODOLOGIA

Com o intuito de investigar quais as estratégias que o governo Bolsonaro usa para atacar as mulheres jornalistas e os sentidos que podem ser percebidos a partir desses ataques, o presente trabalho analisará alguns dos ataques promovidos contra mulheres jornalistas durante o período. A coleta de dados terá como base os relatórios anuais feitos pela FENAJ sobre Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa³³, que desde 1998 faz o mapeamento.

Como demonstrado na introdução, durante o período analisado houve 1442 ataques contra jornalistas. Destes 231 foram contra mulheres, 556 foram contra homens e 131 contra pessoas cujo gênero não foi identificado. Em todos os relatórios havia um aviso de que o número de jornalistas que foram vitimados não era coincidente com o número de agressões, pois: 1) em alguns casos mais de um profissional foi agredido; 2) a agressão era contra a categoria de jornalistas ou empresas (FENAJ, online, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Em ambos os relatórios, o ex-presidente Jair Bolsonaro foi o responsável pela maioria das agressões, totalizando 570 casos. Como dito anteriormente, a partir de 2021, os relatórios da entidade, ao listarem os grupos que atacaram jornalistas, incluíram a categoria “manifestantes bolsonaristas”. Esse grupo esteve em 2021 na quarta posição do ranking (entre 14 ao total), representando 4,65% dos casos, ou seja, 20 ataques (FENAJ, 2021, p.14). Em 2022, os apoiadores do ex-presidente estiveram em segundo lugar (num total de 16), e foram responsáveis por 21,27% dos casos, 80 ataques (FENAJ, 2022, p.14).

Buscando responder nosso problema de pesquisa, esse estudo irá se desenvolver com um estudo de casos múltiplos. Essa metodologia é definida por Yin (2015, p.4) como uma forma de entender questões que precisam ser descritas ampla e profundamente em algum fenômeno social. Prodanov e Freitas (2013, p.60-128) complementam dizendo que esse método é indicado em pesquisas que busquem entender “como” e “por que” os fenômenos aconteceram. Segundo eles, o Estudo de Casos Múltiplos tenta “esclarecer uma decisão, ou um conjunto de decisões, seus motivos, implementações e resultados” (PRODANOV E FREITAS. 2013, p.60-128).

No estudo de casos, os dados podem ser coletados de várias maneiras, como: arquivos, relatórios, entrevistas, observações, entre outros. Yin (2001, p.105-106) complementa dizendo que é benéfico para a pesquisa que se crie um banco de dados, com dados coletados de várias fontes.

³³ FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil**. Disponível em <<https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>> Acesso em 15 de março de 2023.

Neste trabalho iremos coletar os dados dos relatórios da FENAJ dos quatro anos do Governo Bolsonaro, postagens do Facebook, comentários a essas postagens, tweets relativos aos temas e matérias publicadas sobre os casos.

Além disso, utilizaremos a metodologia de análise de construção de sentidos em redes digitais. Esse método foi desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Investigação do Cibercontencimento (LIC), da Universidade do Rio dos Sinos. De acordo com Aquino e Schuch (2022, p.96) esse método se baseia nos estudos cartográficos e no conceito de semiosfera. Dessa forma, essa metodologia busca entender de que forma os signos constroem os sentidos no ciberespaço, formado pelas redes sociais. Após a coleta dos signos, é feita uma análise e a distribuição deles em constelações de sentidos, e a partir delas é feita a problematização (AQUINO e SCHUCH, 2022, p.96).

Como dito anteriormente, o número de casos contra mulheres jornalistas durante o período analisado foi amplo, dessa forma, decidimos prosseguir analisando o caso de duas jornalistas. Para a escolha dos casos, reunimos em uma planilha todos os casos catalogados pela FENAJ que envolviam mulheres jornalistas, anotando o ano em que ocorreu o caso, o nome da jornalista, um breve resumo do caso, o tipo de ataque segundo a classificação da entidade, caso envolvia violência de gênero e se foi cometido pelo ex-presidente e/ou seus seguidores. A partir disso, escolhemos casos que ocorreram contra Vera Magalhães e Patrícia Campos Mello. A escolha dessas duas jornalistas foi motivada por: 1) o número alto de agressões contra elas; 2) a violência ter sido usada como forma de atacar outras mulheres; 3) a agressão ter cunho misógino; 4) os ataques terem sido feitos por Bolsonaro e/ou seus apoiadores; 5) a repercussão midiática dos casos.

Como dito na introdução, nosso trabalho analisou seis casos de violência contra as jornalistas, além de dois casos correlatos, que julgamos serem importantes para entender mais profundamente os ataques. Dessa forma, analisamos três casos que ocorreram contra a jornalista Patrícia Campos Mello e três casos (e os dois casos análogos) que ocorreram contra Vera Magalhães.

Ao total, lemos, analisamos e categorizamos 20.572 comentários nas oito publicações escolhidas. Na descrição dos casos detalhamos com aprofundamento as categorias de sentidos que criamos a partir da nossa análise.

Para facilitar a compreensão, iremos listar as categorias de acordo com o número de aparições que cada uma teve, indo do maior para o menor. Além disso, adicionamos em cada caso uma figura com um mapa de sentido criado com as categorias. As cores quentes (rosa e

vermelho) foram usadas para destacar as categorias que mais apareceram. Já as cores frias (azul e roxo) foram usadas para as categorias com menor aparição.

Os comentários repetidos foram desconsiderados nessa parte quantitativa de separação das categorias. Em geral, ao longo das publicações, não houve muitos comentários repetidos, indicando a presença de bots, por exemplo.

Para a criação de categorias, primeiro lemos os comentários, tiramos prints manualmente de cada um deles e os separamos em pastas no desktop do computador com o nome respectivo do caso. Após isso, fizemos a contagem e separação das categorias de sentido e iniciamos a parte escrita da descrição do caso e comentários, além de anotações pessoais que foram usadas na parte de análise do trabalho.

Em relação aos comentários que utilizamos para ilustrar os casos, priorizamos aqueles que melhor representavam variados tipos de discurso, mostrando assim a ampla gama de sentidos que poderiam ser interpretados a partir da postagem e da narrativa bolsonarista disseminada.

5 DESCRIÇÃO DOS CASOS

Neste capítulo traremos a descrição dos cinco casos analisados nesta pesquisa. Para uma melhor compreensão na análise, numeramos os casos de um a seis. Os casos selecionados são: 1) Ataque de Eduardo Bolsonaro contra Patrícia; 2) Ataque Jair Bolsonaro contra Patrícia - vídeo; 3) Post Jair Bolsonaro contra Patrícia; 4) Jair Bolsonaro contra Vera; 5) Eduardo Bolsonaro contra Vera; 6) Debate presidencial.

5.1 PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Patrícia Campos Mello é uma jornalista de 48 anos, repórter especial e colunista do jornal Folha de S. Paulo. Além disso, é diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). Formou-se em 1998 em jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP) e em 2002 como mestre em Business and Economic Reporting pela NYU (Universidade de Nova Iorque).

Patrícia também é uma escritora premiada, que lançou quatro livros a partir de suas vivências como jornalista. Em 2020, lançou o livro *A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, onde narra a violência que sofreu após a publicação da reportagem intitulada “Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp”³⁴, pelo jornal Folha de S. Paulo.

A matéria, que foi publicada em meados das eleições brasileiras de 2018, revelava um esquema onde empresários patrocinavam o disparo de mensagens em massa pelo WhatsApp. O conteúdo apoiava o então candidato, Jair Messias Bolsonaro (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018, online).

Após a publicação da reportagem, Patrícia entrou para o trend topic do Twitter, sendo um dos assuntos mais comentados. Entre os Tweets, haviam ofensas contra a jornalista, tanto no âmbito pessoal quanto profissional (SILVA, 2022, p.17). Foi nesse mesmo período que ela começou a ser ameaçada por meio das redes sociais e telefone. As ameaças eram contra ela e sua família, e divulgavam informações falsas sobre a jornalista. Além disso, grupos de Whatsapp, compartilhavam eventos nos quais ela participaria e pediam aos seguidores bolsonaristas que fossem e a ameaçassem (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, online).

³⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> Acesso em 20 de março de 2023.

Em fevereiro de 2020, Patrícia voltou a ser alvo de ataques verbais e virtuais. Dessa vez, o responsável pelas agressões foi o ex-presidente. Em entrevista em frente ao Palácio da Alvorada, ele fez insinuações de cunho sexual contra a repórter. Segundo ele, a jornalista “queria um furo, ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim” (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2020, p.20). Em sua fala, Bolsonaro ainda citou Hans River, uma das pessoas entrevistadas por Patrícia em sua reportagem. Hans é um ex-funcionário de uma das agências de marketing contratadas para o disparo de mensagens (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2020, p.20).

Hans River prestou depoimento da CPI da Fake News e afirmou que a jornalista queria “um determinado tipo de matéria a troco de sexo”. Dias depois, uma matéria do jornal Folha de S. Paulo desmentiu a fala de River, apresentando provas, “como gravações dos contatos e trocas de mensagens de Patrícia com Hans durante a apuração da matéria” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018, online).

Por conta das ofensas, Patrícia já havia processado e pedido indenização por danos morais a Hans River, o presidente Jair Bolsonaro, o deputado estadual André Fernandes (PSL-CE) e o blogueiro e apresentador Allan dos Santos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018, online).

Ao longo dos quatro anos de mandato de Bolsonaro, Patrícia foi atacada em nove situações diferentes. Sendo sete vezes em 2022 e duas em 2021. Em ambas as vezes, a FENAJ classificou os ataques como Agressões verbais/Ataques virtuais (FENAJ, 2019, 2020, 2021, 2022).

5. 1. 1 AS AGRESSÕES CONTRA PATRÍCIA - CASO 1

A maioria das agressões contra a jornalista Patrícia Campos Mello derivaram da história narrada acima. O primeiro caso a ser analisado foi uma postagem que o deputado federal e filho de Jair, Eduardo Bolsonaro publicou sobre o assunto, na sua página no Facebook, dia 13 de fevereiro de 2020.

Em um vídeo³⁵ de 5 minutos e 24 segundos, retirados de um discurso seu na Câmara dos Deputados, Eduardo começa falando sobre a CPI das Fake News. Essa Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, que ainda está em andamento, busca:

Investigar, no prazo de 180 dias, os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de cyberbullying sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o

³⁵ BOLSONARO, Eduardo. Postagem no Facebook sobre o caso 1 - Patrícia. Disponível em <<https://www.facebook.com/watch/?v=2754554731300841>> Acesso em 26 de março de 2023.

aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio (SENADO, 2019, online)³⁶.

Hans River, uma das fontes utilizadas na matéria publicada pela Patrícia sobre os disparos em massa, prestou depoimento na Comissão, acusando Patrícia de assediá-lo em troca de informações. Em seu discurso, o deputado Eduardo insinua que a jornalista tentou prejudicar seu pai com a matéria publicada em 2018. Em sua fala, o deputado traz a versão de Hans River e pergunta na legenda se devemos “acreditar nela (Patrícia) ou em Hans River, que fez juramento de dizer a verdade?”.

Além disso, Eduardo cita que Hans disse que foi pago pelo Partido dos Trabalhadores para fazer os disparos ilegais. Essa informação falsa, que foi desmentida diversas vezes, aparece nesse caso e em outros dessa pesquisa.

Outro ponto abordado no discurso de Eduardo é que Patrícia foi reconhecida por sua matéria, tendo tido promoções profissionais, inclusive se mudando para os Estados Unidos. Ele também diz que a imprensa saiu em defesa de Patrícia, cita que essa movimentação foi por ela ser mulher, e também argumenta que por defender Patrícia, a imprensa estaria se pondo contra uma pessoa negra. Por fim, Eduardo finaliza falando que acredita na versão contada por Hans, e que a narração dele foi convincente.

Destacamos que em vários pontos do seu discurso, Eduardo atacou a imprensa e questionou a credibilidade da mesma.

Figura 3 - Vídeo Eduardo Bolsonaro Facebook

³⁶ SENADO. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News**. Disponível em <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>> Acesso em 06 de abril de 2024.



Fonte: Elaborado pela autora

O vídeo até o abril de 2023 teve mais de 120 mil visualizações, 12 mil curtidas, mais de 3 mil compartilhamentos e 772 comentários. Podemos dividir os comentários em sete categorias, sendo elas: 1) de apoio a família Bolsonaro; 2) de apoio a Hans River; 3) comentários contra a jornalista; 4) ataques contra a imprensa em geral e/ou a Folha de S. Paulo; 5) ataques a outras pessoas ou ao Partido dos Trabalhadores; 6) pessoas questionando o Governo, Hans ou a publicação; 7) outros (comentários que não tem a ver com o tópico). Como demonstrado na figura abaixo.



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos perceber que a maioria dos comentários parabenizavam os homens envolvidos no caso, Bolsonaro e Hans. Esses comentários eram favoráveis, exaltando essas figuras. Nos dois comentários abaixo, onde os homens foram exaltados, a imprensa foi atacada. Podemos analisar também que a figura desses homens é posta como a salvadora da sociedade que combate o mal. O mal nesse caso, poderia ser visto como a imprensa e até mesmo a jornalista.

Figura 5 - Print comentário esquerda

Hans River com certeza está falando a verdade porque tudo que é de nojento é sujo sempre vem da esquerda

Curtir Responder 3 a Editado

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 6 - Print comentário imprensa podre

Perfeito Eduardo Bolsonaro! Vai pra cima dessa imprensa podre mesmo!

Curtir Responder 3 a

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida vem os comentários contra Patrícia, ou seja, a categoria 3. Em suma, os comentários contra a jornalista a relacionavam com a fala do ex-presidente, com insinuações sexuais.

Seguindo a classificação apresentada na introdução sobre misoginia, podemos classificar que os comentários nessa postagem utilizavam padrões misóginos, como: 1) discursos relacionados a questões morais e sexuais; 2) discriminação sexual; 3) objetificação sexual e; 4) ódio contra as mulheres.

O print abaixo mostra uma montagem que circulou repetidas vezes nos comentários da publicação. Nela, há uma referência a fala de Jair e uma agressão a Patrícia, fazendo menção que a jornalista seria uma prostituta. Essa imagem fabricada esteve presente em boa parte dos comentários, podendo ser considerada uma imagem viral no ambiente analisado.

Figura 7 - Print comentário sobre prostituição



Curtir Responder 3 a

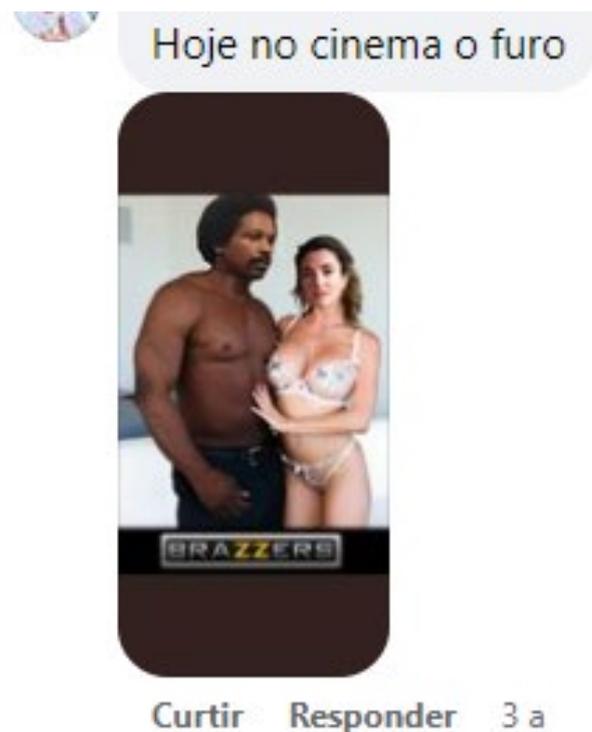
Fonte: Elaborado pela autora

Conteúdos relacionando Patrícia a adjetivos misóginos foram frequentes na publicação. As expressões/frases puta, prostituta, dar o furo circularam em diversos comentários na publicação. Esse discurso está muito relacionado com a cultura misógina, que oprime as

mulheres, e também as julga moralmente, atribuindo a elas um capital social a partir de valores conservadores e baseados no machismo.

Outros comentários faziam referência a vídeos pornográficos, como o print abaixo que tem uma montagem da jornalista ao lado de Hans com o logo da Brazzers, site onde há a circulação de conteúdo envolvendo sexo. Gostaríamos também de frisar que os conteúdos postados nesses sites nem sempre são consentidos, e em alguns casos relatam cenas de abusos sexuais.

Figura 8 - Print comentário vídeos pornográficos

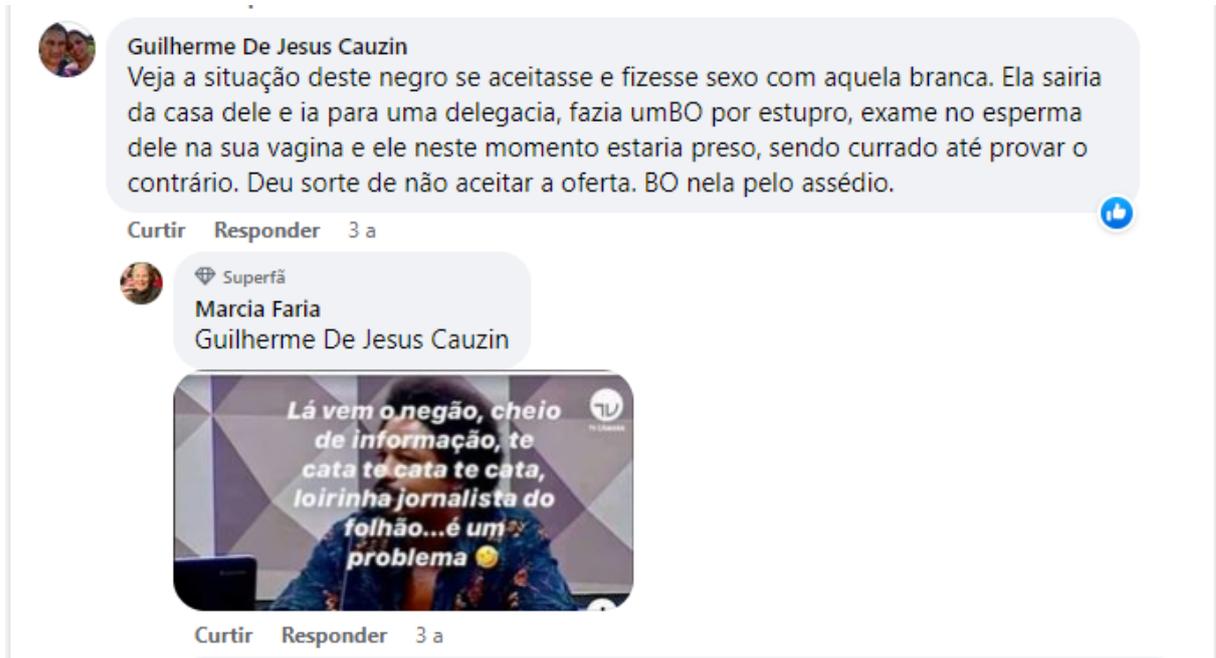


Fonte: Elaborado pela autora

Ainda abordando a cultura misógina, um print trazia comentários sobre Patrícia ter tido a chance de ter acusado Hans de estupro. Em um ambiente, onde frequentemente as declarações das mulheres em relação a abuso são questionadas ou minimizadas, esse comentário pode nos mostrar que além de sofrer a violência, as mulheres também precisam prová-la, muitas vezes sendo acusadas durante o processo. Por exemplo, a ex-influencer, Mari Ferrer, que foi abusada

sexualmente em 2018, durante a audiência, foi humilhada pela defesa do empresário acusado. Ela teve fotos suas expostas e sua moral questionada³⁷.

Figura 9 - Print comentário assédio



Fonte: Elaborado pela autora

Outra montagem na publicação trazia o rosto de diversas mulheres e não o de Patrícia, com o texto: “Aderimos a campanha ‘uma noite de sexo’ em troca de informações contra Bolsonaro”. Entre os rostos da montagem podemos identificar a ex-presidenta Dilma, a governadora do Rio Grande do Norte Fátima Bezerra e a deputada federal Maria do Rosário, ambas mulheres que com frequência são atacadas pela extrema direita, dentro e fora do espaço digital. Podemos entender a partir desse comentário, que o ódio não é direcionado somente a jornalista envolvida, mas sim a várias mulheres.

³⁷ MARIE CLAIRE. **Caso Mari Ferrer: Justiça absolve André Aranha de acusação de estupro em 2ª instância.** Disponível em <<https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/noticia/2021/10/justica-de-sc-absolve-acusado-de-estuprar-mariana-ferrer.html>> Acesso em 06 de abril de 2024.

Figura 10 - Print comentário várias mulheres



Fonte: Elaborado pela autora

Comentários contra jornalistas em geral e contra a Folha de S. Paulo também foram recorrentes, mostrando ser necessário também considerar a liberdade de imprensa, que em muitos casos se empilhou com questões de gênero formando mais de um sentido. É necessário salientar que muitas vezes um mesmo comentário se encaixava em mais de uma categoria.

Figura 11 - Print comentário casa de prostituição



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 12 - Print comentário Jean Willys



Fonte: Elaborado pela autora

Nos prints acima, podemos ver que o ataque foi gerado tanto a Patrícia quanto ao jornal Folha de S. Paulo. Em ambos os comentários, Patrícia é relacionada a prostituição e ao sexo. Já contra o jornal é feita uma tentativa de descredibilizar, trazendo a ideia de que o conteúdo não é produzido utilizando ética jornalística.

Na imagem 6, também é citado o ex- deputado federal e jornalista Jean Wyllys de Matos Santos. Ele é perseguido por seguidores do ex-presidente, e por isso renunciou ao cargo em

2019 e mudou-se de país. Jean diversas vezes é atacado com comentários homofóbicos, como pode ser visto no rodapé da imagem 6.

5. 1. 2 AS AGRESSÕES CONTRA PATRÍCIA - CASO 2

Cinco dias após o ataque de Eduardo, Patrícia voltou a ser atacada, desta vez pelo ex-presidente. Em 18 de fevereiro de 2020, Jair Bolsonaro, na sua conta oficial do Facebook³⁸ postou um vídeo de 26 segundos onde dizia:

A jornalista da Folha de S. Paulo tem mais um vídeo dela aí. Eu não vou falar aqui porque tem senhora aqui do lado. ela falou eu sou (inaudível) do PT, certo? E o depoimento do Hand River, foi no final de 2018 para o Ministério Público e ele diz do assédio da jornalista em cima dele. Ela queria, ela queria um furo. ela queria dar o furo. A qualquer preço contra mim (BOLSONARO, 2020, online).

Ao final da fala do ex-presidente é possível ver e ouvir pessoas rindo da declaração. O vídeo é um recorte da gravação das entrevistas que ele deu na frente do Palácio do Planalto dias antes. Ele também escreve na legenda: “Veja no comentário abaixo o que a Folha de São Paulo deu em manchete” (BOLSONARO, 2020, online).

Figura 13 - Vídeo Jair Bolsonaro Facebook



Fonte: Elaborado pela autora

³⁸ BOLSONARO, Jair. Postagem no Facebook ataque contra Patrícia - Caso 2. Disponível em <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/233719020984873/>> Acesso em 26 de março de 2024.

Figura 14 - Print comentário Jair Bolsonaro

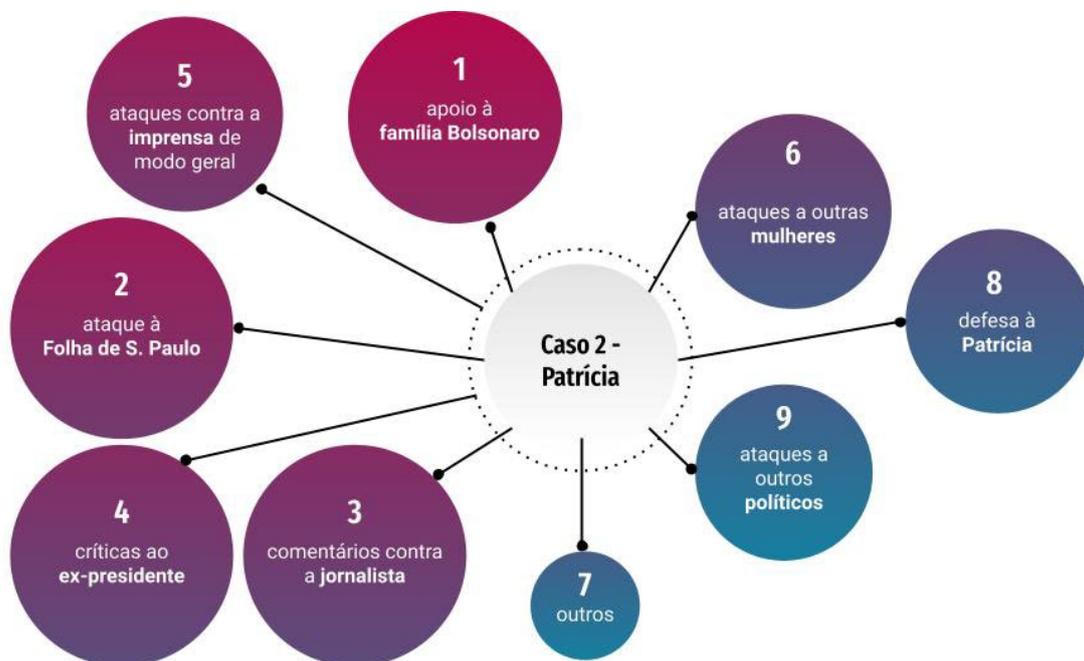


Fonte: Elaborado pela autora

Até março de 2024, a publicação contava com 34 mil reações, 6,4 mil comentários e 369 mil visualizações. Assim como no primeiro caso analisado da Patrícia, a categoria com

maior número de interações foi a de apoio ao agressor. Dessa forma, as categorias de sentidos definidas ficaram: 1) Apoio a Bolsonaro; 2) Ataque a Folha de São Paulo; 3) Ataques a Patrícia; 4) Críticas ao ex-presidente; 5) Ataques contra a imprensa de modo generalizado; 6) Ataques a outras mulheres que não tinham envolvimento com a publicação; 7) Outros - que não tem relação com o tópico da publicação; 8) Comentários de defesa a Patrícia; 9) Ataque a outros políticos.

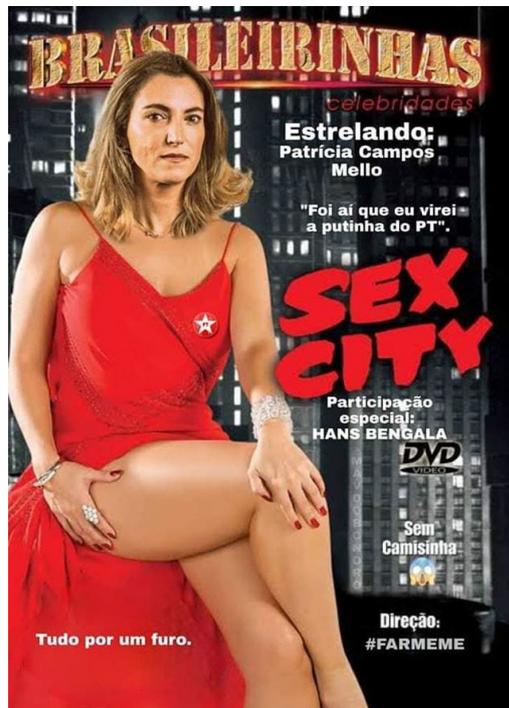
Figura 15 - Mapa de sentido - Patrícia - Caso 2



Fonte: Elaborado pela autora

Assim como visto no caso 1, a informação falsa de que Patrícia assediou Hans é reforçada nos comentários, assim como os comentários misóginos contra a jornalista. Por exemplo, imagens da jornalista são usadas em montagens relacionadas à sexo, como capas de filmes porno ou a prostituição. A frase “dar o furo” viralizou nos comentários. Algumas imagens fabricadas circularam em mais de um caso, mostrando a potência de viralização e circulação das mesmas no ambiente digital.

Figura 16 - Print comentário brasileirinhas



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 17 - Print comentários vídeos pornográficos 2



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 18 - Print comentário pagamento

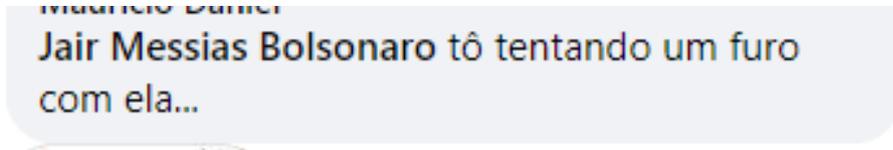


4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Além dos ataques misóginos, a jornalista também é objetificada nos comentários, com vários usuários falando que gostariam de transar com ela, além de usuários que enviaram mensagens no privado dela, tentando uma abordagem sexual.

Figura 19 - Print comentário furo



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 20 - Print comentário instagram



Fonte: Elaborado pela autora

Ainda citando o tema da prostituição, que tem sido relacionado com frequência a Patrícia, uma imagem mostra o rosto de Mia Khalifa, uma ex-atriz pornô e diz que esse é o tipo de repórter que o jornal Folha de S. Paulo contrata. Outra imagem relaciona a foto de uma prostituta com o nome do jornal.

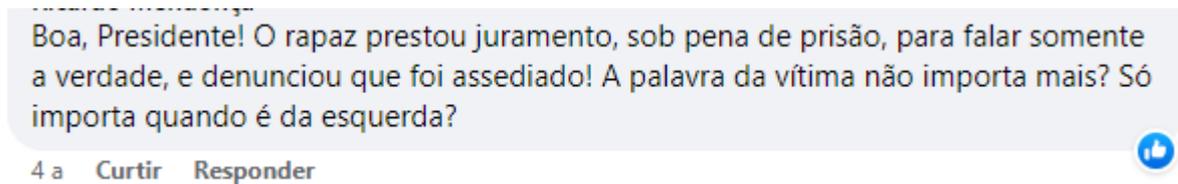
Figura 21 - Print comentário prostituição Folha 1



Fonte: Elaborado pela autora

Hans também é citado nos comentários, mas como uma vítima que foi assediada e que jurou dizer a verdade. O usuário utilizou uma frase que nos chamou atenção e gostaríamos de discutir mais a fundo. Ele diz: “a palavra da vítima não importa mais?”. Para começar, mesmo quando foi comprovado que a vítima da armação e das teias de mentira era a Patrícia, boa parte dos seguidores de Bolsonaro não pareceu considerar ela. Em segundo lugar, essa frase nos lembrou o conceito de “cultura de culpabilização da vítima no crime de estupro” (ALMEIDA E FIDALGO, 2019, 126), onde as mulheres são consideradas responsáveis como as causadoras da violência que sofreram.

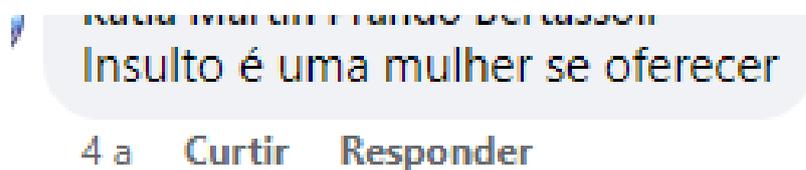
Figura 22 - Print comentário palavra vítima



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário também utilizou uma frase comumente usada em situações de abusos: “ela não se deu ao respeito”. Essa frase pode ser considerada como um exemplo do conceito citado acima, onde a vítima é responsabilizada pela ação. Outra frase que remete a essa ideia é “a mulher se oferecer”, como visto no comentário abaixo.

Figura 23 - Print comentário se oferecer



Fonte: Elaborado pela autora

Uma imagem fabricada, também é usada como argumento de que Patrícia havia assediado Hans. A imagem mostra uma conversa entre os dois, onde Patrícia diz frases de cunho sexual. Salientamos novamente que esse discurso de Patrícia ter assediado Hans já foi desmentido em diversas ocasiões, mas mesmo assim continua sendo perpetuado nos comentários de ataque.

Em relação às imagens fabricadas, elas representam um perigo para a democracia e sociedade de forma geral. Por não possuírem nenhum indicativo de que são falsas e/ou montagens, essas imagens podem enganar os usuários e interferirem na opinião pública.

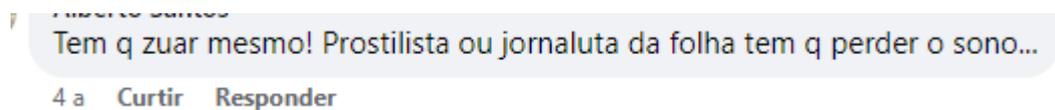
Figura 24 - Montagem WhatsApp



Fonte: Elaborado pela autora

Uma pessoa argumenta que a jornalista precisa ser atacada nas redes, para ficar estressada. Isso mostra como o objetivo, para além de descredibilização, é o mal psicológico que pode ser causado à pessoa alvo do ataque. Inclusive, a repórter é ameaçada de violência física em um dos comentários.

Figura 25 - Print comentário perder sono



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 26 - Print comentário porrada

Jair Messias Bolsonaro vontade de dar umas porradas nesses repórter s

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda em relação aos comentários contra Patrícia, um usuário pergunta quanto tempo de experiência a mesma tem ou se ela ainda está aprendendo a profissão. Outro usuário complementa dizendo que Patrícia não tem a competência necessária para ser jornalista, e um terceiro diz que ela não possui ética. A ética e credibilidade do jornalismo de forma geral e da jornalista são questionados com frequência nos comentários de publicações que citam esses profissionais.

Assim como no caso 1, é dito que a matéria assinada por Patrícia é falsa e tenta atacar o ex-presidente. Como vimos no capítulo 3, o termo fake news ainda é utilizado por grupos específicos para se referir a conteúdos que não os agradam, e não necessariamente a conteúdos que são legitimamente falsos.

Figura 27 - Print comentário Fake News

Ela inventou essa Fake News para que perdesse a eleição. Acho pouco, porque por ela nosso Presidente seria o Haddad.

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Um dos usuários cita o jornal Folha de S. Paulo e diz que as pessoas têm acesso à informação. Acreditamos que esse comentário tenha relação com a falsa noção de que por conta da internet e plataformas de redes sociais as pessoas têm acesso a toda a verdade, não existindo mais a relação de emissor e um público passivo que recebia. O fato é que, por conta das câmaras de eco e filtro-bolha, a maioria dos usuários acaba recebendo mais informações falsas que condizem com crenças já existentes. Outro usuário complementa a ideia acima dizendo que busca a informação direto na fonte, ou seja, no Facebook do ex-presidente.

Figura 28 - Print comentário imprensa suja

Estamos contigo presidente. Essa imprensa suja não nos engana mais. PT tinha como plano de governo o controle da mídia. Está sendo comido vivo pq nos brasileiros aprendemos a buscar a notícia na fonte, as manchetes sensacionalista não farão mais efeito. Vi a sua life na íntegra, não vi nenhuma pequena nota sobre os índios ali pedindo por sua dignidade de ser um cidadão reconhecidamente brasileiro que quer ter seu próprio sustento e gerar riqueza para sua nação. Parabéns presidente #presidentebolsonaro

4 a Curtir Responder Editado

Fonte: Elaborado pela autora

Outra usuária acusa o jornal de estar caluniando e difamando o ex-presidente com as suas reportagens. Ela ainda incentiva que o jornal seja processado. Outro usuário diz que jornais sem credibilidade deveriam ser fechados. Achamos válido pontuar o perigo dessa afirmação, por dois motivos: 1) o ex-presidente poderia usar como desculpa para perseguir e atacar a liberdade de imprensa; 2) quem determinaria a credibilidade de um jornal? Numa sociedade polarizada, que frequentemente é incentivada a duvidar do jornalismo, como podemos garantir a segurança da democracia?

Figura 29 - Print comentário credibilidade

Fernando Piccini
Deveria existir alguma lei para fechar as portas de jornal sem credibilidade.
#bolsonaro2022

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário, fala sobre a credibilidade dos jornais, e dizem que eles aumentam a situação. Um usuário complementa que a imprensa e reclama demais, mas vivem fazendo apologia a sexo. Frisamos que é comumente repassada a falsa ideia de que a esquerda e a imprensa tentam impor a ideologia de gênero e também que o ensino sobre sexualidade é visto como algo de mau caráter e contra a moral. Na visão de outra pessoa, outras minorias sociais também reclamam e se fazem de vítimas.

Figura 30 - Print comentário mimimi

Muito mi mi mi da imprensa, vivem fazendo apologia ao sexo, crime em seus cadernos e programação e agora vem encher o saco!!

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 31 - Print comentário minorias

Esse povo ta num mimi...tudo agora e assédio, homofobia, viadofobia, que povim pele fina moço...da onde veio essa geração slc.

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário compartilha uma imagem onde há os contatos para o cancelamento da assinatura de jornais considerados como inimigos do ex-presidente. Podemos considerar isso como uma tentativa de boicote financeiro aos jornais que postam conteúdos que vão contra as crenças dos seguidores de Bolsonaro. Outra pessoa pede que Bolsonaro censure a imprensa, como ocorreu durante a Ditadura. A Ditadura Militar, que ocorreu de 1964 a 1985, com frequência é pedida para se repetir e foi citada por Bolsonaro diversas vezes em seus discursos e enaltecimentos.

Uma pessoa posta nos comentários uma foto de alguma pessoa não identificada dizendo que a imprensa se encontra em crise, e tenta todos os dias destruir a imagem de Bolsonaro perante a sociedade utilizando a desinformação. Essa questão da crise é um tema amplamente discutido na área da comunicação (ver Lopes, 2011; SILVA, 2023).

Figura 32 - Print comentário crise

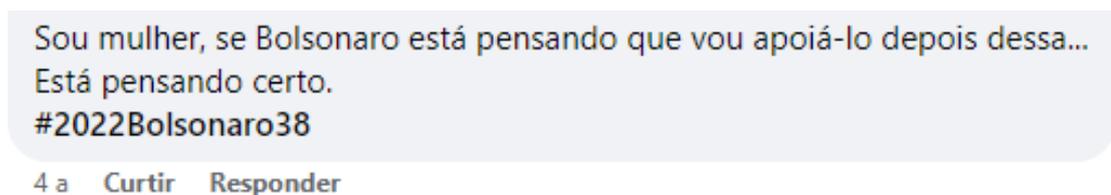


4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos comentários que são categorizados a favor de Bolsonaro, destacamos um em que a mulher reforça que se identifica com o gênero feminino e apoia Bolsonaro. Na campanha de 2018, houve um movimento de mulheres contra Bolsonaro, que ficou conhecido pela #Elenão (EL PAÍS, 2018, online)³⁹. Uma outra pessoa diz que adora o humor ácido de Bolsonaro. Essa narrativa de que ele estava brincando, que era uma piada, foi muito usada durante o mandato em situações onde ele foi questionado pelos seus atos, como, por exemplo, os misóginos.

Figura 33 - Print comentário sou mulher



4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

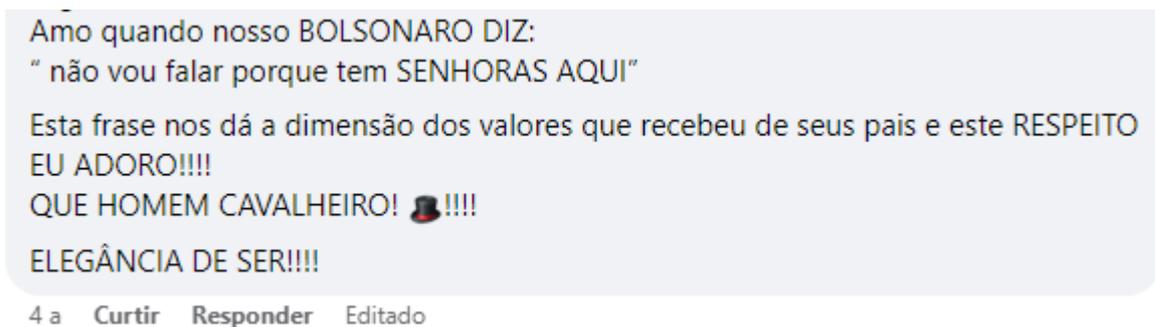
³⁹ EL PAÍS. **#EleNãO: Após tomar as redes, movimento liderado por mulheres contra Bolsonaro testa força nas ruas.** Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537989018_413729.html> Acesso em 28 de março de 2024.

Outro comentário diz que Bolsonaro tem o direito a se expressar, citando a lei de direito à expressão, que regularmente é usada para justificar os casos onde Bolsonaro atacou alguém ou algum grupo.

Ainda na tentativa de defender Bolsonaro, outras pessoas tentam argumentar que no jornalismo há a expressão “furo jornalístico”, que é quando um jornal ou jornalista divulga uma informação antes dos demais.

Já outra pessoa, para defender Bolsonaro, diz que ele se preocupou com a presença de mulheres antes de falar algo de baixo calão. Gostaríamos de frisar os adjetivos usados para se referir ao ex-presidente: cavalheiro, elegância e respeito. Ele havia acabado de agredir uma mulher, utilizando frases de cunho sexual para desmoralizá-la, numa sociedade machista, que julga mulheres em contexto sexual, e ele é chamado de respeitoso, cavalheiro e elegante. Faço o questionamento, se fosse uma mulher dizendo as mesmas palavras, esses adjetivos também teriam sido usados? As minhas vivências como mulher, e meus estudos como pesquisadora de gênero, me fazem acreditar que não.

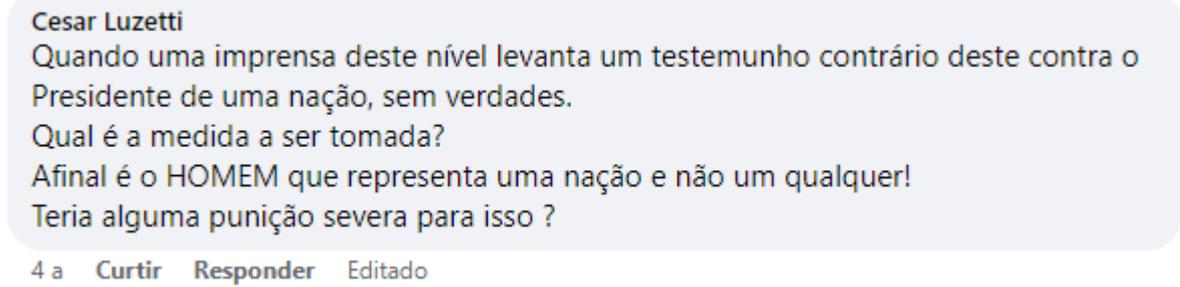
Figura 34 - Print comentário cavalheiro



Fonte: Elaborado pela autora

Já outro comentário, além de criticar a imprensa, pergunta que ação deve ser tomada. Não porque supostamente a imprensa tenha mentido, mas porque Bolsonaro é um HOMEM, escrito em letras maiúsculas e não qualquer um. Refaço o questionamento, se fosse uma mulher na presidência, estaria tudo bem em ser atacada pela imprensa?

Figura 35 - Print comentário testemunho

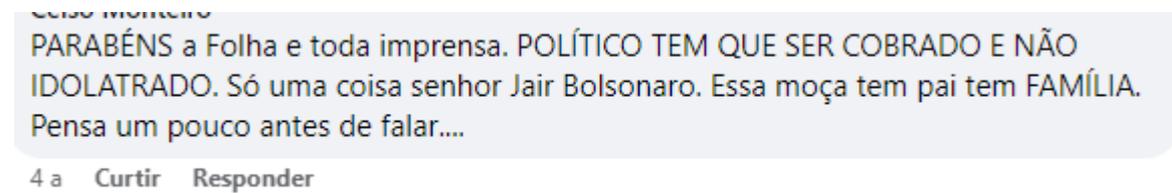


Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário diz que os jornalistas deveriam ser incriminados, por questionar a honra e moral do ex-presidente. Gostaríamos de frisar que Bolsonaro diversas vezes atacou a vida, a moral e a honra de pessoas que ele acreditava estarem contra ele.

Teve dois comentários que pedem que Bolsonaro repense seus atos, mas a justificativa dada por eles nos parece misógina e patriarcal. O primeiro diz que o ex-presidente deveria se colocar no lugar e pensar se isso fosse dito a sua esposa ou filha. Já o segundo, dizia para considerar que Patrícia tem um pai que poderia se ofender com a situação. Em ambos os casos não é considerada a dor e a humilhação das mulheres, mas sim o que os homens pensariam, se sentiriam. Mostrando assim a inviabilização dos sentimentos das mulheres em comparação com os homens.

Figura 36 - Print comentário família



Fonte: Elaborado pela autora

A categoria 6 é referente a outras mulheres que foram atacadas na publicação. Um usuário coloca nos comentários um print de um e-mail que ele enviou para a jornalista Mônica Bergamo. O e-mail reclamava da matéria escrita pela jornalista, critica o jornal Folha de S. Paulo, a ex-presidenta Dilma e por fim, o ex-presidente Lula (entrando assim na categoria 9 também, que se refere a ataques a outros políticos).

Figura 37 - Print e-mail Mônica 1

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 38 - Print e-mail Mônica 2

Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário, criou um comentário reclamando de Bolsonaro. Trouxemos ele como exemplo de mais um ataque à ex-presidenta Dilma, ao acusá-la de ser mentirosa. Outra pessoa publicou uma imagem com uma narrativa falsa sobre o governo Dilma, dizendo que ela havia retirado os programas infantis da TV aberta para colocar programas que defendem que crianças podem tocar homens nus (ver matéria sobre a polêmica⁴⁰).

Figura 39 - Print comentário Dilma

⁴⁰ PORTAL G1. **Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica.** Disponível em <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>> Acesso em 06 de abril de 2024.

Cadê as privatizações ? Cadê a reforma administrativa ? Cadê a reforma tributário ? Cadê o cumprimento da promessa de menos Brasília e mais Brasil ? O Bolsinano está se mostrando tão mentiroso quanto a Dilma foi na campanha dela. Da mesma forma que o Bolsonaro desidratou a reforma da previdência antes mesmo dela ser enviada para o congresso dizendo que R\$ 800 Bi tava bom, ele está impedindo as privatizações do BB, Caixa, Petrobras, e agora está desidratando a reforma Administrativa dizendo que ela não pode sequer medir o desempenho, resultados, corrupção, vis a vis ao que ganham, dos 12 milhões de servidores públicos mais caros do mundo criando a maior corte de inúteis da história mundial. Se ele insistir nisso a economia vai implodir na cara dela e no nosso colo e o Brasil vai ter o mesmo destino que teve a Argentina com o Macri

4 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

O jornalista e político Jean Wyllys, assim como no caso 1, também foi citado nos comentários. O internauta faz uma mistura do nome Jean com a palavra ânus. Além de dizer, que por ser gay, Jean entende de “furos”.

A jornalista Miriam Leitão também foi atacada nos comentários, dizendo que ela também buscava dar o furo e chamando a profissional de lixão. O segundo comentário inclusive afirmando que para as mulheres subirem no cargo e terem reconhecimento elas precisam dar algo em troca. Nessa visão patriarcal, o valor da mulher está no que ela pode oferecer numa relação heteronormativa e não no seu esforço.

A ex-primeira-dama, Michelle, também aparece nos ataques. Um print que circula é de um comentário na página do jornal Terra, onde um usuário afirma que a esposa de Bolsonaro, é também uma prostituta. No seu comentário, o usuário cita os cheques transferidos de Queiroz para Michele⁴¹, e também o fato dela ter se relacionado com outros políticos - não encontramos na internet reportagens sobre o assunto.

⁴¹ EL PAÍS. **Queiroz fez 27 depósitos para Michelle Bolsonaro, a esposa do presidente, indica quebra de sigilo.** Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-07/queiroz-fez-27-depositos-para-michelle-bolsonaro-a-esposa-do-presidente-indica-quebra-de-sigilo.html>> Acesso em 28 de março de 2024.

Figura 40 - Print comentário Michelle Bolsonaro



Fonte: Elaborado pela autora

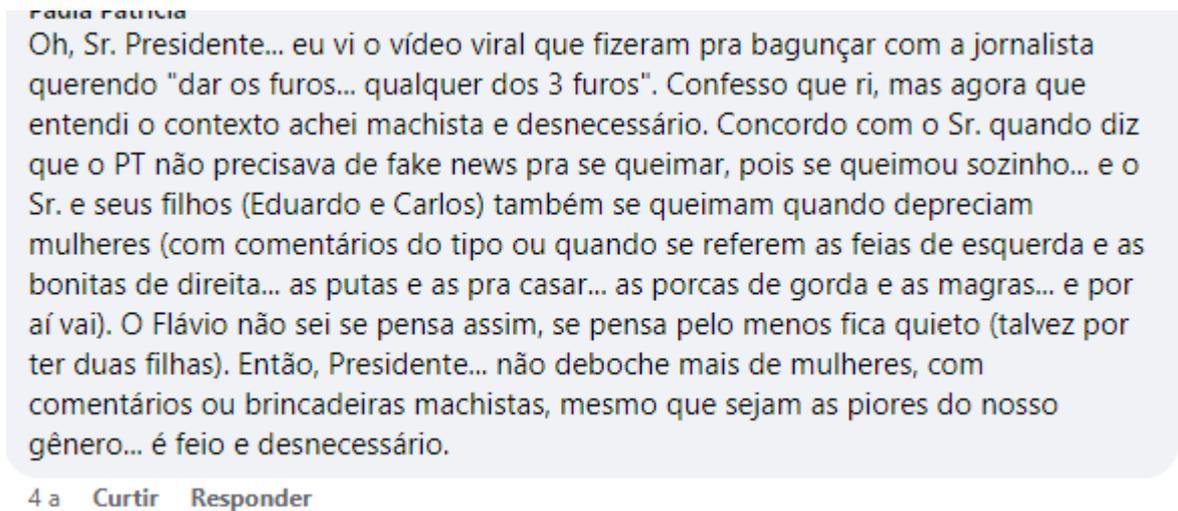
A política Maria do Rosário, que também já foi agredida por Bolsonaro, tem seu nome comentado na publicação, mais de uma vez. Os comentários visam ofender a atual deputada federal, chamando-a de filha da puta (outro adjetivo misógino, muito utilizado para atacar uma pessoa a partir da desmoralização da figura materna) e falando que logo ela comentará o ataque de Bolsonaro.

Um dos comentários era a favor de Patrícia e reforçava que a mensagem que o ex-presidente compartilhava era falsa e já havia sido desmentida. Um dos pontos interessantes do comentário era sobre a tentativa de Bolsonaro de colocar seus eleitores contra a imprensa. Ao

longo de todo o nosso trabalho, percebemos que havia uma estratégia de desacreditizar a imprensa e de minar a confiança social da mesma.

Duas mulheres acusam Bolsonaro de ser machista/sexista e pedem que ele respeite as mulheres. No primeiro comentário, gostaríamos de destacar a observação da usuário, de que até mesmo as piores mulheres também devem ser respeitadas. Esse comentário traz consigo o valor de bem e mal para julgar as mulheres.

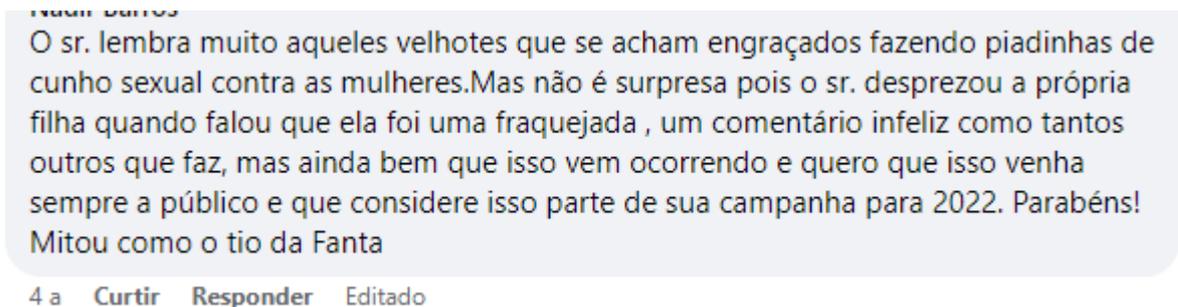
Figura 41 - Print comentário contexto machista



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário, ao criticar o ex-presidente, cita o caso da fraquejada, quando Bolsonaro disse que teve uma filha mulher após fraquejar. Essa fala viralizou e foi uma das várias proferidas com cunho machista ditas por ele.

Figura 42 - Print comentário piadinhas



Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, alguns poucos comentários pedem que o ex-presidente seja mais cauteloso com o que ele fala na imprensa, pois pode ser distorcido e gerar crises à imagem do mesmo. No comentário abaixo, por exemplo, o usuário pede para o ex-presidente ser mais respeitoso para assim consolidar a direita no poder. Outro diz que o ex-presidente precisa ter postura, pois não está numa mesa de bar.

Figura 43 - Print comentário atitude respeitosa

Sr. Presidente o senhor poderia ter atitude mais respeitosa, ter mais honradez ao dirigir as jornalistas ou a quem diverge do Sr, sou seu defensor porém uma boa conduta uma boa postura de estadista ser mais reservado mais respeitoso fará sim uma direita forte onde jamais temeremos a volta da esquerda, não ser flexível já trouxe várias brigas inclusive com pessoas que nos apoiavamos como Joice, Kim Kataguire, etc... Tudo falta de reflexão, sei q isso seus acessores não deve estar te alertando, no qual é um dos erros mais graves pois com o tempo vai cavando brechas para esse congresso corrupto te submeter a um processo de impedimento, o que seria uma catástrofe, resumindo manter a calma ser mais recatado não te custará nada além do mais o cargo não é isento da discordância de ideias principalmente da imprensa . Q Deus esteja com Sr.

4 a Curtir Responder Editado

Fonte: Elaborado pela autora

5. 1. 3 AS AGRESSÕES CONTRA PATRÍCIA - CASO 3

Em 06 de março de 2020, o ex-presidente voltou a incentivar o ódio contra a jornalista Patrícia Campos Mello em suas redes sociais. Em sua conta oficial do Facebook⁴², Bolsonaro compartilhou um print de uma matéria que a repórter fez em 17 de dezembro de 2014. É importante destacar que a data está pequena na imagem, e muitos usuários podem não ter percebido ela, levando assim a um erro de presumir que a matéria tenha sido feita em 2020. Como destrincharemos na análise, essa ação pode ter sido premeditada para levar os usuários ao engano, sendo desinformação na categoria da Falso Contexto, na definição de Claire Wardle.

Na matéria, Patrícia falava sobre a obra financiada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social em Cuba para a construção de um porto⁴³. A partir do

⁴² BOLSONARO, Jair. **Postagem no Facebook sobre o caso 3 - Patrícia**. Disponível em <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid0N3kVgnsr3ua548tHPKgN5Hs3jcgT13KZPqHuNZB7WNvh6tyCfKZEQcwPQgHJUJev8l?locale=pt_BR> Acesso em 26 de março de 2023.

⁴³ FOLHA DE S. PAULO. **Brasil marcou um goloço ao financiar Mariel**. Disponível em <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2014/12/1563653-brasil-marcou-um-golaco-ao-financiar-mariel.shtml>> Acesso em 27 de março de 2024.

segundo semestre de 2018, a ilha deixou de pagar as parcelas do financiamento, entrando na lista de inadimplentes do banco (BBC, 2023, online)⁴⁴

Na legenda da publicação, Bolsonaro escreveu: “Você sabe quem é essa jornalista, tão defendida por seus pares?”. Até março de 2024, o post tinha 39 mil reações, 6,7 mil comentários e 5,7 mil compartilhamentos.

Figura 44 - Post Jair Bolsonaro Facebook

Jair Messias Bolsonaro   6 de março de 2020 · 

- Você sabe quem é essa jornalista, tão defendida por seus pares?

FOLHA DE S.PAULO

patricia campos mello 

Repórter especial da Folha, foi correspondente nos EUA e escreve sobre política e economia internacional. Escreve às sextas-feiras.

Brasil marcou um golaço ao financiar Mariel

17/12/2014 © 14h36 - Atualizado às 15h23

Com o porto de Mariel e outros inúmeros investimentos em Cuba, o Brasil é um dos países que estão mais bem posicionados para se beneficiar da queda do embargo americano à ilha, cuja negociação foi anunciada hoje.

  39 mil 6,7 mil comentário 5,7 mil compartilhamentos

Fonte: Elaborado pela autora

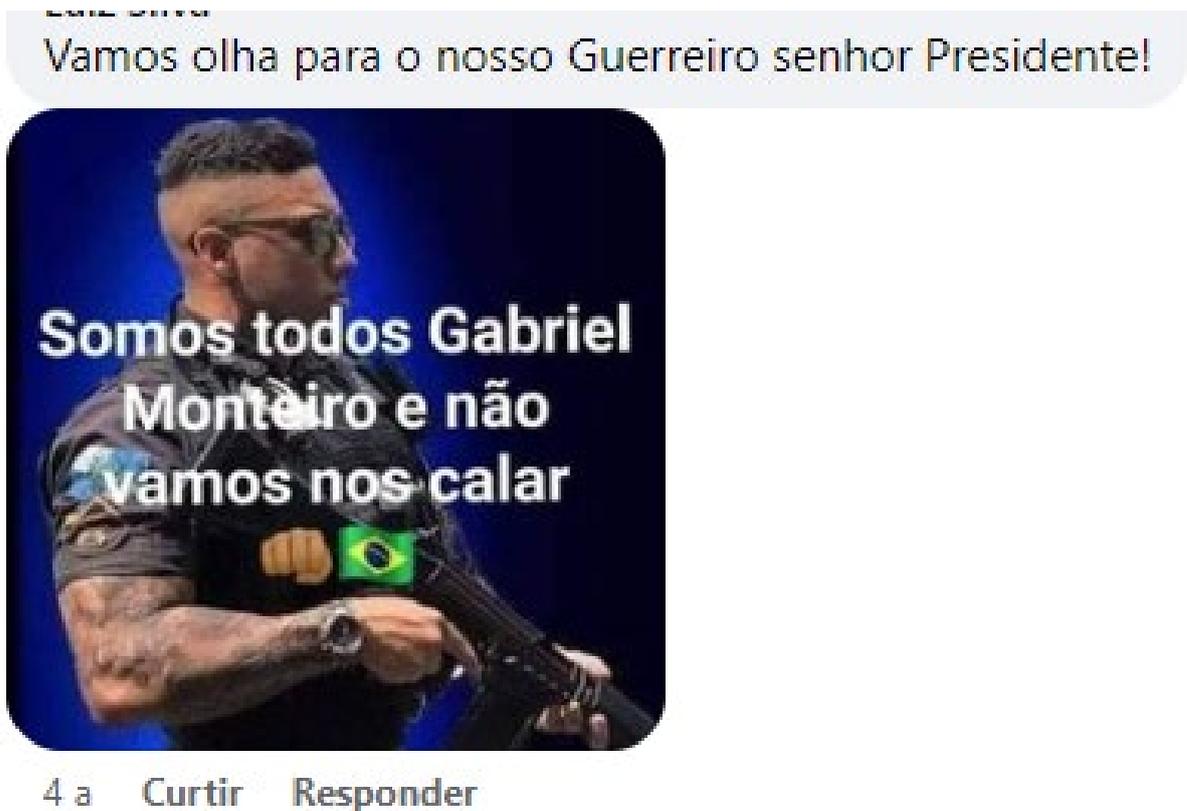
No dia em que Bolsonaro fez a postagem, estava havendo uma movimentação nos grupos de seguidores dele para a defesa de Gabriel Monteiro. O youtuber e ex-vereador, na

⁴⁴ BBC BRASIL. **Porto de Mariel: com área 50% vazia, cubanos esperam ajuda de 'irmão' Lula para atrair empresas brasileiras.** Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c80y2grzpnqo>> Acesso em 27 de março de 2024.

época, foi denunciado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro “por desacato ao ex-comandante da Polícia Militar, o coronel Íbis Silva Pereira” (PORTAL G1, 2023, online)⁴⁵.

Gabriel insinuava que o coronel tinha ligação com traficantes do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Os seguidores de Bolsonaro imploraram que o ex-presidente ajudasse Gabriel, utilizando como argumentos ele ser um cidadão de bem e também ser apoiador de Bolsonaro. A categoria de apoio a Gabriel Monteiro ficou em primeiro lugar em menções.

Figura 45 - Print comentário Gabriel



Fonte: Elaborado pela autora

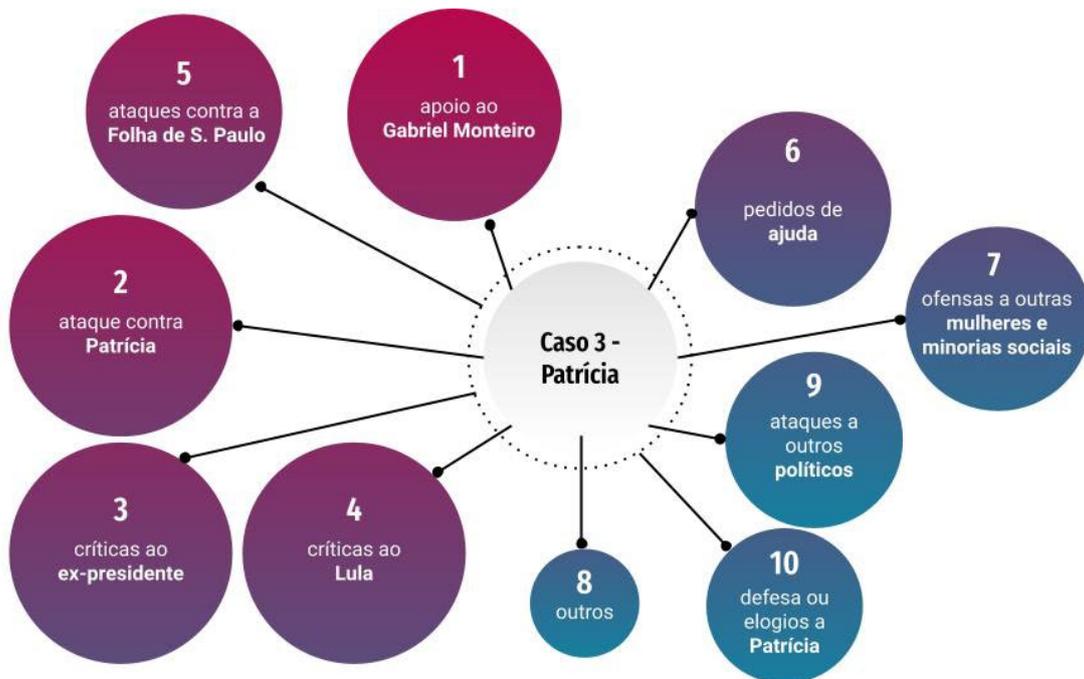
Achamos necessário fazer menção que nesse mesmo ano, Gabriel se elegeu a vereador no Rio de Janeiro. E, um período mais tarde, em 2022, foi cassado e preso por estupro. Além disso, ele foi alvo de uma operação que investigava o vazamento de um vídeo íntimo de uma mulher menor de idade (PORTAL G1, 2022, online)⁴⁶.

⁴⁵ PORTAL G1. **MP denuncia ex-vereador Gabriel Monteiro por desacato contra ex-comandante da PM.** Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/26/mp-denuncia-ex-vereador-gabriel-monteiro-por-desacato-contra-ex-comandante-da-pm.ghtml>> Acesso em 27 de março de 2024.

⁴⁶ PORTAL G1. **Quem é Gabriel Monteiro, vereador cassado e preso por estupro.** Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/07/quem-e-gabriel-monteiro-vereador-cassado-e-preso-por-estupro.ghtml>> Acesso em 27 de março de 2024.

Nossa classificação apresentou as seguintes categorias de sentidos e seguiu a seguinte ordem: 1) apoio a Gabriel Monteiro; 2) ataques contra a Patrícia; 3) críticas a Bolsonaro; 4) críticas ao Lula; 5) críticas ao jornal Folha de S.Paulo; 6) pedidos de ajuda (resolver problemas com a justiça, doação, entre outros); 7) ofensas a outras mulheres e minorias sociais; 8) outros assuntos sem relação com a publicação e/ou governo; 9) ofensas a outros políticos; 10) defesa ou elogios à Patrícia.

Figura 46 - Mapa de sentido - Patrícia - Caso 3



Fonte: Elaborado pela autora

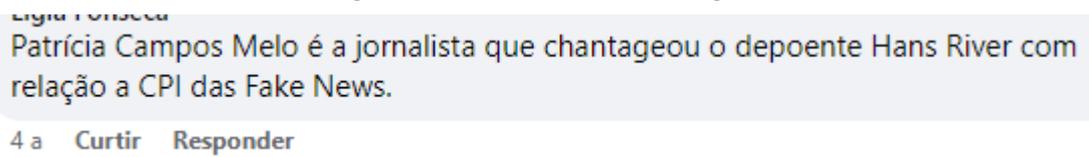
Os comentários em relação a Patrícia seguem a onda misógina da publicação do caso 1 e 2. Apesar de não ter relação direta com Hans River e a fala de cunho sexual do ex-presidente, esse caso trouxe essas histórias em sua imensa maioria. Como demonstrado nos prints abaixo.

Figura 47 - Print comentário repórter



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 48 - Print comentário chantagem



Fonte: Elaborado pela autora

Montagens com o rosto da repórter também são frequentes em ambos os casos, e muitas vezes essas imagens alteradas repercutem em mais de um dos casos analisados. Pelo que podemos analisar também, a maioria das imagens alteradas mostrava a Patrícia em imagens de cunho sexual, como em cenas de filmes pornos ou em capas destes mesmos filmes. Um dos usuários também questionava se ela era uma das atrizes que atua em vídeos pornos na plataforma Xvideos. Como pode ser percebido abaixo.

Figura 49 - Print comentários vídeos pornográficos 3



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 50 - Print comentário xvideos

Essa é a garota do xvideos?

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Abaixo segue um comentário onde Patrícia foi objetificada por um usuário, que dizia querer ter relações sexuais com a mesma. Para falar sobre o ato sexual, o usuário utiliza palavras que remetem a violência, como surra (por ele escrita como ‘curra’) e desossada. Alguns estudos e pesquisadores analisam que o consumo de pornografia pode estar relacionado com a cultura do estupro (OLIVEIRA E SILVA, 2022, p.267)⁴⁷ e também violência contra as mulheres (CARTA CAPITAL, 2021, online)⁴⁸.

Figura 51 - Print comentário violência

Quería o furo dela. Dava uma curra, que ia sair toda dessossada. Vem papai....kkkkk

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Outro comentário dizia que Patrícia tinha as partes íntimas mais desejadas pelos homens héteros do país. E outro dizia que ela é uma milf, um acrônimo que significa "Mother I'd Like to Fuck", e na tradução: Mãe com quem eu gostaria de transar. MILF é uma categoria popular de pornô.

Alguns comentários que buscavam difamar Patrícia relacionavam ela com adjetivos machistas, como vagabunda, vadia, entre outros. E também a chamavam de profissional do sexo e expressões análogas, como “rodar bolsinha”. A prostituição não é crime no Brasil, mas é uma profissão estigmatizada e que sofre de muito tabu e preconceito. Como o sexo é visto de uma maneira muito patriarcal e machista, ainda nos dias de hoje, relacionar mulher com esse tópico traz consigo uma carga de julgamento moral, e condena as mulheres como “pecadoras”. Ainda citando a prostituição, um usuário utiliza uma imagem editada com uma prostituta utilizando um vestido com o logo do PT e no rosto dela há o logo do jornal Folha de S. Paulo.

⁴⁷ OLIVEIRA, Márcio Rubens de; SILVA, Haylla dos Santos. **Pornografia e cultura do estupro: estudo sobre a naturalização de práticas de violência contra a mulher e suas implicações em sua saúde mental.** Pernambuco: Revista Debates Insubmissos, 2022.

⁴⁸ CARTA CAPITAL. **O consumo de pornografia favorece a violência contra a mulher?** Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-consumo-de-pornografia-favorece-a-violencia-contra-a-mulher/>> Acesso em 28 de março de 2024.

Figura 52 - Print comentário prostituição Folha 2



Fonte: Elaborado pela autora

Um dos comentários dizia que se a repórter estivesse no Brasil iria apanhar dele. Destacamos que no Brasil, em 2023, houve mais de 3 mil casos de mulheres que sofreram violência (AGÊNCIA BRASIL, 2024, online)⁴⁹. Comentários como esse podem ser vistos como um incentivador para potenciais agressores.

Figura 53 - Print comentário surra

Se ela tivesse no brasil5 hj levaria uma surra de mim MESMO

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Um dos comentários diz que Patrícia gostaria de ter relações com o ex-presidente, o que nos lembrou de comentários feitos por Bolsonaro e seus seguidores sobre Vera. Em ambos os casos, quando mulheres cobram sobre suas ações, elas são vistas como apaixonadas que não conseguem esquecer dele. Seu trabalho e sua função de fiscalizar o serviço público é posto de lado, deixando apenas essa parte. No comentário em destaque também notamos a comparação entre Patrícia e Michele Bolsonaro, onde o usuário tenta estabelecer quem é a mais bela. A comparação de beleza entre mulheres é uma das estratégias do patriarcado para minar a

⁴⁹ AGÊNCIA BRASIL. **A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência.**

Disponível em <

confiança e estabelecer uma rivalidade entre as mulheres, que muitas vezes prejudica a união das mesmas no combate das injustiças.

Figura 54 - Print comentário mulher bonita

Bolsonaro, essa mulher quer dar pra vc véi!! Marca não!!! Sua mulher é mais bonita.

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Dois comentários se referiam a genitálias masculina e feminina. Com a discrepância entre eles, podemos perceber que uma delas é vista como algo sagrado, bom, que resolve problemas, enquanto outra é usada de forma pejorativa. Por exemplo, o pênis é visto como algo sagrado (primeira imagem). Já a vagina, é usada como algo ruim, algo que não é bom. Na psicanálise, por exemplo, Freud cria a teoria do falo, onde é entendido que a mulher, por não ter um falo, encontra-se num lugar de inexistência ou de nível mais baixo (MARTINS, 2021, p.1).

Figura 55 - Print comentário biblia

Presidente em proverbios a biblia diz " seja justo mais nem tanto" deixa comigo vou enviar uma mensagem a ela mandando ela chupar uma rola

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 56 - Print comentário jornalouca

A Jornalouca bostializou. E uma vagina pensando. Cubana que não vai lá.

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Uma usuária, dois dias após a publicação, no dia 08 de março, faz um comentário sobre o Dia Internacional da Mulher. No texto, ela diz que as mulheres estão em busca de respeito. Ela também publica uma charge onde podemos ver uma personagem feminina subindo uma escadaria onde está escrito no primeiro degrau “femicídio” e no terceiro, onde há holofote tem a palavra “parabéns”. O comentário não cita Patrícia ou a agressão.

Figura 57 - Print comentário dia da mulher

#Feliz dia 08 de Março. DIA DE TODAS AS MULHERES...SIM TODAS AS MULHERES APRENDEREM DESDE DE MUITO CEDO QUE DEVEM SEMPRE NOS RESPEITAR.....CHEGA ESTOU CANSADA DE TANTO HIPOCRISIA ...NÃO QUEREMOS LEIS QUE NÃO FUNCIONAM....CAFÉ COM BRINDES....EXAMES OBRIGATÓRIOS DE SAÚDE...QUEREMOS RESPEITO....RESPEITO....RESPEITO....



4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda citando o Dia da Mulher, outra usuária destaca que Patrícia é uma ótima jornalista e não deveria ser agredida. Pela forma como a frase foi escrita, pode-se entender que por ser um dia de comemoração ao gênero feminino, a agressão não seria tolerada. Salientamos que essa data no país representa um dia onde os homens veneram as mulheres, mesmo que nos outros dias do ano agridam elas de diversas formas.

Figura 58 - Print comentário dia internacional das mulheres

Seu grotesco. Ela é uma super jornalista e hoje o dia Internacional das mulheres

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Um usuário também utiliza a expressão “se fazem de vítima”, e essa frase foi observada (com suas derivações) como sendo uma frase padrão para quando as mulheres agredidas que foram analisadas se manifestam contra o ataque, ou quando terceiros pontuaram sobre a agressão.

Figura 59 - Print comentário vítima

Se fazem de vítima o tempo todo mais vivem 24 hs pra difamar o Presidente e família eu que um dia achava que jornal era coisa séria

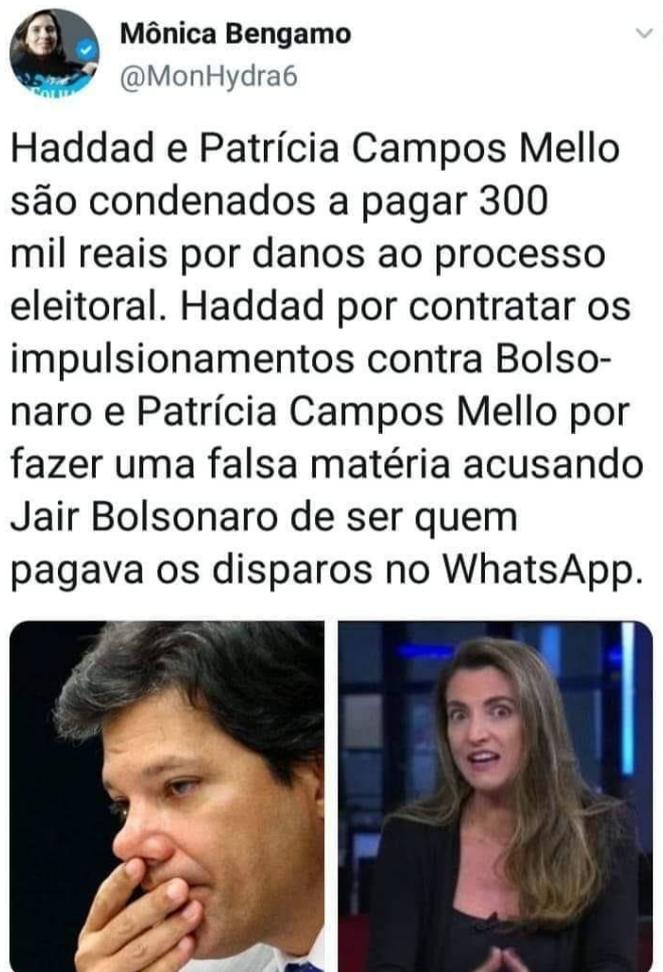
4 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

Imagens falsas também são usadas como forma de atacar outros políticos e a Patrícia. No exemplo abaixo, circula um post que fala sobre Haddad e a jornalista terem sido condenados por danos ao processo eleitoral. A imagem falsa é um print de um post numa conta falsa, que tenta imitar o twitter da jornalista Mônica Bergamo. Destacamos que o nome da jornalista está escrito errado e o user dela também é diferente.

Figura 60 - Print perfil falso



Fonte: Elaborado pela autora

Outra imagem falsa mostrava Patrícia usando uma tornozeleira eletrônica durante um programa na TV. A imagem é uma montagem e serve com o propósito de desacreditar a jornalista.

Figura 61 - Print comentário tornozeleira eletrônica



Fonte: Elaborado pela autora

A narrativa que a imprensa tenta atacar o ex-presidente e causar danos a imagem dele também é presente, como visto acima. Um usuário acusa Patrícia de não ser uma jornalista e sim uma militante do PT. ele também cita a liberdade de imprensa, que na opinião dele é usada como forma de defender a politicagem, do que necessariamente proteger os jornalistas e o acesso à informação. Um dos usuários cita o Artigo 7 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros para “comprovar” seus argumentos de que Patrícia e outros jornalistas não seguem essa premissa.

A jornalista e a Folha de S. Paulo também são frequentemente associados com o comunismo, o que na visão da extrema-direita é algo errado, que vai contra a boa-conduta social. A expressão “morar em Cuba” inclusive é muito utilizada em resposta a pessoas que criticam governos de direita ou o sistema capitalista.

Figura 62 - Print comentário comunista

Jornalista comunista porque não vai morar em Cuba.

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda citando a Patrícia, um comentário diz que ela é uma desqualificada que não sabe a data. Relacionamos isso ao fato comentado no início da descrição, de que a data da reportagem estava difícil de ler e a matéria foi tirada do contexto também.

Figura 63 - Print comentário desqualificada

Jair Messias Bolsonaro realmente essa jornalista é uma desqualificada, não sabe nem que dia é hoje!!!

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa publicação o jornalismo de forma geral também foi atacado. Os usuários classificaram o jornalismo como mentiroso, militando, nota zero e dizem que a imprensa mente para defender os próprios interesses. Evidenciamos o uso inadequado da palavra desinformação, assim como a expressão fake news era usada por Trump para falar que discordam dos fatos apresentados.

Outro usuário pergunta se a jornalista a qual Bolsonaro se refere é a da história de “dar um furo” e também posta uma imagem ofendendo diversas instituições, como empresas jornalísticas, STF, PT e Congresso.

Figura 64 - Print comentário furo 2



Fonte: Elaborado pela autora

O jornalismo e os jornalistas também são acusados pelos seguidores de Bolsonaro de enfraquecer a economia do país e de descredibilizar o ex-presidente perante os civis.

Figura 65 - Print comentário mídia



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário também comentava que os jornalistas não estão mais interessados em buscar e noticiar a verdade. Ou seja, não estão cumprindo com o papel implícito acordado entre a instituição e sociedade. Além disso, os jornalistas estariam infringindo o acesso à informação dos cidadãos. A credibilidade do jornalismo de forma geral é questionada. Sendo um dos pilares do jornalismo, a credibilidade uma vez atacada, pode ser difícil de recuperar. Logo, os cidadãos podem não ver mais valor na profissão ou profissional.

Outra imagem editada usava o rosto das jornalistas Patrícia, Vera e do jornalista Glenn Greenwald. Os textos diziam que os três repórteres haviam feito diversas ações para prejudicar o Governo. Todas as informações que constam na imagem já foram desmentidas publicamente. A imagem também era assinada pelo “Capitão Augusto”, um deputado federal filiado ao Partido Liberal, onde Bolsonaro também já foi filiado.

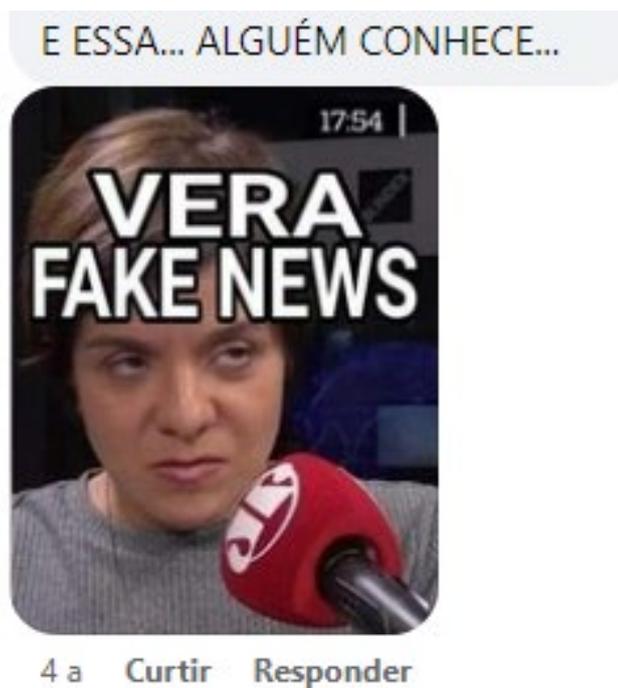
Figura 66 - Print comentário jornalistas



Fonte: Elaborado pela autora

Como dito, outras mulheres e minorias sociais também foram atacadas no post, apesar de não terem relação direta com o assunto. Essas pessoas são frequentemente atacadas por Bolsonaro e seus seguidores, como é o caso das jornalistas Vera Magalhães, Miriam Leite, Patrícia Poeta, Rachel Sheherazade e Fátima Bernardes. A ex-presidenta Dilma também é atacada nos comentários. Um usuário, por exemplo, a chama de burra. Outro usuário diz que ela foi a pior presidente da história do país.

Figura 67 - Print comentário Vera Fake News



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 68 - Print comentário taradas



Fonte: Elaborado pela autora

Marielle Franco, ativista e política brasileira, brutalmente assassinada em 2018 também é citada nos comentários. Um usuário faz uma montagem com uma foto dela e o texto “kkk, assim você me mata de rir kk”. Consideramos esse comentário desrespeitoso, pois faz descaso e chacota com um homicídio que é frequentemente relacionado a extrema-direita e pessoas próximas a família Bolsonaro. O caso ainda está sendo investigado.

Relembramos também que, em 2018, meses após a execução da vereadora, um dos filhos de Bolsonaro, Flávio, foi fotografado com outra pessoa segurando a placa em memória de Marielle quebrada⁵⁰.

Figura 69 - Print comentário Marielle Franco

⁵⁰ PORTAL UOL. **Placa de Marielle foi quebrada para restaurar a ordem, diz Flávio Bolsonaro.** Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/04/placa-de-marielle-foi-quebrada-para-restaurar-a-ordem-diz-flavio-bolsonaro.htm>> Acesso em 28 de março de 2024.



Fonte: Elaborado pela autora

A drag queen e cantora Pablllo Vittar também teve sua imagem utilizada numa montagem. A figura dizia “no dia das mulheres diga não à pirataria”. Frequentemente a cantora é confundida como uma pessoa transgênero. Ressaltamos que pessoas transgêneros sofrem diversos preconceitos e violências, e muitas pessoas negam a elas a identidade e o direito de se identificar da forma como preferirem.

Figura 70 - Print comentário Pablllo Vittar



Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, um comentário defendia Patrícia, falando que o ex-presidente tentava caluniar a repórter com informações que já haviam sido desmentidas. Outra usuária também elogia Patrícia, falando que acompanha a profissional há um bom tempo. E uma terceira usuária se diz arrependida de ter votado em Bolsonaro.

Por fim, um usuário também comenta a tática cortina de fumaça⁵¹, muitas vezes usada por Bolsonaro para se desviar de assuntos que comprometam ele ou a família dele.

Figura 71 - Print comentário estratégias

Bolsonaro usa sempre as mesmas estratégias pra se esvair de algo complicado, tentando desqualificar o informante ou a fonte da informação. Prefere a baixaria do que dar as devidas explicações. É muito cargo pra pouca postura.

4 a Curtir Responder

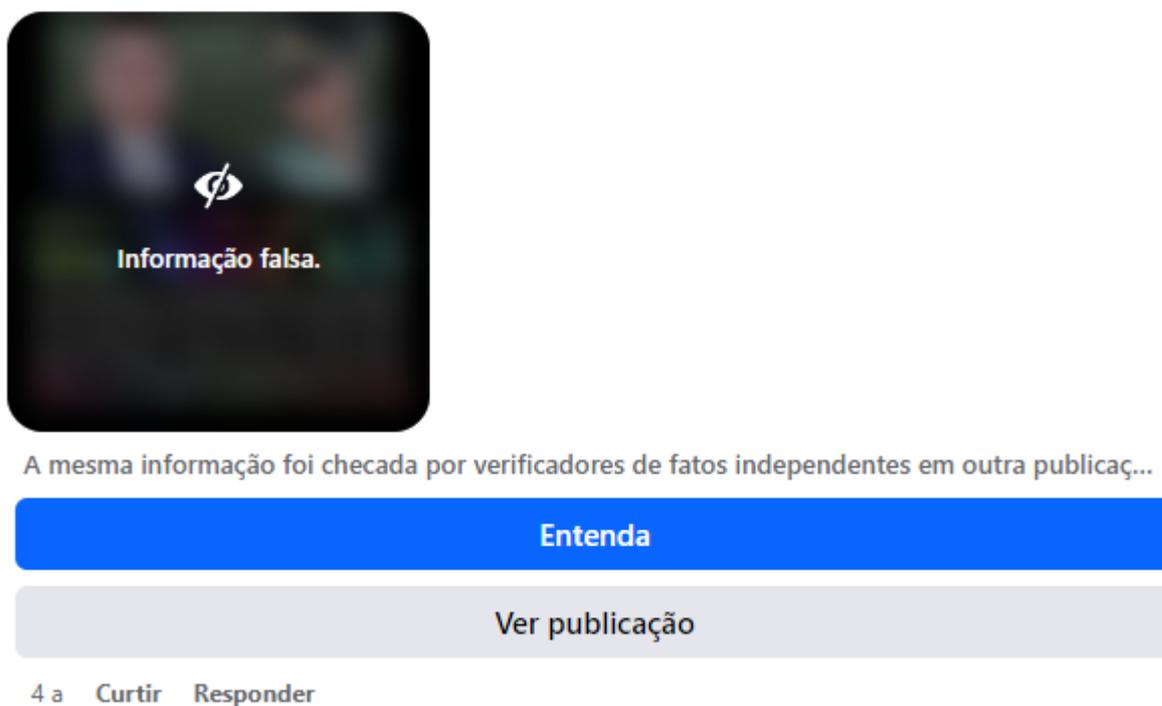


Fonte: Elaborado pela autora

⁵¹ PORTAL UOL. **De PIB da banana a golden shower: 8 cortinas de fumaça do governo Bolsonaro.** Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/05/do-pib-pifio-a-golden-shower-7-cortinas-de-fumaca-do-governo-bolsonaro>> Acesso em 28 de março de 2024.

Gostaríamos de salientar, que entre todos os casos analisados, esse foi o único que contava com um aviso da plataforma sobre se tratar de uma informação falsa. Em seu site, o grupo Meta, responsável pelo Facebook e Instagram, falam sobre seus compromissos em “combater a disseminação de desinformação” (META, n.d., online)⁵².

Figura 72 - Print Meta informação falsa



Fonte: Elaborado pela autora

Uma usuária acusa a empresa Meta de ter sido comprada por pessoas da esquerda. Acreditamos que o conteúdo que busca ser compartilhado seja identificado como falso pela plataforma.

Figura 73 - Print comentário Facebook

⁵² GRUPO META. **Sobre a verificação de fatos no Facebook e no Instagram**. Disponível em <<https://www.facebook.com/business/help/2593586717571940>> Acesso em 27 de março de 2024.

Senhor presidente, o que nos dá revolta é que o Facebook está totalmente comprado por esses esquerdopatas! Quando queremos compartilhar qualquer coisa referente a esses esquerdas, não só eu, mas como outras pessoas, também não conseguimos!

Isso é a maior prova de quanto dinheiro foi “tomado” do Brasil, para que se pudesse manipular todos os meios de comunicação possíveis.

4 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

5. 2 VERA MAGALHÃES

Vera Magalhães é jornalista, radialista, apresentadora e comentarista política de 51 anos. Atualmente é colunista do jornal O Globo, comentarista no podcast Viva Voz, da rede CBN e âncora do programa Roda Viva da TV Cultura.

Formada em jornalismo pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (USP) em 1995, Vera ganhou diversos prêmios ao longo da sua carreira, entre eles o Troféu Mulher Imprensa em 2017 e 2020.

Vera Magalhães foi atacada nove vezes entre 2019 a 2022. Sendo seis ataques em 2020 e três ataques em 2022. Assim como no caso de Patrícia, a FENAJ classificou os ataques contra Vera na categoria Agressões verbais/Ataques virtuais (FENAJ, 2019, 2020, 2021, 2022).

5. 2. 1 AS AGRESSÕES CONTRA VERA - CASO 1

O ex-presidente Bolsonaro foi um dos agressores que mais atacou a jornalista Vera Magalhães. Nosso primeiro caso analisado ocorreu no dia 17 de março de 2020, onde Jair fez uma postagem no Twitter⁵³ compartilhando um post da jornalista daquele dia e dizendo “Vá procurar o que fazer, senhora!”. A publicação até julho de 2023 teve 6.663 retweets, 2.337 comentários, 46,1 mil curtidas e 79 itens salvos.

Figura 74 - Tweet Jair Bolsonaro contra Vera Magalhães

⁵³ BOLSONARO, Jair. **Postagem no Twitter sobre o caso 1 - Vera**. Disponível em <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240035257765761024>> Acesso em 25 de julho de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora

Os comentários foram classificados da seguinte forma: 1) críticas ao ex-presidente; 2) ataques contra a jornalista; 3) ataques contra a imprensa de modo geral; 4) de apoio a Bolsonaro; 5) comentários em defesa da Vera; 6) comentários acerca de outros políticos e ideologias políticas; 7) outros (comentários que não tem a ver com o tópico).

Figura 75 - Mapa de sentido - Vera - Caso 1



Fonte: Elaborado pela autora

Como dito acima, a maioria dos comentários eram críticas ao ex-presidente, pedindo o impeachment dele ou mandando ele exercer sua função como político. Como o print abaixo demonstra:

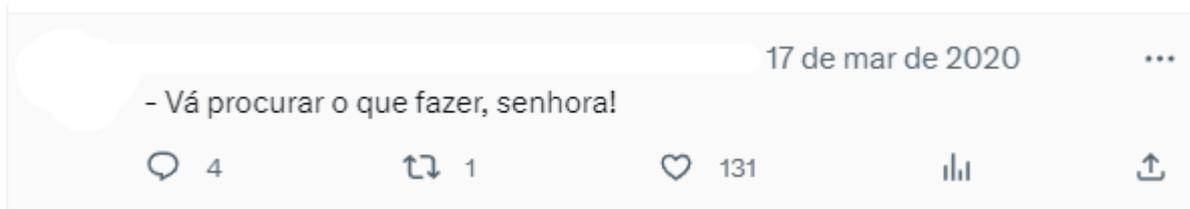
Figura 76 - Print comentários contra o presidente



Fonte: Elaborado pela autora

Em segundo lugar no número de aparecimento nos comentários foram aqueles que atacavam a jornalista ou eram contra ela. Alguns dos comentários faziam referência ao próprio post do ex-presidente, falando para a jornalista procurar o que fazer, como exemplificado no print abaixo:

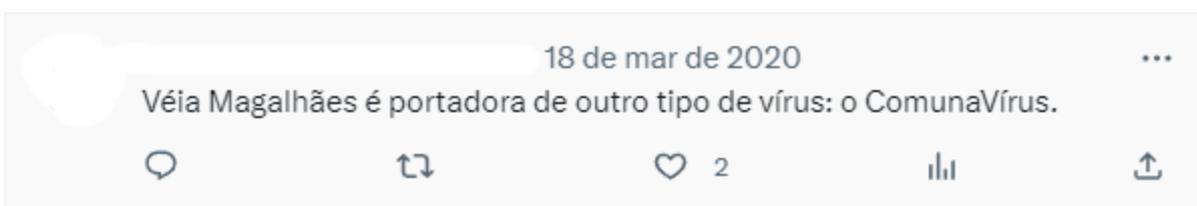
Figura 77 - Print comentário copiando a frase de Bolsonaro



Fonte: Elaborado pela autora

Alguns comentários contra a jornalista a relacionavam com o comunismo e partidos de esquerda. Outros comentários faziam piadas e trocadilhos com o coronavírus.

Figura 78 - Print comentário ComunaVírus



Fonte: Elaborado pela autora

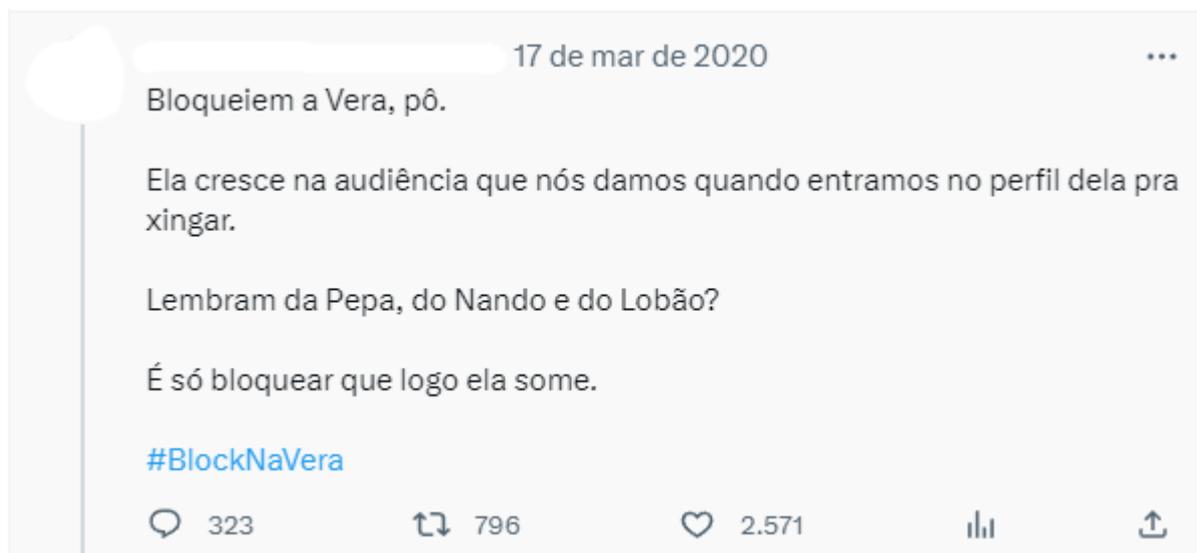
Figura 79 - Print comentário sobre a esquerda



Fonte: Elaborado pela autora

Outros comentários recomendavam e/ou afirmavam que haviam bloqueado a jornalista, dessa forma evitando dar visibilidade ao conteúdo feito por ela. Foi criada uma # incentivando mais usuários a fazerem o mesmo. A #BlockNaVera vem sendo utilizada por simpatizantes da família Bolsonaro desde 2018.

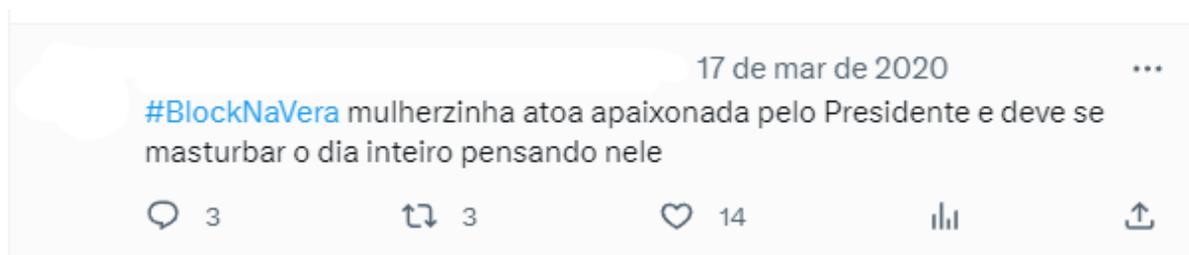
Figura 80 - Print comentário #BlockNaVera



Fonte: Elaborado pela autora

Uma usuária, utilizando a #BlockNaVera, faz um comentário usando a uma frase de cunho sexual, onde afirma que Vera é apaixonada por Jair Bolsonaro e se masturba pensando nele. Meses depois desse comentário, Jair Bolsonaro, ao participar de um debate presidencial, faz menção a essa ideia da jornalista ser apaixonada por ele, como veremos em uma das análises que ainda será feitas neste trabalho. Outro comentário também fala sobre a vida sexual de Vera, e repete a ideia da jornalista ser apaixonada pelo ex-presidente.

Figura 81 - Print comentário Vera ser apaixonada pelo ex-presidente



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 82 - Print comentário vida sexual da jornalista



Fonte: Elaborado pela autora

Um dos comentários sobre a jornalista ser apaixonada pelo ex-presidente falava sobre o Bolsonaro estar “batendo” na jornalista, ou seja, fazendo posts que a envergonhavam. Mas a frase mostrada no print abaixo também pode ser interpretada de outra forma. Ela pode ser analisada num contexto patriarcal, machista e violento, onde vítimas de violência doméstica são julgadas socialmente, por pessoas que muitas vezes creem que elas não saem dessas relações abusivas, pois são apaixonadas por seus agressores. Podemos interpretar esse comentário como sendo um perpetuador de crenças machistas sobre mulheres violentadas.

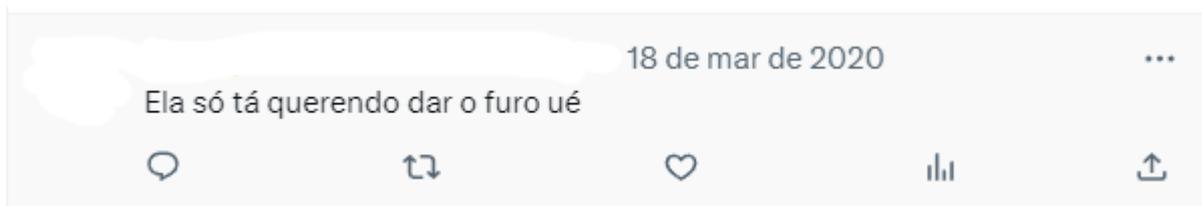
Figura 83 - Print comentário sobre violência doméstica



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário também fazia um comentário com cunho sexual, e fazia relação com o caso da Patrícia ao utilizar a frase “dar o furo”, dita por Bolsonaro ao se referir a ela. Podemos dessa forma ver que os ataques misóginos de uma jornalista passam para outras mulheres, percepção que tivemos também a respeito da imagem 4, no subcapítulo 5.1.1 - As agressões contra Patrícia.

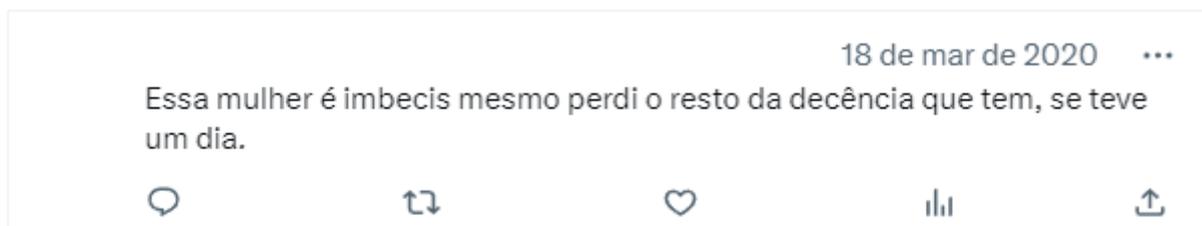
Figura 84 - Print comentário dar um furo



Fonte: Elaborado pela autora

Um dos comentários falava sobre a “perda da decência” por Vera. Esse comentário apresenta uma questão de gênero sobre o que são mulheres decentes e o que não são. As mulheres decentes são aquelas vistas como as que merecem o respeito dos homens até certo ponto, pois isso é algo subjetivo e mutável, que parte da percepção do outro sobre o alguém. E as não decentes são aquelas que não seguem as normas de gênero impostas, como ser bela, recatada e do lar. Ao falar que Vera não tem mais decência, ele a marca como sendo alguém que não é digno de respeito, numa sociedade baseada no machismo.

Figura 85 - Print comentário sobre decência



Fonte: Elaborado pela autora

Outros comentários contra a jornalista eram a respeito do salário dela. Em 2020, Douglas Garcia e Gil Diniz, ambos deputados estaduais de São Paulo, acusaram a jornalista de receber 500 mil reais da Fundação Padre Anchieta, que administra a TV Cultura, para atacar o então presidente. A informação falsa foi desmentida por Vera no Twitter e pelo site Aos Fatos⁵⁴. O salário da jornalista é de R\$22 mil ao mês, o que totaliza R\$264 mil anuais, e é pago pela emissora com o dinheiro arrecadado pela publicidade no canal e não com verba pública. Alguns usuários criticam a jornalista e fazem menção a essa informação falsa, de que ela estaria recebendo salário com verbas públicas, financiada pelo ex-governador de São Paulo, João Dória.

⁵⁴ O ESTADO DE SÃO PAULO. **É falso que Vera Magalhães tenha contrato de R\$ 500 mil por ano pagos pelo governo de São Paulo.** Disponível em <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/e-falso-que-vera-magalhaes-tenha-contrato-de-r-500-mil-por-ano-pagos-pelo-governo-de-sao-paulo/#:~:text=O%20salário%20de%20Vera%20Magalhães,ela%20no%20Twitter%20em%202020.>> Acesso em 25 de julho de 2023.

Figura 86 - Print comentário salário e Dória



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário também fala do salário da jornalista e parabeniza o ex-presidente. A terceira categoria mais mencionada nos comentários foi a de elogios e apoio a Jair Bolsonaro. Como mostram os exemplos abaixo:

Figura 87 - Print comentário salário e Bolsonaro

22k por mês pra atacar o Presidente.

Agora sabemos o porque dessa Militância contra o Sr.

Jair Bolsonaro, mais uma vez sai por cima de todos esses ataques da Imprensa.



Fonte: Elaborado pela autora

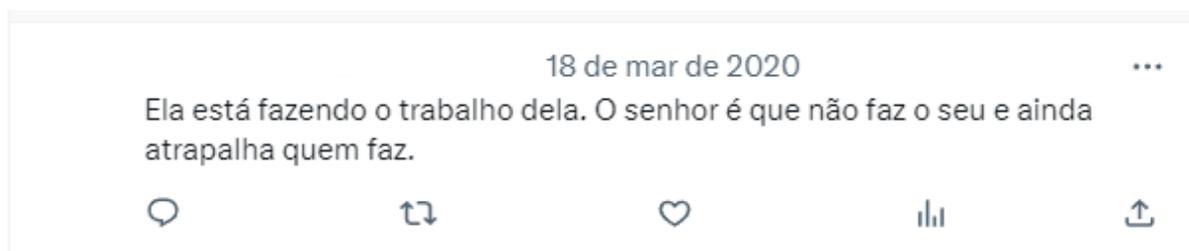
Figura 88 - Print comentário Bolsonaro



Fonte: Elaborado pela autora

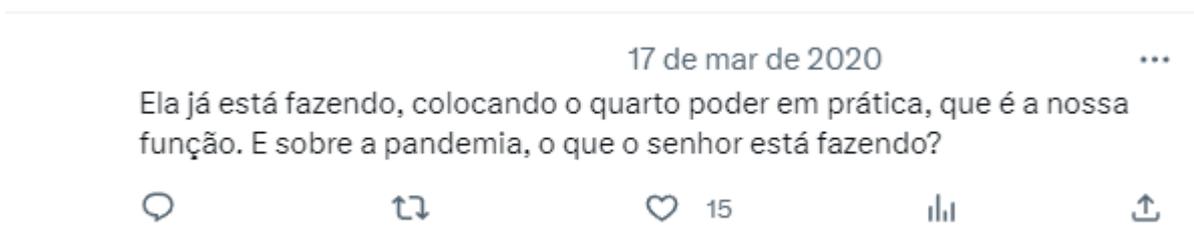
A quarta categoria mais percebida nos comentários foi a de defesa da jornalista. A maioria questionava o ex-presidente e seu serviço prestado à população durante a pandemia. Além de defender o papel social do jornalismo e a liberdade de imprensa.

Figura 89 - Print comentário atrapalha quem faz



Fonte: Elaborado pela autora

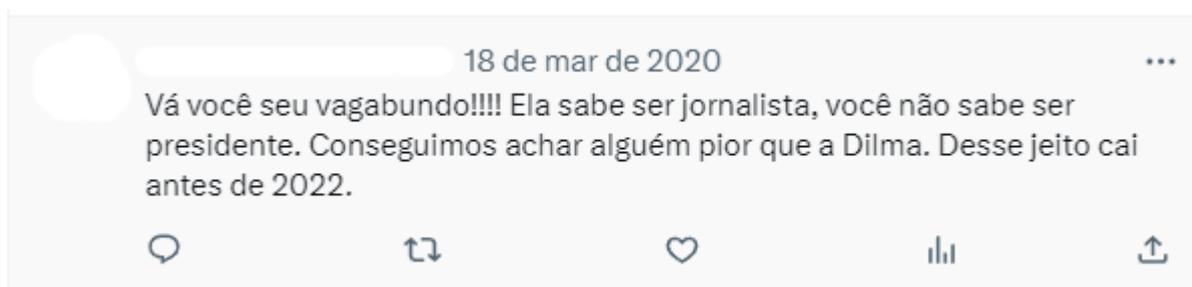
Figura 90 - Print comentário quarto poder



Fonte: Elaborado pela autora

Assim como nos comentários no post analisado do caso da Patrícia Campos Mello, a ex-presidenta Dilma também foi mencionada em um tweet. O post buscava criticar o ex-presidente e defender Vera dos ataques que estava sofrendo. A frase no post, ao contrário da outra menção sobre a ex-presidente que foi analisada, não ataca diretamente a Dilma, mas pode mostrar que o machismo está enraizado em nossa sociedade. Bolsonaro é o 9º Presidente a tomar posse no país pós Ditadura Militar, e ao fazer uma má gestão, ele é comparado com a única mulher que foi eleita para o cargo no país e sofreu impeachment num processo até hoje questionado por muitos.

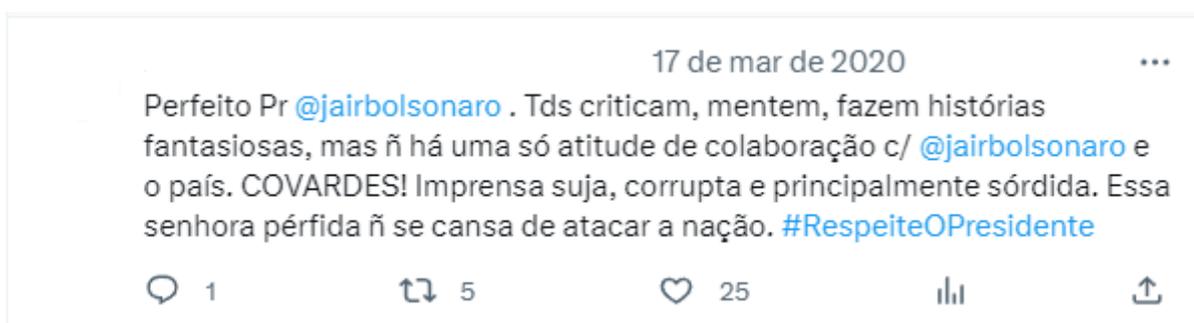
Figura 91 - Print comentário sobre a Dilma 2



Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, tivemos um comentário atacando diretamente o jornalismo, e mostrando a falta de confiança sobre a profissão. Segundo o comentário, a imprensa mentiria e seria corrupta.

Figura 92 - Imprensa corrupta



Fonte: Elaborado pela autora

5. 2. 2 AS AGRESSÕES CONTRA VERA - CASO 2

O segundo caso, analisado em relação à jornalista Vera, ocorreu em 26 de fevereiro de 2020. O envolvido no caso, foi o terceiro filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro, que replicou um tweet⁵⁵ em resposta ao que a jornalista havia postado naquele dia. A publicação, até março de 2024, teve 2.223 retweets, 358 comentários, 14,7 mil curtidas e 14 itens salvos.

Figura 93 - Tweet Eduardo Bolsonaro contra Vera Magalhães



Fonte: Elaborado pela autora

Os comentários foram classificados da seguinte forma: 1) ataques contra a jornalista; 2) ataques contra a imprensa de modo geral; 3) de apoio à família Bolsonaro; 4) críticas ao ex-presidente e ao Eduardo; 5) comentários acerca de outros políticos e ideologias políticas; 6) respostas à pergunta feita no post; 7) outros (comentários que não tem a ver com o tópico).

Figura 94 - Mapa de sentido - Vera - Caso 2

⁵⁵ BOLSONARO, Eduardo. **Postagem no Twitter sobre o caso 2 - Vera**. Disponível em <<https://twitter.com/bolsonarosp/status/1232697697565630464>> Acesso em 24 de março de 2024.

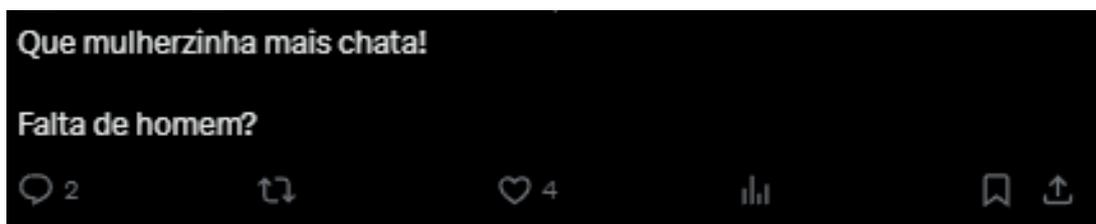


Fonte: Elaborado pela autora

A maioria dos comentários eram críticas à jornalista. Entre os adjetivos usados para atacar a jornalista, estão: amargalhães (uma junção da palavra amarga com o sobrenome da jornalista), desamada, amarga, podre, descontrolada, escrota, maluca, doente, desinformante, surtada, jabuti, puta e sem ética. Alguns destes adjetivos usados são usados especificamente para atacar e desacreditar as mulheres, não sendo usados, normalmente, contra seus pares do gênero masculino.

Outro comentário misógino, questionava os atos da jornalista e sua “chaticice” a falta de homem. Esse discurso, além de heteronormativo, também pressupõe que a mulher deva estar com um homem, sendo só assim completa e na sua melhor versão. O caráter da jornalista também é questionado por outro usuário.

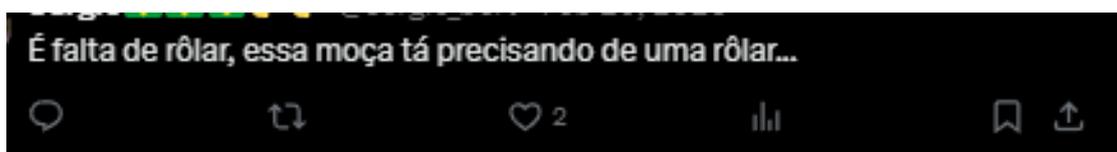
Figura 95 - Print comentário mulherzinha



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário usava um eufemismo para falar que apenas um pênis resolveria os problemas da jornalista, sendo novamente, um comentário misógeno e heteronormativo. Esse comentário também abre brecha para discutirmos a imposição do falo como um solucionador de problemas das mulheres. Em um país, onde a cada oito minutos ocorre um caso registrado de estupro⁵⁶, fora os não notificados, essa presunção por parte do grupo que é endeuado e visto como o mais forte, pode ser perigoso.

Figura 96 - Print comentário pênis



Fonte: Elaborado pela autora

Nesse caso, assim como o primeiro, tem um dos comentários afirmando que a jornalista sonha com o ex-presidente.

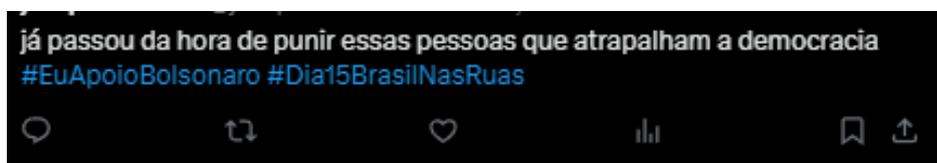
Figura 97 - Print comentário playmobil



Fonte: Elaborado pela autora

Um dos comentários falava que estava na hora de punir quem atrapalha a democracia, em uma referência a jornalista. Podemos perceber que o termo democracia é mal-entendido ou desvirtuado para caber na narrativa criada pela extrema-direita.

Figura 98 - Print comentário democracia

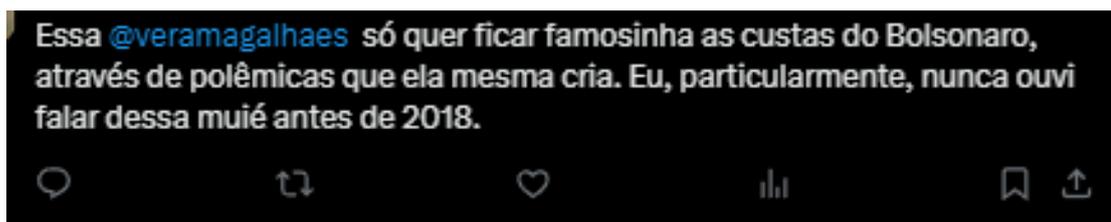


⁵⁶ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Um estupro a cada 8 minutos é registrado no Brasil.** Disponível em <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/1-estupro-a-cada-8-minutos-e-registrado-no-brasil/>> Acesso em 24 de março de 2024.

Fonte: Elaborado pela autora

Em um dos comentários, a qualidade do serviço prestado por Vera também é questionado. E em outro, ela é acusada de usar a família Bolsonaro como uma forma de se promover na carreira. Ao questionar o trabalho de Vera, o usuário pode desacreditar a profissional. Sendo a credibilidade uma das qualidades mais valorizadas no ambiente jornalístico.

Figura 99 - Print comentário famosinha



Fonte: Elaborado pela autora

Ainda falando sobre Vera, um comentário citava uma ameaça que ela e sua família sofreram naquele dia por parte dos seguidores de Bolsonaro. Foi compartilhado uma imagem que informava onde os filhos dela estudavam. Marcelo Träsel, presidente na época da ABRAJI, em entrevista para o jornal Estado de S. Paulo, disse que:

Divulgar este tipo de informação pessoal é um constrangimento e, embora possa não ser considerado uma ameaça do ponto de vista jurídico, é obviamente uma forma de ameaçar a jornalista. A divulgação de documentos é um método clássico de ameaçar ou incentivar alguém a atentar contra uma pessoa. Do ponto de vista da Abraji, é mais um ataque dos apoiadores do presidente contra jornalista. Pela recorrência, isso está se tornando uma questão crítica (ISTOÉ, 2020, online)⁵⁷.

O usuário que fez o comentário, tenta argumentar que Vera estava exagerando ao chamar isso de ameaça. No caso da Patrícia Campos Mello, informações da jornalista e seus familiares também foram vazadas com o intuito de censurar a jornalista, ou pelo menos, coagi-la a não se envolver nos temas políticos. Esse, pode ser um exemplo, de estratégia para afastar as mulheres da arena pública, deixando as decisões políticas, que afetam a todos e todas, nas mãos, principalmente dos homens.

Figura 100 - Print comentário ameaça

⁵⁷ ISTOÉ. **Jornalista Vera Magalhães, do 'Estado', é alvo de ataques nas redes sociais.** Disponível em <<https://istoe.com.br/jornalista-vera-magalhaes-do-estado-e-alvo-de-ataques-nas-redes-sociais/>> Acesso em 24 de março de 2024.

A Vera, que presta serviços relevantes à imprensa segundo Joel Pinheiro, não consegue distinguir conselho de ameaça. Falaram pra ela repensar suas atitudes, porque ela tem filhos e tais atitudes podem ir de encontro ao bem deles, e ela entendeu isso como ameaça à família.



Fonte: Elaborado pela autora

A idade, a partir da aparência, também foi uma das estratégias para atacar a jornalista. Conforme o print abaixo mostra, uma das fotos dela foi editada para ela parecer mais velha. Em uma sociedade, onde a juventude e a beleza são valorizadas, como discutimos no capítulo 2, esse discurso busca atacar a imagem da jornalista. Além disso, o comentário faz menção a jornalista ir exercer atividades domésticas, que por conta da divisão do trabalho baseada em gênero, é atribuída como uma função a ser desempenhada por mulheres.

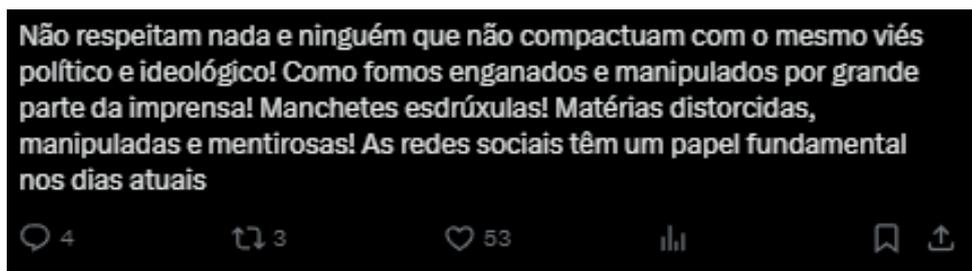
Figura 101- Print comentário louça



Fonte: Elaborado pela autora

Como o print acima também mostra, a jornalista é acusada de espalhar informações falsas sobre o ex-presidente. Essa é uma estratégia comumente usada pela extrema-direita para desqualificar o jornalismo, atacando assim a base norteadora do jornalismo: a credibilidade. O print abaixo também é um demonstrativo da qualidade do jornalismo sendo questionado.

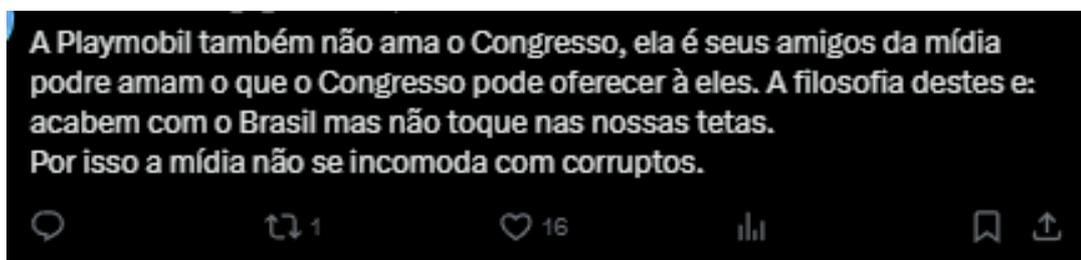
Figura 102 - Print comentário ideologia



Fonte: Elaborado pela autora

Outro usuário faz um comentário parecido com o do print acima, falando sobre os jornalistas serem comprados por alguns partidos políticos e por isso defendem políticos corruptos. A uma desinformação que circula nos ambientes de troca da extrema-direita que relaciona o trabalho jornalístico com ser comprado pela esquerda. Dessa forma, as críticas e questionamentos ao ex-presidente eram vistas como sendo ataques e tentativas de prejudicá-lo.

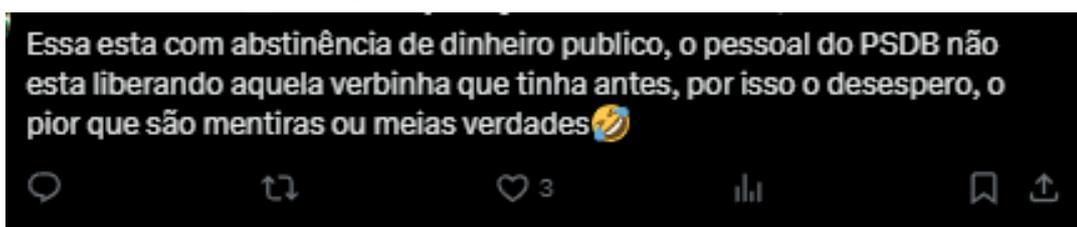
Figura 103 - Print comentário Congresso



Fonte: Elaborado pela autora

No outro caso analisado de Vera, o salário da mesma foi questionado e a informação falsa de que ela recebia dinheiro de Dória para prejudicar Bolsonaro se espalhou no ambiente digital. Essa informação falsa também apareceu entre os comentários deste Tweet.

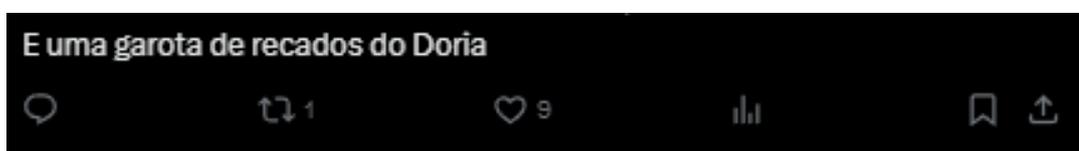
Figura 104 - Print comentário abstinência



Fonte: Elaborado pela autora

A relação da jornalista com o Dória também foi novamente alvo de comentários e afirmações, como demonstrado abaixo. Mesmo que essa informação tenha sido checada e comprovada como sendo falsa, a narrativa da ligação da jornalista com o político continua sendo usada como arma nos ataques. Assim como a informação falsa de que ela recebia dinheiro público.

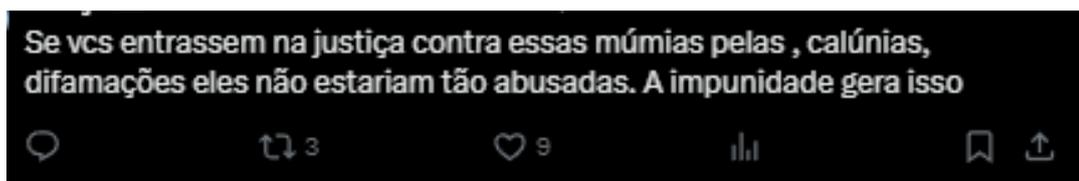
Figura 105 - Print comentário Dória recados



Fonte: Elaborado pela autora

Outro comentário, incentiva Eduardo a processar a jornalista por difamação. Como o usuário usa as palavras no plural, podemos considerar ele também como um ataque generalizado aos jornalistas. Assim como nos outros casos analisados, alguns comentários entram em várias categorias de análise.

Figura 106 - Print comentário justiça

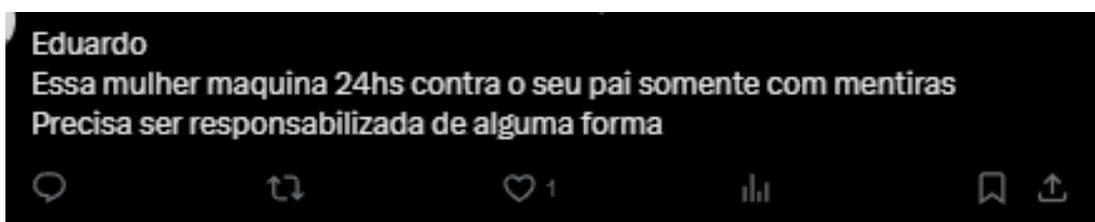


Fonte: Elaborado pela autora

Outro comentário também incentiva que a jornalista seja responsabilizada pelo que os seguidores do ex-presidente acreditam ser mentiras e não informações verdadeiras devidamente apuradas. Mesmo que as fontes e um detalhamento das apurações fosse apresentado pela jornalista, o trabalho e a ética da mesma continuaram sendo questionados, pois como discutimos

no capítulo 3, após uma narrativa ser lançada e viralizada, é difícil reverter a imagem pública criada.

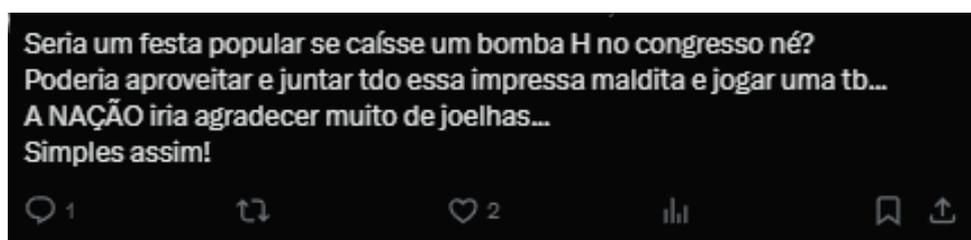
Figura 107 - Print comentário máquina de mentiras



Fonte: Elaborado pela autora

Ainda em relação à imprensa, um usuário diz que gostaria que a bomba caísse no Congresso e que de preferência a imprensa de forma geral também fosse atingida. Assim, este comentário entra na categoria quatro, que são referentes aos ataques contra o jornalismo e na categoria sete, que é sobre os comentários que respondiam a pergunta feita por Eduardo.

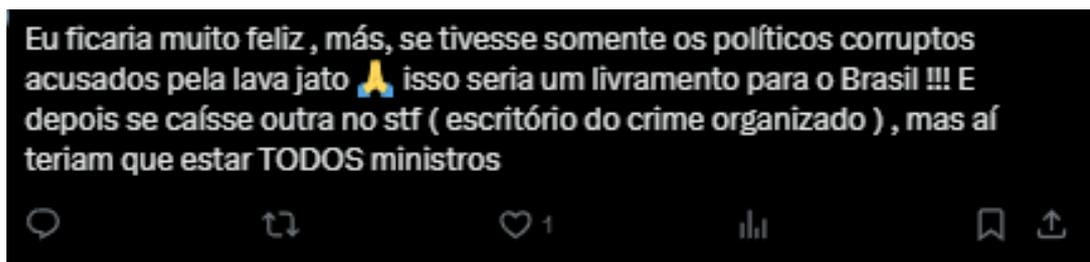
Figura 108 - Print comentário imprensa e Congresso



Fonte: Elaborado pela autora

Ainda em relação a respostas dadas à pergunta de Eduardo, um usuário comenta que além de atingir o Congresso, uma bomba deveria ser jogada no Supremo Tribunal Federal, o STF. Essa é outra instituição que foi duramente atacada ao longo dos quatro anos de Governo Bolsonaro, e hoje em 2024, continua sendo questionada e afrontada. Citando o livro *Como as Democracias morrem*, podemos destacar que o judiciário é uma das instituições que quando atacada mais auxilia no processo do enfraquecimento do sistema democrático.

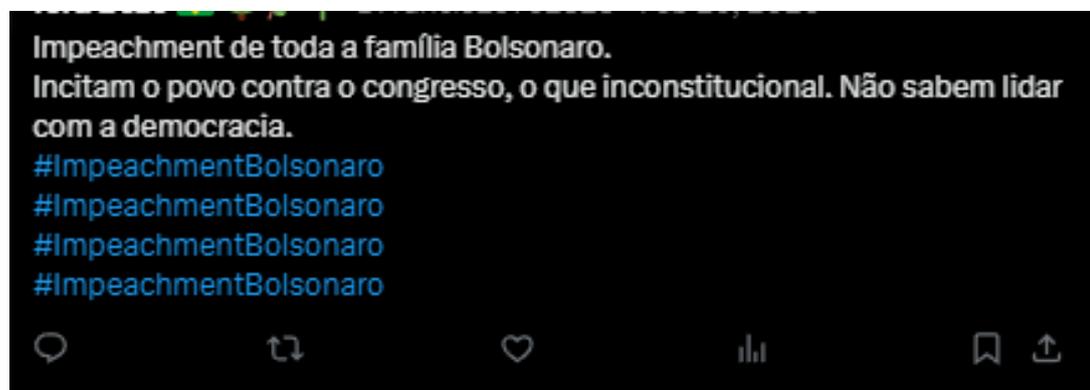
Figura 109 - Print comentário políticos corruptos



Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, outra categoria que teve alto número de engajamento foi a de reclamações contra a família Bolsonaro, como o print abaixo demonstra. Em fevereiro de 2020, Jair Bolsonaro começou a ser questionado por ex-seguidores sobre seus pronunciamentos e ações tomadas durante a pandemia de Covid-19.

Figura 110 - Print comentário impeachment



Fonte: Elaborado pela autora

Achamos que também seria produtivo para essa análise, se considerássemos os comentários deixados no Tweet feitos por Vera⁵⁸. O post da jornalista, até março de 2024, teve 348 retweets, 2,7 mil comentários, 1,8 mil curtidas e 7 itens salvos.

⁵⁸ MAGALHÃES, Vera. **Postagem no Twitter sobre o caso 2 - Vera**. Disponível em <<https://twitter.com/veramagalhaes/status/1232608248181727232>> Acesso em 24 de março de 2024.

Figura 111 - Tweet Vera - Caso 2



Fonte: Elaborado pela autora

Os comentários em sua maioria eram bem parecidos com os que apareceram no post de Eduardo Bolsonaro. Em número de aparições nos comentários, as três primeiras categorias permaneceram iguais. As categorias de sentido que apareceram nos comentários foram as seguintes: 1) ataques contra a jornalista; 2) ataques contra a imprensa de modo geral; 3) de apoio a Bolsonaro; 4) comentários sobre a bomba no Congresso; 5) críticas ao ex-presidente; 6) comentário em apoio ao jornalismo; 7) comentários acerca de outros políticos e ideologias políticas.

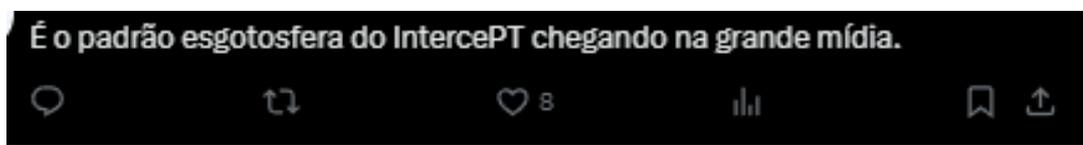
Figura 112 - Mapa de sentido - Vera - Caso 2.2



Fonte: Elaborado pela autora

Assim como na postagem de Eduardo, os ataques nessa publicação que diziam respeito a ataques contra a jornalista também questionavam a credibilidade dela e do jornalismo de forma geral. Inclusive, o jornal The Intercept Brasil, que divulgou a matéria intitulada Vaza-Jato, também foi citado e atacado.

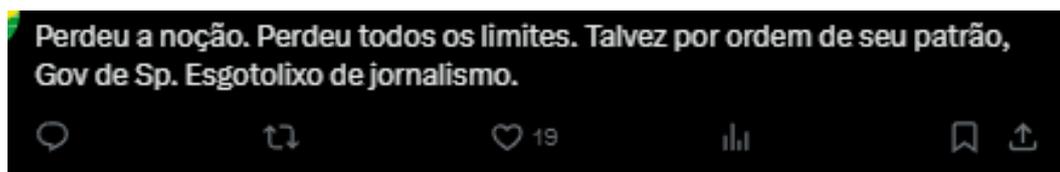
Figura 113 - Print comentário esgotosfera



Fonte: Elaborado pela autora

Utilizando a premissa inventada pelo clã Bolsonaro de que a imprensa mente, um usuário chamou a imprensa de irresponsável e pediu para os métodos de apuração serem repensados. A jornalista Vera também foi chamada de irresponsável, e novamente foi questionada para quem ela estava trabalhando (criou-se uma narrativa falsa de que ela recebia dinheiro público do Dória para atacar a família Bolsonaro, conforme já comentado).

Figura 114 - Print comentário perdeu a noção

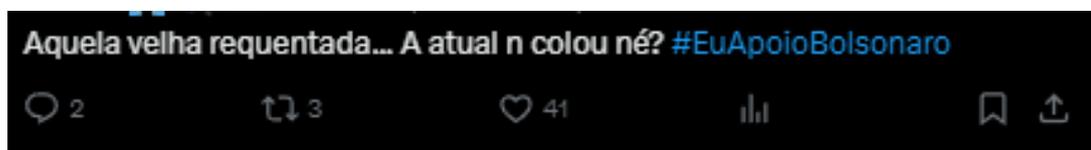


Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos adjetivos usados para descrever a jornalista, temos as palavras canalha, analfabeta, esquelada, cobra (importante pontuar que na Bíblia, a cobra é visto como o ser enganador, que corrompe os que foram feitos a imagem de Deus a pecado. Também gostaríamos de frisar que normalmente a mulher é relacionada com o pecado - inclusive com a Eva sendo expulsa do paraíso).

Novamente, a idade de Vera é assunto de comentários. O termo velha é utilizado para descrever a jornalista, numa tentativa de ridicularização e menosprezo.

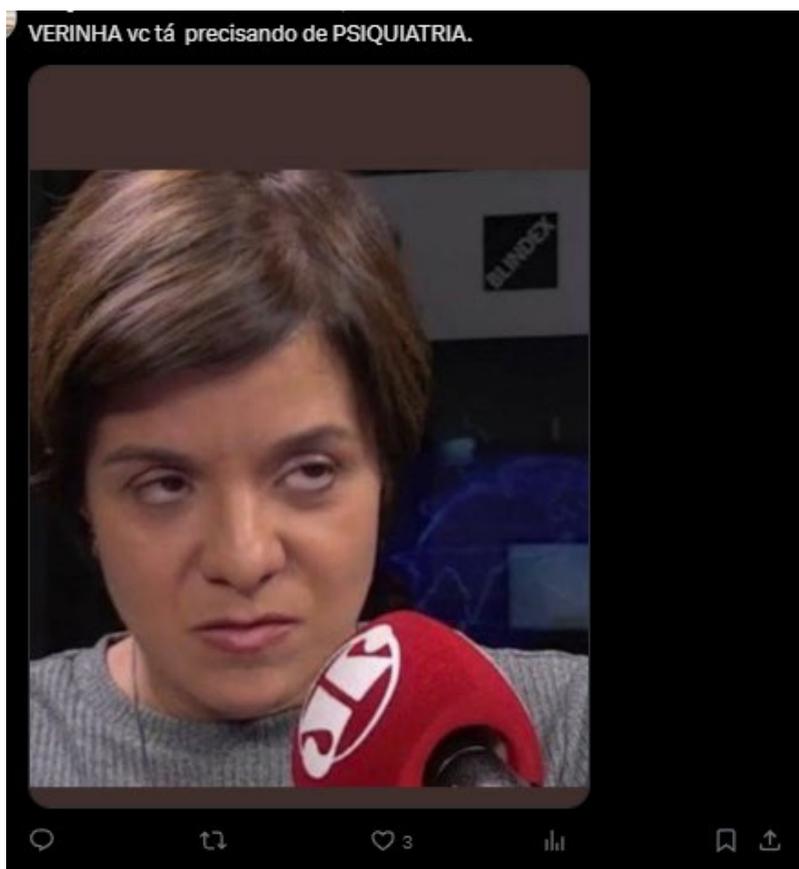
Figura 115 - Print comentário requentada



Fonte: Elaborado pela autora

Assim como no Tweet de Eduardo, usuários reforçam que a jornalista estava louca, surtada e precisava de um psiquiatra. Esses adjetivos são comumente usados para descredibilizar mulheres, dando a ideia de que ela não está sã, logo não sabe o que está dizendo.

Figura 116 - Print comentário psiquiatra



Fonte: Elaborado pela autora

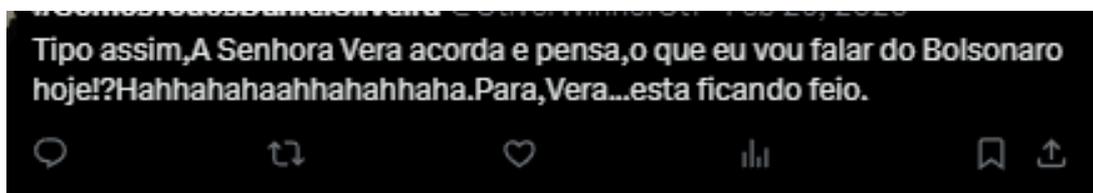
Figura 117 - Print comentário desesperada



Fonte: Elaborado pela autora

Como visto acima, alguns usuários acusam a jornalista de estar desesperada para atacar a família Bolsonaro e que ela esteja fazendo de tudo para prejudicar a imagem do ex-presidente, inclusive mentindo. A questão dela acordar e pensar em Bolsonaro também aparece nos comentários.

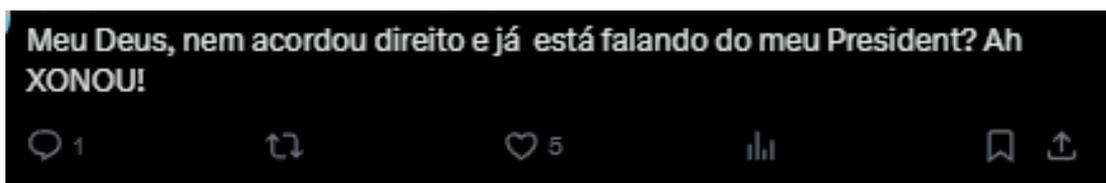
Figura 118 - Print comentário senhora Vera



Fonte: Elaborado pela autora

O print acima também utiliza do discurso de Vera passar o dia todo pensando em Bolsonaro, narrativa que se desenvolve na história de que a jornalista seria apaixonada pelo ex-presidente, como vimos ao longo dos ataques contra ela. Abaixo, temos o print de um usuário utilizando a narrativa da paixão para atacar Vera.

Figura 119 - Print comentário acordou



Fonte: Elaborado pela autora

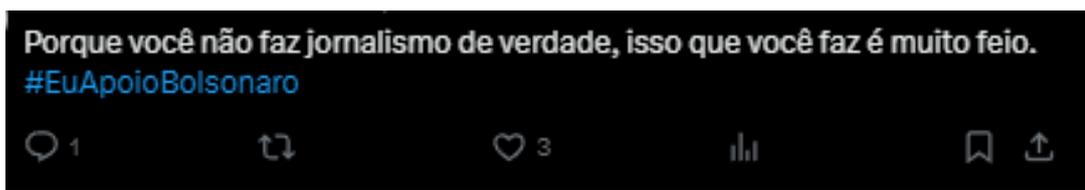
A jornalista também é acusada de não fazer jornalismo de verdade e ser militante da esquerda. Inclusive, um dos usuários utilizou a imagem de um pão com mortadela. O termo mortadela é usado de forma depreciativa para atacar os membros do Partido dos Trabalhadores (PT) e apoiadores da esquerda.

Figura 120 - Print comentário mortadela



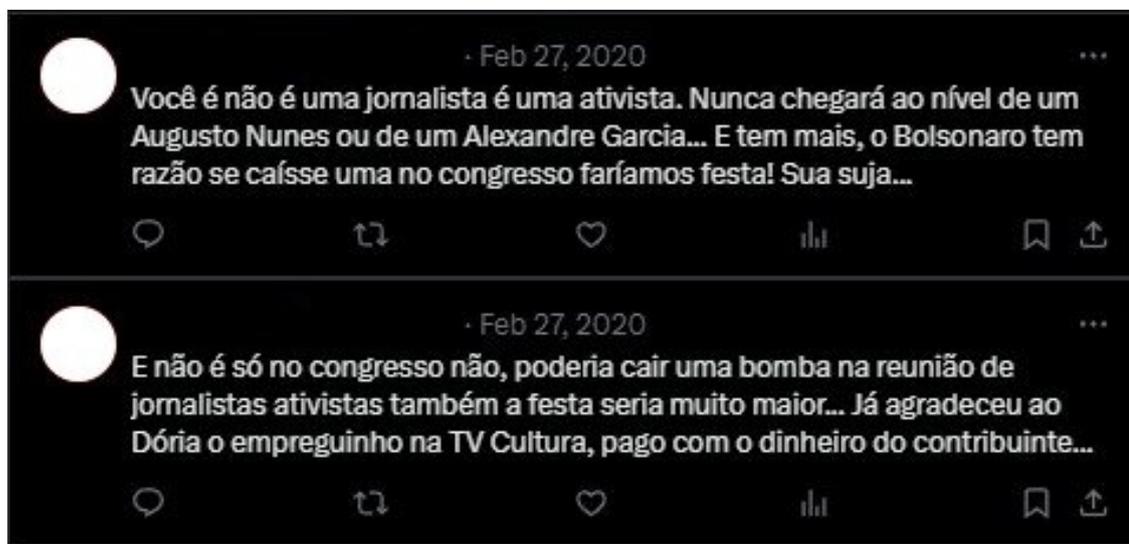
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 121 - Print comentário jornalismo de verdade



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 122 - Print comentário ativista

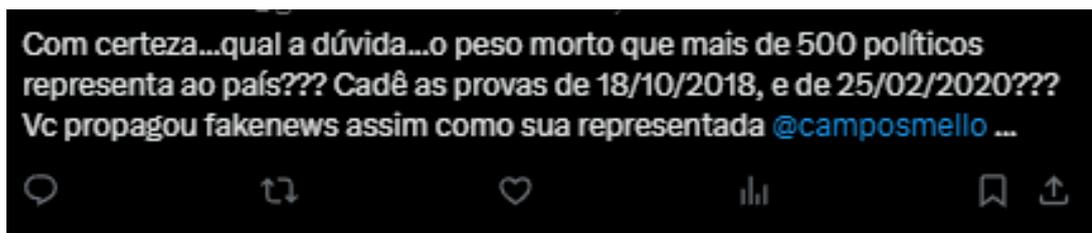


Fonte: Elaborado pela autora

O comentário acima também mostra um ataque ao jornalismo e jornalistas de forma geral, e também demonstra que o usuário acredita na narrativa criada sobre o salário da jornalista. Gostaríamos também de pontuar, que os exemplos citados como bons jornalistas, são dois homens brancos.

Uma das diferenças entre os comentários dos dois tweets, foi que na página de Vera houve um ataque mencionando a Patrícia Campos Mello, como pode ser visto no print abaixo. Frequentemente nos ataques analisados, outras mulheres, que muitas vezes não tem ligação com a história, mas são odiadas pela extrema-direita, aparecem sendo citadas e atacadas.

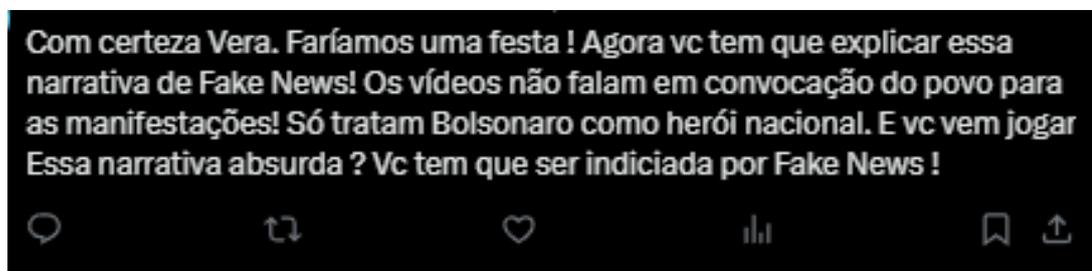
Figura 123 - Print comentário Patrícia no caso Vera



Fonte: Elaborado pela autora

Na categoria sobre o assunto da bomba no Congresso, alguns usuários responderam que ficaram felizes com esse atentado. Um dos usuários, no mesmo comentário, também acusou a jornalista de espalhar informações falsas.

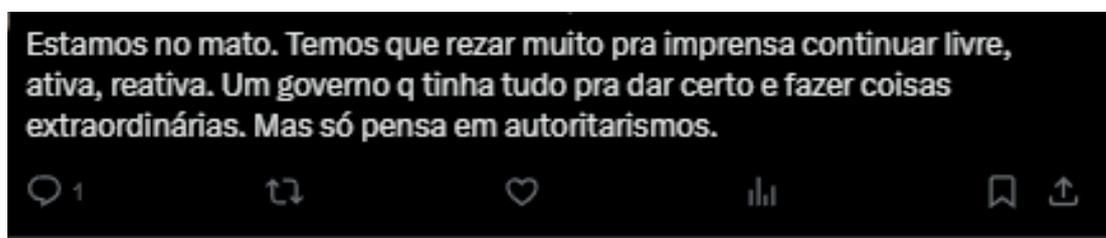
Figura 124 - Print comentário festa



Fonte: Elaborado pela autora

Já na categoria de defesa ao jornalismo, houve apenas um comentário. Nele, o usuário acusa Bolsonaro de autoritarismo e também defende a liberdade de imprensa.

Figura 125 - Print comentário imprensa continuar livre



Fonte: Elaborado pela autora

5. 2. 3 AS AGRESSÕES CONTRA VERA - CASO 3

O terceiro caso de ataque contra a jornalista Vera ocorreu no debate presidencial realizado na Band TV no dia 28 de agosto de 2022. Na ocasião, quem mediava o debate era a jornalista Vera e ela perguntou para o então candidato Ciro, para que Bolsonaro comentasse. A pergunta de Vera foi “a cobertura vacinal está despencando nos últimos anos. Em que medida

que a desinformação difundida pelo presidente pode ter agravado a pandemia de covid?”⁵⁹. Então, Bolsonaro disse “Vera, não podia esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como esse. Fazer acusações mentirosas ao meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”⁶⁰.

No dia seguinte, o portal G1 publicou a matéria em seu site e compartilhou o link em sua página do Facebook. Até março de 2024, a publicação contava com 1,3 mil reações, 1,2 mil comentários e 45 compartilhamentos. Como esse ataque se desenvolveu como munição para outro ataque, iremos analisar os comentários da publicação.

⁵⁹ CORREIO BRAZILIENSE. **Bolsonaro ataca Vera Magalhães durante debate: "Vergonha para o jornalismo"**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5032711-bolsonaro-ataca-vera-magalhaes-vergonha-para-o-jornalismo.html#google_vignette> Acesso em 24 de março de 2024.

⁶⁰ PORTAL G1. **Para QG, Lula fugiu no debate da Band sobre corrupção; 'descontrole' de Bolsonaro é visto como ponto alto**. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2022/08/29/para-qq-lula-fugiu-no-debate-da-band-sobre-corrupcao-descontrole-de-bolsonaro-e-visto-como-ponto-alto.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1&utm_content=post&fbclid=IwAR39vTf_iMfqWb-wJK00ePR1gj9swU5UCfcbcJIQr19oF06rCOF4q_sXyBE> Acesso em 24 de março de 2024.

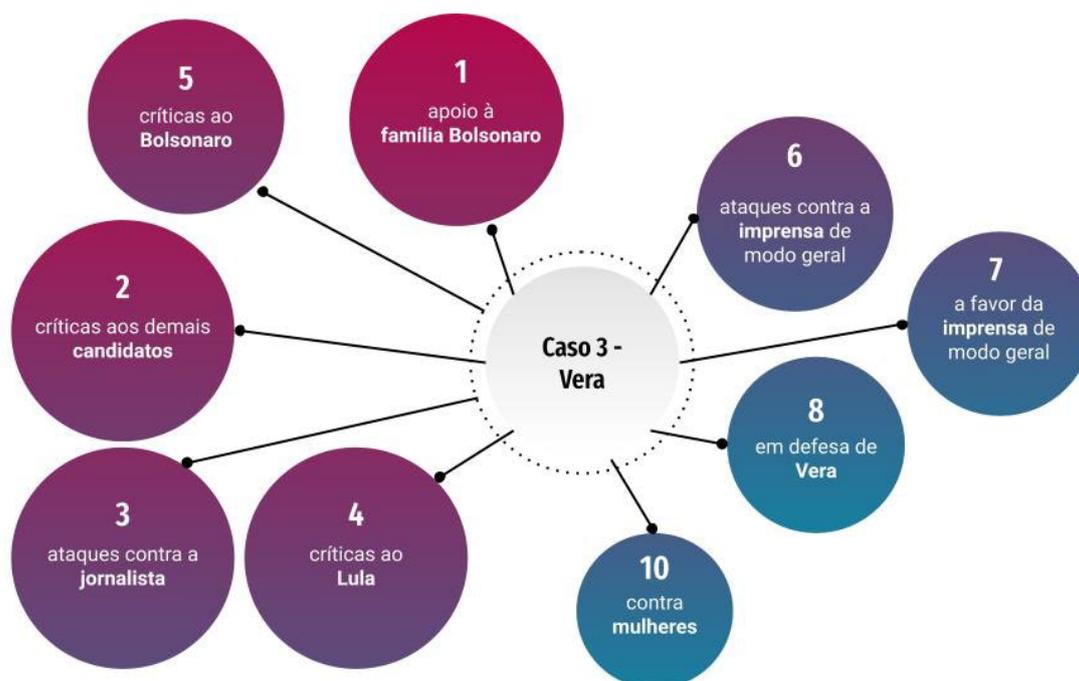
Figura 126 - Post portal G1 - Vera - Caso 3



Fonte: Elaborado pela autora

Os comentários foram classificados da seguinte forma: 1) de apoio à família Bolsonaro; 2) críticas aos demais candidatos (foram incluídos comentários feitos de forma geral e aqueles que citavam os candidatos, exceto Bolsonaro e Lula); 3) ataques contra a jornalista; 4) críticas contra o candidato Lula; 5) críticas ao Bolsonaro; 6) ataques contra a imprensa de modo geral; 7) a favor da imprensa de modo geral; 8) comentários a favor de Vera; 9) contra as candidatas mulheres e/ ou mulheres em geral, que utilizaram misoginia ou violência de gênero.

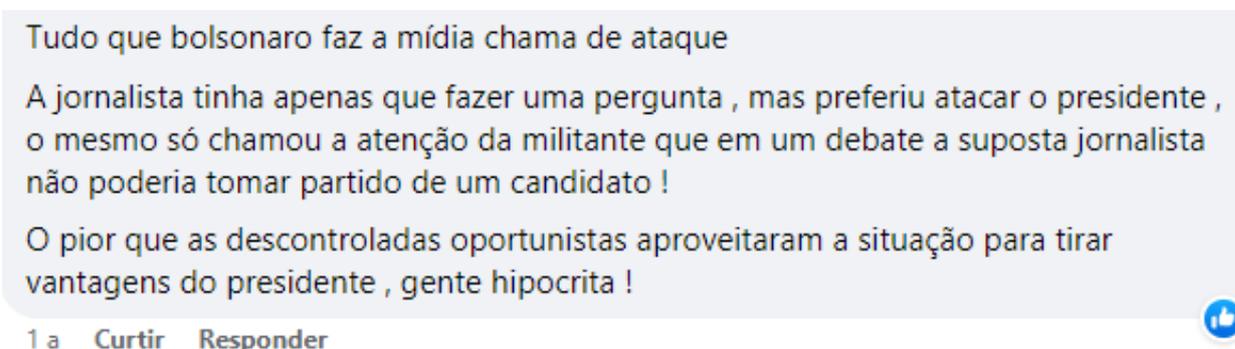
Figura 127 - Mapa de sentido - Vera - Caso 3



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos adjetivos usados para nomear Vera, temos palavras misóginas, como louca, descontrolada, militante, oportunistas, hipócritas, entre outras. Já para se definir a Bolsonaro, normalmente os comentários usavam a expressão mito ou nosso presidente.

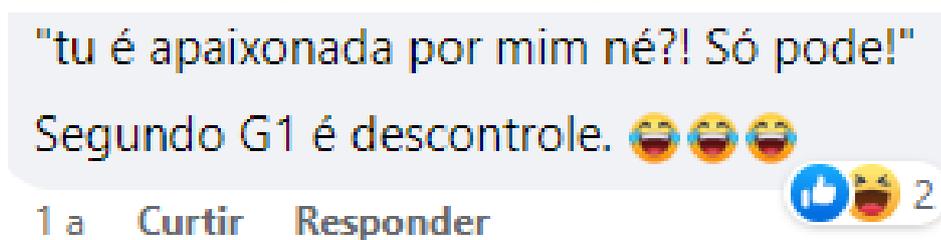
Figura 128 - Print comentário ataque



Fonte: Elaborado pela autora

Como vimos nos outros casos da jornalista, a ideia dela ser apaixonada pelo Bolsonaro também apareceu, dessa vez sendo dita pelo ex-presidente. Gostaríamos de frisar, que diversas vezes, quando um conteúdo viraliza no ambiente digital, ele pode se tornar uma frase de efeito para fora das telas também, como demonstrado.

Figura 129 - Print comentário apaixonada

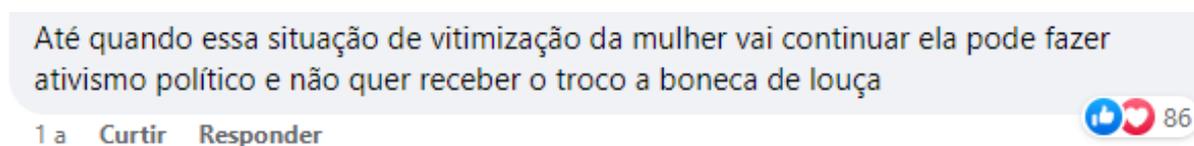


Fonte: Elaborado pela autora

Diversos comentários frisaram que a jornalista está se vitimizando, dela ter provocado o ex-presidente e dessa forma ter merecido a resposta que recebeu. Vemos esse discurso sendo muito utilizando por defensores de casos de violência de gênero, como em casos de abuso sexual ou violência doméstica. Nessa narrativa, o homem sempre foi provocado, seja pela roupa curta ou pelo comportamento da mulher, ou seja, ele não tem culpa da sua ação, logo a culpada é a vítima. Quando a vítima tenta buscar esse lugar de reconhecimento sobre a violência sofrida, a narrativa diz que ela está fazendo um drama exagerado, que nem foi tão ruim assim, entre outros discursos.

Nesses ataques que utilizaram a ideia de vitimização e merecimento, também podemos notar mulheres comentando. Podemos, então, relacionar com a teoria vista no capítulo 2, onde as mulheres colaborarem com o sistema de opressão, auxiliando no mantimento do patriarcado.

Figura 130 - Print comentário vitimização da mulher



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 131 - Print comentário mimimi

Eu sou mulher mas tô enjoada desse mi mi mi de mulheres se vitimizando ! Vão caçar um serviço que não vai sobrar tempo pra procurar pêlo em ovo 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 Querem igualdade em tudo então parem de chororô , enjoadinhas !!!

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Em todas as análises feitas até o momento, as jornalistas são relacionadas com a esquerda e o Partido dos Trabalhadores (PT). Elas também são chamadas de comunista. Importante salientar que a esquerda e o comunismo são vistos como ameaças a serem combatidas pela extrema-direita.

Figura 132 - Print comentário opiniões

desculpe. Era pra ela fazer perguntas. Não dar opiniões. Muito menos atacar os entrevistados .eu não concordo com a resposta do bolsonaro na íntegra. Mas ela fez de caso pensado. Pra arranjar um destempero do presidente. Pura provocação. Aí recebeu o que procurou.

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

No exemplo acima, também podemos perceber também a estratégia de atacar o jornalismo, falando sobre a isenção do mesmo, ou seja, atacando uma das bases que legitima o trabalho jornalístico e a confiança que a sociedade deposita nessa instituição. A narrativa de que a imprensa tentava derrubar o ex-presidente também continua presente nos comentários.

Figura 133 - Print comentário tendenciosos

Na maioria dos comentários dos jornalistas da pra ver que são tendenciosos, querem derrubar o presidente de qualquer jeito

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Os jornalistas, de forma geral, também foram chamados de esquerdalhas e petistas, mais uma vez, havendo o questionamento da isenção da imprensa. Além disso, frequentemente a imprensa é associada ao comunismo, uma ideologia que a extrema-direita tenta combater, como explicado acima.

Figura 134 - Print comentário esquerdalhas

Falar a verdade na lata dos esquerdalhas é descontrole? Vocês petistas já passaram do ridículo faz é tempo.

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 135 - Print comentário sangue de barata

Descontrole uma ova. Ninguém tem sangue de barata. Jornalistas comunista atacando o tempo todo.

1 a Curtir Responder



o pior é ver que o comentário parte de uma mulher!
Lamentável!

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

No comentário acima, podemos perceber uma resposta, que comenta sobre o comentário em defesa ao ex-presidente parte de uma mulher. Tanto na eleição de 2018, quanto na de 2022, houve manifestações de grupo de mulheres contra Bolsonaro, principalmente em relação aos seus comportamentos violentos e misóginos.

Em um dos comentários, o usuário tentou defender Bolsonaro, dizendo que ele não havia atacado uma mulher, mas sim uma feminista. Se buscarmos o histórico de aceitação da palavra feminista/feminismo, iremos perceber que é um termo que sofre diversos preconceitos, sendo muitas vezes mal-interpretado e alvo de ataques. Dessa forma, ao chamar uma mulher de feminista, nesse contexto, pode haver uma tentativa de ofensa.

Figura 136 - Print comentário feminista não é mulher

Na verdade não atacou mulheres , atacou feminista , feminista não é mulher

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 137 - Print comentário muito feministas

Bolsonaro foi bem, candidatas mulheres muito feministas

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda nos comentários de defesa a Bolsonaro, um usuário chama a imprensa de mentirosa, atacando assim também a imprensa de forma geral.

Figura 138 - Print comentário candidato perfeito

Me poupe, Bolsonaro é o candidato perfeito entre todos eles, descontrolados é a imprensa mentirosa enganadora do povo.

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

Um dos comentários chama a atenção por falar que a Vera não é uma jornalista boa o suficiente e não serviria nem para servir a “verdadeiros jornalistas”. Gostaríamos de analisar duas partes específicas desse discurso. A primeira, sendo a da mulher ser relacionada com uma tarefa de casa (limpar a mesa), e a segunda, é que para falar sobre jornalistas bons, que merecem respeito e confiança, o usuário utilizou o adjetivo no masculino (verdadeiros), talvez, reforçando assim, qual o gênero que merece esse lugar.

Figura 139 - Print comentário limpar mesa

receba ela na sua casa. Ela não serve nem para limpar mesa de verdadeiros jornalistas.

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

Entre os comentários, houve alguns em defesa da jornalista, criticando o comportamento do ex-presidente. Outros comentários, não davam apoio claramente a Vera, mas frisavam a insatisfação com o comportamento misógino de Bolsonaro.

Figura 140 - Bolsonaro incompetente

Bolsonaro mostra que a situação da violência contra mulheres só vai mudar se ele sair porque ele serve como exemplo , ataca mulheres,,O Brasil só vai ser melhor se conseguirmos tirá-lo porque todo o mandato dele mostra que o governo foi péssimo ,QUE NÃO FEZ NADA DE BOM, QUE É UM INCOMPETENTE , SÓ FEZ MALDADES e agora com o orçamento secreto e o sigilo de 100 anos a corrupção impera no Brasil

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 141 - Print comentário misógino de carteirinha

Sempre qdo envolve pergunta de mulher o bozo se descontrola, um misógino de carteirinha, como pode haver mulher que apoia esse palhaço ? Desinformação ou valores distorcidos ?

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

Por ser uma página aberta de jornalismo, percebemos que há pessoas de diversas ideologias e apoios. Dessa forma, os comentários, muitas vezes, traziam outras reflexões que não foram vistas sendo feitas nas páginas da família Bolsonaro. Como, por exemplo, essa reflexão do comportamento machista de Bolsonaro. Houve também comentários em defesa do jornalismo de forma geral, como mostra o print abaixo.

Figura 142 - Print comentário Brasil não é uma ditadura

Jornalistas estão fazendo o papel dele. O Brasil não é uma ditadura nazista do capeta. Viva democracia

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

Como dito no início deste subcapítulo, a fala proferida por Bolsonaro no debate foi usada para outro político atacar a Vera. Por isso, acreditamos ser relevante para a pesquisa, analisar os comentários feitos na publicação do portal G1 sobre o assunto.

Em 14 de setembro de 2022, ocorreu o segundo debate para os candidatos ao cargo de Governador do estado de São Paulo. A mesa redonda teve a participação de diversos jornalistas da TV Cultura, Folha de S. Paulo e UOL. Ao fim do debate, o deputado bolsonarista Douglas Garcia atacou Vera. “Com o celular em punho, Garcia se aproxima de Vera e diz que ela é ‘uma

vergonha para o jornalismo’ e a intimidada” (PORTAL G1, 2022, online)⁶¹. Segundo o jornal, Vera foi encaminhada a uma delegacia para realizar um Boletim de Ocorrência (PORTAL G1, 2022, online).

Ainda em 14 de setembro, o Portal G1, publicou em seu Facebook⁶² o link para uma matéria que falava sobre o Ministério Público de São Paulo ter aberto uma investigação contra o candidato. Iremos analisar os comentários feitos nesta publicação. A publicação teve 365 reações, 105 comentários e 56 compartilhamentos.

Figura 143 - Post portal G1 - Vera - Caso 3.1



Fonte: Elaborado pela autora

Classificamos os comentários em x categorias de sentido, sendo elas: 1) ataques a Vera; 2) ódio a políticos de forma geral; 3) críticas ao jornalismo de forma geral; 4) crítica a família

⁶¹ PORTAL G1. **Segundo debate ao governo do estado de São Paulo reúne cinco candidatos.** Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/09/14/segundo-debate-ao-governo-do-estado-de-sao-paulo-reune-cinco-candidatos.ghtml>> Acesso em 25 de março de 2024.

⁶² PORTAL G1. **Postagem no Facebook sobre o caso 3 - Vera.** Disponível em <[pfbid0NECQ9EBb6EJVhymim1VqdVWwK1ZWvWJGuF1MnUZrrvaAPAvVU7EfNHjyTtbZqFcKI](https://www.facebook.com/g1/posts/10159845444444444)> Acesso em 24 de março de 2024.

e apoiadores de Bolsonaro; 5) outros (que não tinham ligações com o assunto; 6) defesa do deputado.

Figura 144 - Mapa de sentido - Vera - Caso 3.1



Fonte: Elaborado pela autora

Dois usuários utilizam a frase dita pelo Bolsonaro para atacar a jornalista nos comentários, mostrando assim que frases largamente usadas no ambiente digital e em ataques a jornalistas, viralizam e são reproduzidas como um novo ataque.

Figura 145 - Print comentário criticar jornalista

Desde quando, criticar um jornalista, virou crime?
E as críticas fazem todo sentido... Afinal, essa Vera Magalhães é, realmente, uma vergonha para o jornalismo brasileiro.

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Entre os ataques direcionados à jornalista, temos adjetivos que também foram notados nos outros casos, como comunista, desequilibrada, esquerdista/esquerdalha e imparcial.

Figura 146 - Print comentário Douglas

Parabéns ao nobre deputado Douglas. Merece uma medalha por ter humilhado essa jornalista comunista.

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Assim como na publicação sobre o ataque de Bolsonaro, o termo vitimização aparece como forma de agredir a jornalista, além de questionar a gravidade do ato.

Figura 147 - Print comentário jornalista difamar

Essa jornalista pode difamar, caluniar e distorcer as falas dos outros que tá tudo certo, quando é confrontada vira crime? Vitimismo puro.

1 a Curtir Responder Editado



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 148 - Print comentário hipocrisia

Eu não vi nenhuma ofensa... só conversa fiada como sempre e como sempre vitimismo cheia de hipocrisia.

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Assim como em outros casos descritos, mulheres que não tinham relação direta com o ataque também são mencionadas nos comentários. Dessa vez, a deputada Maria do Rosário foi ofendida. Ela ganhou reconhecimento no círculo da extrema-direita, pois em sua história, foi uma de muitas mulheres a ser atacada pelo ex-presidente.

Em 2014, quando Bolsonaro era deputado federal, e discursava no plenário da Câmara dos Deputados, ele disse que não estupraria Maria, pois “ela não merecia” (PODER 360, 2023, online)⁶³. No comentário, o usuário também utiliza as palavras “provocar” e “coitadinha”, que são amplamente usadas para atacar mulheres vítimas de diversos tipos de abuso.

Figura 149 - Print comentário Maria do Rosário

⁶³ PODER 360. **Justiça arquiva ação de Maria do Rosário contra Bolsonaro**. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/justica/justica-arquiva-acao-de-maria-do-rosario-contra-bolsonaro/>> Acesso em 25 de março de 2024.

Ela tá igual a Maria do Rosário, provoca e depois dá uma de coitadinha. É mulher pra a provocar e não é mulher pra aguentar o rojão.

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

A palavra feminista também voltou a ser usada nessa nova onda de ataque. O comentário dá a entender que a Vera não merece ser chamada de feminista.

Figura 150 - Print comentário mimizenta

Estão ridicularizando a palavra "Feminista"...
Mulher mimizenta é uma coisa...Mulher Vieira é outra.

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

A terceira categoria que mais mobilizou ataques na publicação foi a de ataques contra a imprensa de forma geral, como demonstra o print abaixo.

Figura 151 - Print comentário saco cheio

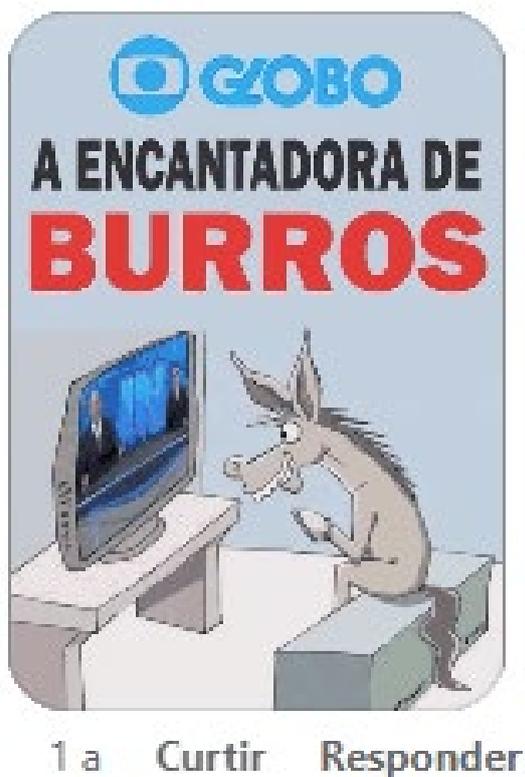
Esses jornalistas enchem o saco muito cheio de mim mim mim

1 a Curtir Responder

Fonte: Elaborado pela autora

Dois dos ataques eram direcionados especificamente à Globo, dona do Portal G1 e que foi duramente criticada durante os quatro anos de mandato de Bolsonaro.

Figura 152 - Print comentário Globo



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 153 - Print comentário Globo e jornalistas

Alcemir Gadelha
Globo e seus jornalistas tudo lixo

1 a Curtir Responder



Fonte: Elaborado pela autora

6 ANÁLISE DOS CASOS

Ao longo deste trabalho, descrevemos e analisamos seis casos, sendo que dois se desdobraram em outras duas publicações, sendo assim, tivemos oito publicações analisadas. Os ataques escolhidos ocorreram entre o dia 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, ou seja, durante todo o período do Governo Bolsonaro. Os ataques escolhidos para o estudo foram feitos contra as jornalistas Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães. E os critérios dessa escolha levaram em conta o número de casos contra as duas ser extremamente alto, outras mulheres terem sido alvo de ataques nos comentários, os casos terem características misóginas e a repercussão midiática.

O primeiro caso analisado foi contra Patrícia, e ocorreu no Facebook do deputado federal e filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro. Podemos perceber que a estratégia usada no ataque - tanto da publicação quanto dos comentários - era a desinformação e o questionamento sobre a vida pública e privada das jornalistas, buscando dessa forma atacar a credibilidade e moral da jornalista. Os comentários foram mapeados em sete categorias, sendo elas: 1) de apoio a família Bolsonaro; 2) outros (comentários que não tem a ver com o tópico); 3) de apoio a Hans River; 4) pessoas questionando o Governo, Hans ou a publicação; 5) ataques a outras pessoas ou ao Partido dos Trabalhadores; 6) ataques contra a imprensa em geral e/ou a Folha de S. Paulo; 7) comentários contra a jornalista.

O segundo caso analisado da Patrícia teve duas categorias de sentido a mais em comparação com o primeiro, mas algumas categorias se mantiveram iguais. As categorias definidas foram: 1) Apoio a Bolsonaro; 2) Ataque a Folha de São Paulo; 3) Ataques a Patrícia; 4) Críticas ao ex-presidente; 5) Ataques contra a imprensa de modo generalizado; 6) Ataques a outras mulheres que não tinham envolvimento com a publicação; 7) Outros - que não tem relação com o tópico da publicação; 8) Comentários de defesa a Patrícia; 9) Ataque a outros políticos.

Já o terceiro caso de Patrícia, teve dez categorias e o padrão se manteve parecido com os dos dois primeiros casos: 1) apoio a Gabriel Monteiro; 2) ataques contra a Patrícia; 3) críticas a Bolsonaro; 4) críticas ao Lula; 5) críticas ao jornal Folha de S.Paulo; 6) pedidos de ajuda (resolver problemas com a justiça, doação, entre outros); 7) ofensas a outras mulheres e minorias sociais; 8) outros assuntos sem relação com a publicação e/ou governo; 9) ofensas a outros políticos; 10) defesa ou elogios à Patrícia.

Podemos perceber entre os três casos que algumas categorias se mantêm, como: defesa/crítica a Bolsonaro e família, ataques contra a jornalista, ofensa a outras pessoas que não

tinham ligação com publicação - principalmente mulheres políticas; ataques contra o jornal Folha de S. Paulo e a imprensa de modo geral, e a categoria outros. Destacamos que nos casos 2 e 3 havia a categoria de defesa a Patrícia, no caso 1, entretanto, não houve comentários favoráveis a mesma.

O primeiro caso analisado sobre a jornalista Vera foi uma postagem no Twitter de Jair Bolsonaro. Os comentários seguiam alguns padrões misóginos, com comentários sobre a moral e a vida sexual da jornalista. A maioria dos comentários eram voltados à credibilidade de Vera, questionando as motivações pelas quais ela fazia reportagens e posts sobre o ex-presidente, além de acusá-la de mentir. Assim, podemos perceber que uma das estratégias utilizadas no ataque contra Vera é a descredibilização do seu serviço como jornalista.

Os comentários foram classificados da seguinte forma: 1) de apoio a Bolsonaro; 2) críticas ao ex-presidente; 3) ataques contra a jornalista; 4) ataques contra a imprensa de modo geral; 5) comentários acerca de outros políticos e ideologias políticas; 6) outros (comentários que não tem a ver com o tópico); 7) comentários em defesa da Vera.

Já o caso 2, era um Tweet do filho de Bolsonaro, o Eduardo. Nele, Eduardo tentava criar uma tensão entre a jornalista e os seguidores. Os comentários foram classificados da seguinte forma: 1) de apoio a família Bolsonaro; 2) críticas ao ex-presidente e ao Eduardo; 3) ataques contra a jornalista; 4) ataques contra a imprensa de modo geral; 5) comentários acerca de outros políticos e ideologias políticas; 6) outros (comentários que não tem a ver com o tópico); 7) respostas a pergunta feita no Tweet. Esse Tweet era baseado numa publicação de Vera, que também analisamos. Nessa postagem, identificamos as seguintes categorias de sentido: 1) de apoio a Bolsonaro; 2) críticas ao ex-presidente; 3) ataques contra a jornalista; 4) ataques contra a imprensa de modo geral; 5) comentários acerca de outros políticos e ideologias políticas; 6) comentário em apoio ao jornalismo; 7) comentários sobre a bomba no Congresso.

Por fim, o último caso analisado de Vera, foi uma matéria publicada pelo Portal G1, e a classificação de sentido seguiu essa definição: 1) de apoio a família Bolsonaro; 2) críticas aos candidatos (foram incluídos comentários feitos de forma geral e aqueles que citavam os candidatos, exceto Bolsonaro e Lula); 3) ataques contra a jornalista; 4) críticas contra o candidato Lula; 5) críticas ao Bolsonaro; 6) ataques contra a imprensa de modo geral; 7) a favor da imprensa de modo geral; 8) comentários a favor de Vera; 9) contra as candidatas mulheres e/ ou mulheres em geral, que utilizaram misoginia ou violência de gênero.

Esse caso deu insumos para outro caso contra a Vera, que também achamos produtivo de analisar. Esse ataque também foi publicado pelo Portal G1, e teve as seguintes categorias: 1) ataques a Vera; 2) ódio a políticos de forma geral; 3) críticas ao jornalismo de forma geral; 4)

crítica a família e apoiadores de Bolsonaro; 5) outros (que não tinham ligações com o assunto; 6) defesa do deputado.

Entre os casos analisados, temos categorias em comum, são elas: apoio ou crítica ao político que atacou, críticas e apoio a jornalista, ataques contra a imprensa de forma geral, comentários sobre outras ideologias ou políticos e comentários contra Vera. Apenas no caso 1 e 3 há comentários em defesa da jornalista.

Nas postagens sobre a jornalista Vera, o ódio era disseminado para políticos de maneira geral, não havendo tanta distinção de gênero quanto nos casos de Patrícia. Porém, foram encontrados conteúdos de ódio direcionados há várias mulheres nos comentários.

A partir desse estudo, percebemos que a realidade é moldada com base nas nossas opiniões, vivências e conteúdos que consumimos ao longo das nossas vidas. Ou seja, para cada ação que ocorre no mundo, haverá diversas interpretações diferentes. Da mesma forma como o jornalismo ajuda na construção da opinião pública, o discurso feito por líderes nos molda e ajuda na construção do filtro que teremos para assim analisar o mundo.

Na imagem 71, um usuário fala sobre as falas do ex-presidente e sua tentativa de jogar seus eleitores contra a imprensa e jornalistas. Ou seja, de tanto dizer que a imprensa mente, que a imprensa joga contra ele, Bolsonaro pode estar incentivando uma desconfiança geral sobre os jornalistas, atacando assim o bem mais precioso do jornalismo como instituição: a credibilidade. Para a democracia continuar funcionando, o jornalismo, os três poderes e a sociedade precisam manter a união e evitar ataques uns contra os outros. Esses quatro pilares devem se fiscalizar, mas precisa haver um cuidado para não haver perseguição e críticas infundadas, que podem enfraquecer a relação, e o sistema democrático.

Além disso, quando Bolsonaro e seus aliados políticos divulgam informações falsas sobre o jornalismo em geral ou jornalistas específicos, eles estão ajudando a criar uma imagem irreal no imaginário coletivo. Em todos os casos, informações falsas sobre as jornalistas Patrícia e Vera foram divulgadas, e a partir delas ataques se desencadearam.

Como demonstrado capítulo 3 - A teia desinformativa, o uso da desinformação no ambiente político pode ter várias motivações, mas com frequência se apoia em influenciar a opinião dos eleitores e/ou causar danos a figuras públicas específicas (AZEVEDO E LIMA; GOMES E DOURADO). Nos casos analisados, a opinião pública acerca de dois tópicos tentou ser modificada, e houve prejuízos na relação jornalista/sociedade.

No caso da Patrícia, houve uma tentativa da família Bolsonaro em fazer seus seguidores acreditarem na versão de Hans River, que afirmava que a jornalista havia mentido, ou seja, não havia seguido com a ética jornalística de apuração de fatos. Essa informação falsa acerca de

Patrícia atacava um dos pilares do jornalismo, a credibilidade (AGUIAR E ROXO, 2019, p.172). Nos comentários analisados do caso, pode-se perceber que a opinião pública acerca do jornal e da jornalista foram afetados com a desinformação, havendo comentários que mostravam a desconfiança em relação às informações por ambos divulgadas. Além disso, a crítica não ficava apenas no jornal ou a repórter mencionados, mas se espalhava para demais empresas jornalísticas e a imprensa de forma geral.

Analisando a publicação do caso 1 e 2 da Patrícia, utilizando a definição de Soares et al. (2019, p.5), a desinformação pode ser categorizada como Divulgação Intencional, ou seja, com o objetivo de ser exposta e com a motivação de influenciar os leitores. Já na definição de Wardle (2018, p.953), a informação falsa neste caso pode ser analisada como Conteúdo Fabricado, ou seja, é um conteúdo totalmente falso e foi feito com a intenção de mentir para os leitores.

Já a publicação do caso 3, pode ser classificado por Wardle (2023, p.953) como Falso Contexto, pois a matéria era verdadeira, mas foi tirada do seu contexto original, podendo levar os usuários a cometerem erros de interpretação. Essa publicação, na definição de Soares et al. (2019, p.5) também pode ser entendida como Divulgação Intencional.

Já nos comentários, a informação falsa que circulava nos três casos pode ser considerada como Sátira e Paródia, Conteúdo Impostor e Conteúdo Fabricado. Por exemplo, as imagens que tentavam fazer piada com a situação, entrariam na primeira categoria. Já a imagem 60, onde imitava o perfil de uma jornalista com informação falsa, é impostora.

Já nos enunciados das publicações que envolviam a jornalista Vera, nenhuma contava com desinformação. As informações falsas foram usadas nos comentários pelos seguidores. Por exemplo, no caso 1, a informação falsa não foi usada na postagem do então presidente, mas sim no ano anterior por aliados políticos dele. A credibilidade de Vera foi atacada quando divulgaram a informação falsa de que ela recebeu 500 mil reais, provindo do dinheiro público, para atacar Jair Bolsonaro em suas reportagens e postagens. Por consequência, os critérios de noticiabilidade usados pela jornalista foram questionados no post observado. Utilizando os parâmetros definidos por Traquina (2008, n.p.) para a escolha dos acontecimentos a serem noticiados, no caso do porquê Vera noticiar sobre Bolsonaro, podemos destacar: 1) territorialidade, pois Vera aborda assuntos que acontecem no país; 2) especialização em temas, ela é uma comentarista política, logo, as ações do ex-presidente se encaixam no escopo por ela noticiado e acompanhado.

A informação falsa divulgada no caso da Vera também pode ser classificada como Divulgação Intencional, (VIEGAS ET AL., 2019, p.5) e o Conteúdo Fabricado (WARDLE 2023, p.953).

Conteúdos Fabricados, Conteúdos Impostores e Sátiras/Paródias também foram utilizados para atacar outras pessoas nos comentários. Por exemplo, na imagem 60, um conteúdo fabricado foi usado para atacar Fernando Haddad.

As duas jornalistas que são protagonistas nos casos analisados atuam na editoria de política, e como visto no capítulo 2 - Sociedade, jornalismo e Gênero, essa é uma das editorias consideradas “masculinas”, ou seja, com a presença predominante de homens. Além disso, o salário de Vera é 6,28 vezes maior do que a média do salário das mulheres jornalistas, que é de R\$3.500 mensais. Não conseguimos encontrar dados sobre o salário da Patrícia Campos Mello.

Em todos os casos analisados podemos perceber que há expectativas de gênero sobre as mulheres. Como explicado, as ações que se esperam de homens e mulheres não é definida pelo sexo biológico, mas sim por expectativas culturais. Além disso, o gênero impactaria os aspectos das relações sociais de diversas formas (AMÂNCIO, 2003, p.700). Nas relações sociais do trabalho jornalístico, podemos perceber a diferenciação de homens e mulheres durante os ataques. O discurso usado nos ataques contra as mulheres jornalistas é diferente do usado contra os homens da profissão. Enquanto o discurso contra elas é misógino, utilizando suas aparências e vidas sexuais para deslegitimar o trabalho, contra eles é utilizado discursos que ameaçam de forma física. Um exemplo é quando Bolsonaro disse que queria encher a boca de um jornalista homem de porrada⁶⁴.

Tanto nos comentários dos casos da Patrícia quanto da Vera, nota-se a presença de questionamentos acerca da decência moral das mulheres. No caso da Patrícia, ela é julgada por “oferecer sexo em troca de informações” (informação falsa que foi desmentida). A maior parte dos comentários não a julga por talvez ter agido sem ética, mas sim pelo sexo. Já os homens envolvidos na história são vistos como heróis, mostrando assim a desigualdade entre os gêneros.

Além disso, a objetificação do corpo de Patrícia, reforçando o padrão patriarcal que naturaliza a cultura do estupro. Diversos homens, postaram nos comentários prints de tentativas suas de convidar Patrícia para sair ou convidá-la para transar. Outros comentários reforçavam que Patrícia não era vista como uma mulher, mas sim como um pedaço de carne desejado por muitos.

⁶⁴ PORTAL G1. **Bolsonaro ameaça jornalista: 'Minha vontade é encher tua boca na porrada'**. Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-encher-tua-boca-na-porrada.ghtml>> Acesso em 02 de agosto de 2023.

No caso de Vera, ela também é questionada por sua decência e moral, mas a maioria das indagações foca em sua credibilidade. A aparência das duas também é tópico. No caso de Patrícia, ela é elogiada e comparada com a ex-primeira-dama. Já no caso de Vera, ela é chamada de feia, velha e há montagens suas reforçando isso.

Para ilustrar os adjetivos usados contra as jornalistas de forma geral, criamos uma nuvem de palavras, onde as expressões com mais aparições ficam em destaque em relação às demais. Os comentários envolvendo a sexualidade, aparência e inteligência das jornalistas apareceram em sua maioria. Palavras que remetem à esquerda e ao comunismo também apareceram em grande escala nos ataques. Lembrando, conforme dissemos nas descrições, ser associado à esquerda, comunismo e feminismo, pelos seguidores de Bolsonaro, é algo mal visto, como se fosse uma corrupção do ser.

Figura 154 - Nuvem de palavras



Fonte: Elaborado pela autora

Como dito, numa sociedade patriarcal e focada no falo, ser mulher e ser associada com o universo sexual é algo errado, e esses insultos podem acabar desmoralizando e atacando a credibilidade de Patrícia, Vera, Dilma e demais mulheres mencionadas. As genitálias, masculina e feminina também foram muito citadas nos ataques. O órgão masculino sendo visto como algo sacro, completo e capaz de resolver problemas, e a vulva como algo pecaminoso, errado, que leva ao erro - assim como a maçã levou Eva ao pecado na Bíblia.

Também gostaríamos de salientar a diferença de adjetivos usados para descrever - elogiar - os homens envolvidos nos ataques. Por exemplo, no caso 2, da jornalista Patrícia,

Bolsonaro foi chamado de cavaleiro, respeitoso e elegante. Na descrição desse caso, levantamos o questionamento, que se o gênero fosse trocado, a mesma fala/ação do ex-presidente continuaria sendo assim classificado (VER AZ MINA, 2018)⁶⁵.

Outro aspecto patriarcal, pontuado por Aronovich e Lerner, que pode ser percebido nos ataques analisados é a presença de mulheres atacando as jornalistas e/ou defendendo os agressores. Para essas duas autoras, o patriarcado só se manteve funcionando com o passar dos anos, pois há a cooperação das mulheres. Em alguns comentários, as mulheres reforçavam seu gênero e seu apoio a Bolsonaro. Em alguns momentos, percebemos que havia algumas semelhanças com o que Jason Stanley, em seu livro *Como funciona o fascismo* determinou como sendo o nós e eles. Ou seja, as mulheres que apoiam Bolsonaro se veem de forma diferente das mulheres que por elas são atacadas, seja na questão da moral, aparência, etc. Essa visão diferenciada pode interferir na ideia de que algumas merecem os ataques, enquanto as outras estão do lado certo.

Xavier (2022) ao longo do seu trabalho pontuou diversas relações entre o autoritarismo e machismo presentes no nazismo e no bolsonarismo. Por exemplo, o culto e devoção a algumas mulheres, vistas por eles como inocentes, frágeis e santas e ódio a outras - as pecadoras, feministas, comunistas, etc. As mulheres na Alemanha Nazista eram vistas como frágeis e sentimentais, só havendo um papel onde elas seriam respeitadas e valorizadas: sendo mãe, enquanto para os homens, o poder já era algo natural (XAVIER, 2022, n.p).

Como muito dito ao longo deste trabalho, no governo Bolsonaro, a religião cristã teve um papel central, aparecendo tanto no julgamento dos valores e costumes, quanto no próprio slogan do grupo. Xavier em sua pesquisa conclui que:

O slogan integralista ressuscitado por Bolsonaro “Deus, pátria e família” é um excelente objeto de análise para se esclarecer a linguagem simbólica do fascismo à brasileira. A começar pela evocação de “Deus”. Este do lema integralista é a divindade cristã, masculina, defensora daqueles “escolhidos” que carregam sua fé e seu ícone da cruz por onde andam; no caso brasileiro, representa o Cristo dos colonizadores que invadiram as terras ameríndias a mando da coroa portuguesa por séculos numa ação exploratória, catequizando indígenas na luta para condenar suas práticas e tradições locais para substituí-las pela crença dos imperialistas europeus. A “pátria” é exatamente essa constituída por abusos, escravidão e usurpação de terras, recursos naturais e minerais que foram escoados através da metrópole portuguesa para toda Europa. Uma pátria sob a liderança de homens, que silenciou e silencia as mulheres que queiram fugir à estereotipia da submissão doméstica, e, portanto, são tratadas como prostitutas quando tomam responsabilidade sobre sua própria sexualidade e pela forma de exibir seus corpos em nosso clima tropical. Para finalizar, a “família”, bastante similar àquela autoritária referida por Reich em sua análise, é a célula propulsora e mantenedora de abusos, de violências simbólicas e reais e, basilarmente,

⁶⁵ AZ MINA. **Afinal, por que a capa da Istoé é machista?**. Disponível em <<https://azmina.com.br/reportagens/afinal-por-que-a-capa-da-istoe-e-machista/>> Acesso em 16 de abril de 2024.

de toda a estrutura misógina, racista e imperialista que molda a história do Brasil” (XAVIER, 2022, n.p).

Também gostaríamos de apresentar, que em todos os casos, homens foram questionados ou desmentidos pelas mulheres jornalistas. Sendo assim, podemos refletir sobre o ataque ser uma tentativa dos homens de recuperarem o poder sobre as mulheres, exercendo desse modo a violência de gênero. A noção de violência simbólica, criada por Bourdieu (2002) também pode ser aplicada em ambos os casos. O autor fala que a dominação masculina se dá por vias “simbólicas da comunicação e do conhecimento”, ou seja, utilizando a ideia de gênero presente e criada na sociedade atual (conhecimento), e por meio do discurso (comunicação), as jornalistas são atacadas de forma simbólica, numa tentativa de dominação.

Como discutido acima, todas as publicações continham discursos misóginos, ou seja, tinham a 1) valorização das figuras masculinas que fazem parte da história narrada em depreciação a figura de Patrícia e outras mulheres; 2) ataques contra a moral e a vida sexual das mulheres, além da objetificação delas; 3) hostilidade e ódio gratuitos as figuras femininas citadas.

Gostaríamos também de destacar que vários padrões e comportamentos patriarcais e misóginos estruturais da sociedade foram replicados no ambiente digital, como a culpabilização da vítima, a ideia da mulher ser um ser inferior ao homem, que a violência contra as mulheres é justificada, e que as mulheres buscam prejudicar os homens. Além disso, preconceitos contra profissionais do sexo e pessoas LGBTQI+ também foram notados.

Podemos notar que algumas frases e imagens se repetiram entre ataques. Um exemplo é a menção a fala do ex-presidente, Jair Bolsonaro, sobre a jornalista Patrícia querer “dar um furo”⁶⁶. Essa frase com conotação sexual foi dita por Bolsonaro em fevereiro de 2020, e desde então tem sido replicada por seus apoiadores. Ela foi usada com ambas as jornalistas.

Nos comentários dos posts que atacavam as jornalistas, os ataques também foram direcionados para outras mulheres. Por exemplo, em muitos dos casos, a ex-presidenta Dilma foi citada. Outras jornalistas e políticas também foram mencionadas, de forma maldosa e atacando a credibilidade e moral das mesmas.

Em todos os casos, os agressores foram defendidos, e muitas vezes na defesa, a agressão contra as mulheres era repetida, como uma forma de tentar justificar o comportamento dos

⁶⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. **Repórter da Folha processa Bolsonaro por danos morais após ofensa com insinuação sexual.** Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/reporter-da-folha-processa-bolsonaro-por-danos-morais-apos-ofensa-com-insinuacao-sexual.shtml>> Acesso em 02 de agosto de 2023.

políticos - a mulher provocava, ela merecia a violência contra ela aplicada, entre outros exemplos.

O jornalismo de forma geral foi criticado nos comentários, sendo diversas vezes questionados quanto a sua credibilidade. Nomes de empresas jornalísticas e jornalistas foram mencionados com uma frequência alta. Além disso, nos casos analisados, partidos políticos e outros políticos que não estavam envolvidos na história foram atacados e criticados também.

Como mencionado, diversos comentários se encaixavam em mais de uma categoria, tendo sentidos sobrepostos. O uso de imagens, em sua maioria que buscavam usar o humor como forma de violência também foi notado. Por exemplo, no caso das imagens que utilizavam fotos de Patrícia em montagens em contextos sexuais.

Notamos também entre os casos, principalmente os que envolviam a Patrícia, que uma mesma imagem ou frase era replicada nos comentários. Percebemos assim, que muitas das imagens eram virais e utilizadas em várias publicações como forma de atacar a jornalista.

7 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como intuito entender o ódio promovido contra mulheres jornalistas pelo ex-presidente Bolsonaro e seus familiares e apoiadores durante os quatro anos de mandato do mesmo. Desde o início desse trabalho, enquanto ainda trabalhávamos com uma proposta de projeto, sabíamos que a democracia e a liberdade de imprensa também seriam conceitos a serem explorados. Dessa forma, começamos nosso primeiro capítulo teórico destrinchando o papel social do jornalismo, sua função como guardião e mantenedor da democracia, além de ser um meio informativo.

Os conceitos de realidade e verdade, explorados por Lippmann (2017) e Paccola (2004) direcionaram nosso entendimento, tanto do papel do discurso jornalístico, quanto do discurso feito por líderes políticos. No início da nossa análise, por exemplo, falamos sobre como Bolsonaro e seus seguidores podem influenciar na opinião pública e na visão de mundo. Assim, quando eles atacam e desacreditam as mulheres jornalistas e o jornalismo de forma geral, eles mancham a reputação desses elementos frente à sociedade, colocando em dúvida a credibilidade e a moral. Como já dito, numa sociedade, onde as relações sociais se baseiam no capital social, esses impactos na imagem podem gerar mais violência e até mesmo a exclusão social.

Como nossos objetivos e casos apresentavam questões de misógina, violência de gênero e divisão do trabalho a partir do gênero, criamos um subcapítulo para discutir o conceito de gênero. A partir de diversos autores, como Lerner (2013), Carlotto (2001) e Vieira (2020) falamos sobre a refutação da teoria de determinismo biológico e a entrada dos pensamentos sobre a construção social do gênero. Esse entendimento foi essencial para perceber, durante as análises, que a repetição dos ataques, das frases machistas, das ideias pré-concebidas do que uma mulher deve fazer ou ser são formas estruturais de manter a desigualdade entre os gêneros.

A inquietação dessa pesquisa se desenvolveu inspirada na minha monografia - que analisava os ataques de Bolsonaro contra a imprensa, mas, foi entre tensionamentos e conversas com outros pesquisadores e pesquisadoras que a ideia tomou forma e percebeu-se que o gênero tem um papel crucial no tipo de violência que foi praticada. Como abordado por Veiga (2012) a valorização dos profissionais (e também achamos que das pessoas em geral) vem de características atribuídas ao masculino. Então, nos casos contra homens, há ameaças físicas e/ou tentativas de atribuí-los ao feminino - classificando como homens gays ou fracos. E, nos ataques contra mulheres, o gênero também aparece, mas como sendo outra forma de violência.

Normalmente, nos casos de ataques contra as jornalistas, o gênero foi usado como forma de descredibilizar: as mulheres mentem, elas fazem o mal e associando, muitas vezes, à figuras da Bíblia, como Eva e a Cobra. Outra questão de gênero notada é os padrões de beleza impostos, e a classificação das mulheres a partir das suas características físicas (usando adjetivos como velha, feia, bonita, gostosa, entre outros). Por fim, o gênero também aparece nos insultos, a escolha dos adjetivos utiliza a moral e os valores conservadores para classificar as mulheres. Como vimos na análise, ficam entre as santas e as pecadoras. O primeiro grupo são aquelas que devem ser amadas, respeitadas, mas mesmo assim, colocadas no seu lugar de subordinação a um homem - e nada garante que elas ficarão nesse grupo, pois se elas apresentarem qualquer sinal de desobediência, elas passam a pertencer à segunda classificação. Para o segundo grupo, resta o ódio, os ataques e o desprezo.

Os insultos, mesmo aqueles usados para se referir a homens, muitas vezes utilizam o gênero feminino como base para a desmoralização: mulherzinha, filha da puta, entre outros. Como já dito, o gênero também perpassa quando analisamos os adjetivos para elogiar os agressores, porque, no nosso entendimento, se fosse uma mulher replicando a ação, os atributos teriam outro peso/outro nome. Essa diferenciação a partir do gênero também foi notada na forma como se referiam as genitálias. A masculina sendo a perfeita, salvadora, e o contrário dela a defeituosa, errada. Abordando assim a teoria do falo, criado por Freud, para subordinar as mulheres.

Por fim, desenvolvemos um capítulo sobre a teia desinformativa, muitas vezes alimentada pelas plataformas de redes sociais. A partir dos estudos de Claire Wardle (2018) e Soares *et al* (2019) tentamos classificar as informações falsas divulgadas sobre as jornalistas, entendendo os tipos de desinformação e suas formas de uso. Após uma análise prévia do material estudado, percebemos a importância de explicarmos também o uso da desinformação como meme, a partir de sátiras e paródias. Todas as publicações contavam com imagens fabricadas que visavam fazer sátiras/humor das pessoas atacadas - não somente as jornalistas, mas outras pessoas públicas, como políticas e o atual presidente Lula.

Também notamos que algumas imagens viralizaram no ambiente digital, sendo utilizadas por diferentes pessoas e em diferentes publicações. Utilizando a definição de Chagas, Freire, Rios e Magalhães (2017), podemos concluir que o teor emocional é um fator importante que leva ao compartilhamento desses memes. Ao compartilhar os memes contra as jornalistas, reafirmando sua posição ao lado de Bolsonaro, os usuários podem se sentir pertencentes ao grupo, e como notado ao longo da história, o sentimento de pertencimento pode levar pessoas que não concordam com as ações totalmente, a participar dos atos. Um exemplo disso, é o

nazismo. Nem todos eram contra os judeus, por exemplo, mas o sentimento de matilha, a mentalidade hitlerista, os faziam agir juntos ou pelo menos ignorar a violência que ocorria (MEDEIROS, 2020).

Chagas e Sarmiento (2020) em sua pesquisa abordam que o humor por ser interpretado de três formas, como visto no subcapítulo 3.2.2 - A desinformação como meme. Gostaríamos de destacar nessa conclusão a opção que achamos que mais se encaixou com os comentários analisados - a de poder e dominação sobre minorias - ou seja, o uso do humor como forma de atacar aqueles que são vistos como inferiores. No caso das nossas análises, o humor servia como forma de subjugar as mulheres, e reforçar o poder dos homens (tanto dos que comentavam, quanto dos agressores iniciais - Bolsonaro, Daniel e Eduardo).

Essa pesquisa analisou seis casos principais e mais dois casos derivados de ataques realizados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores/apoiadores. O trabalho contemplou ataques que ocorreram de 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, dessa forma, cobrindo os quatro anos de mandato bolsonarista. Com isso, buscamos analisar os casos de ódio e misógina contra as jornalistas Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães. Como metodologia utilizamos estudo de casos múltiplos e também a análise de construção de sentidos em redes digitais. utiliza

Este trabalho buscou responder a pergunta do problema de pesquisa: quais formas de ataque ocorrem contra as jornalistas mulheres e quais os sentidos que podem ser percebidos a partir dos ataques contra Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães no governo Bolsonaro? A partir da análise dos casos e do referencial teórico levantado percebemos duas formas de ataques contra as jornalistas: 1) descredibilização da jornalista na sua função e 2) ataques à reputação da mesma - visando corromper a imagem pública das mesmas, tanto como mulheres “respeitáveis” (considerando a visão patriarcal da sociedade) e também como profissionais sérias e isentas (chamado-as de comunistas, por exemplo). Em relação ao ambiente onde os casos ocorreram, salientamos que analisamos somente o conteúdo digital, mas muitas vezes esse material era derivado de ataques feitos fora das plataformas de redes digitais. Exemplificando, no caso 2 da Patrícia, Bolsonaro fala sua frase em uma coletiva de imprensa em frente ao Palácio da Alvorada, e o conteúdo gravado é disponibilizado em suas redes sociais.

Em relação às categorias de sentido percebidas nos ataques percebemos que havia pelo menos seis tipos e muitos comentários se encaixavam em mais de uma categoria. Entre os casos analisados, percebemos um padrão nas categorias de sentido, tendo as seguintes categorias aparecido em todos os casos da Patrícia: defesa/crítica a Bolsonaro e família, ataques contra a jornalista, ofensa a outras pessoas que não tinham ligação com publicação - principalmente

mulheres políticas; ataques contra o jornal Folha de S. Paulo e a imprensa de modo geral, e a categoria outros. Já nos casos da Vera, as categorias que foram repetidas foram: apoio ou crítica ao político que atacou, críticas e apoio a jornalista, ataques contra a imprensa de forma geral, comentários sobre outras ideologias ou políticos e comentários contra Vera.

Dessa forma, percebemos que há críticas e elogios tanto a quem atacou quanto a quem foi atacado nos comentários, e que também o jornalismo de forma geral é vilanizado por esse grupo. Além disso, percebemos que em todos os ataques, outras mulheres foram ofendidas e agredidas, muitas vezes utilizando o mesmo argumento e ofensa destinado às mulheres jornalistas. A ex-presidenta Dilma e a deputada federal Maria do Rosário foram duas figuras extremamente citadas nos ataques. Salientamos que ambas mulheres, em outras situações, foram atacadas publicamente por Jair Bolsonaro, e a partir disso ficamos com o questionamento se esse ataque público incentivou o ódio dos seguidores a essas mulheres. Nossa hipótese é que sim, que ao ver seu ídolo, messias, mito (e outros adjetivos usados pela extrema-direita bolsonarista para classificar o ex-presidente) agredir essas mulheres, elas se tornam alvo de ódio de todo o grupo, como uma forma de defender e apoiar o líder.

Como o objetivo geral desta pesquisa era investigar as formas de ataque contra as mulheres jornalistas e quais os sentidos que emergem a partir desses ataques concluímos que ele foi cumprido, como explicado nos parágrafos acima. Em relação aos objetivos específicos também cumprimos com eles. O primeiro era entender de que maneira a descredibilização das mulheres e a desinformação são utilizadas como mecanismo de violência de gênero nos ataques contra jornalistas mulheres. Como visto na análise, todos os casos contavam com a descredibilização da jornalista - questionando os métodos jornalísticos usados para conseguir as informações, a isenção da profissional ao ligá-las a partidos políticos e/ou ideologias. E a desinformação era usada como forma de manipular a informação pública - caso 3 da Patrícia, onde Bolsonaro tirou de contexto uma reportagem antiga, sem fornecer informações para os usuários entenderem que a narrativa estava fora do espaço-tempo original. A desinformação também era usada como sátira/paródia para humilhar as mulheres e questionar a moral das mesmas. Os julgamentos eram feitos a partir de ideias criadas derivadas de pensamentos patriarcais: que mulheres mentem para enganar os homens, que as mulheres provocam e depois se fazem de vítimas, e outros absurdos que ainda são tidos como verdadeiros numa sociedade que busca a desigualdade entre os gêneros.

Nosso segundo objetivo específico era revisar os conceitos de gênero e violência de gênero e como eles podem ser aplicados nas análises dos casos. A partir de autores como Lerner (2013), Vieira (2020), Viega (2012) e outras, entendemos que tencionamos esses conceitos e

aplicamos-os na nossa pesquisa, fazendo ligações com situações do cotidiano e também com os casos analisados.

E por último, nosso objetivo específico era analisar como os ataques promovidos pelo governo Bolsonaro podem agravar a violência de gênero no jornalismo. Conforme já dito, acreditamos que quando Bolsonaro e seus pares atacam as mulheres jornalistas, eles as colocam como alvo para seus seguidores. Além disso, por utilizar a descredibilização e a desinformação, eles minam a confiança do eleitorado nessas mulheres.

Escrever esse trabalho foi uma jornada de conhecimento - e autoconhecimento. Foram horas dedicadas nessa pesquisa, 20.572 comentários lidos, analisados e categorizados. Quando iniciei essa pesquisa, meu conhecimento sobre os conceitos de gênero não eram amplos e minha visão sobre os casos era outra. Eu percebia, de forma tímida, que o fato delas serem mulheres influenciava nos ataques, mas eu não tinha dimensão de como essa construção social atravessa a vida, de forma geral.

Desde antes de nascermos, ganhamos um selo que tem todo um imaginário social construído em volta. Rosa para meninas, azul para meninos. O nosso nome, as nossas roupas, nossos brinquedos são pensados a partir dessa etiqueta. Porém essa etiqueta vai além do sexo com o qual somos designados. O gênero, ele cria toda uma cadeia de sentido na volta. É ele que determina nossa posição social, nossos acessos, e a violência que iremos sofrer.

Ao longo de toda essa pesquisa, fui percebendo como as idealizações de gênero são mascaradas e disfarçadas como os valores morais, os bons modos, o sempre foi assim. Mas a verdade é que esse sistema de desigualdade é uma construção injusta, que coloca os homens, brancos, ricos no poder, e os demais no corpo da pirâmide. E, se ele é uma construção, ele pode ser refeito.

Pensarmos sobre gênero, sobre desigualdades e violências é o que irá nos proporcionar, um dia, um mundo mais justo. É analisar que Bolsonaro e seus pares têm uma estratégia para atacar as mulheres jornalistas que os questionam e perceber que essa estratégia é usada por várias pessoas, diariamente, e que além de reforçar o ódio, essa narrativa estimula a descrença nas mulheres e no jornalismo. A democracia, com esses ataques é afetada, não somente por colocar desconfiança em cima do quarto poder, mas porque uma sociedade onde as mulheres são postas de lado, que elas não têm o mesmo acesso a participar da esfera pública, é uma democracia incompleta, que não é a mesma para todos, que apresenta falhas, que pode ser corrompida até seu enfraquecimento total.

O ataque contra as mulheres jornalistas não nasceu com o bolsonarismo, e com certeza, não acabou após a saída dele do poder. Desde os primórdios do jornalismo como profissão, as

mulheres não estão em poder de igualdade com os homens nas redações. Os casos de assédio, os casos de mulheres utilizando pseudônimos masculinos para publicarem, as pautas escolhidas, o fato delas não receberem o mesmo salário, o mesmo tratamento, a mesma importância, nos mostra que o jornalismo como instituição ainda apresenta muitas falhas para com as suas profissionais.

Entender a estratégia é um primeiro passo para combater a desigualdade. Contudo, ainda há um longo caminho a ser percorrido nas pesquisas sobre gênero, tanto dentro quanto fora da comunicação. A partir desse trabalho, espero continuar minha jornada como pesquisadora, entendendo de que forma o jornalismo, como instituição, auxilia no manutenção da divisão desigual entre os gêneros e também nos reforços dos padrões sociais de gênero.

REFERÊNCIAS

- ABRAJI; GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres no jornalismo**. Disponível em <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf> Acesso em 23 de julho de 2023.
- ACQUOLINI, Nicole Tirello. **Práticas informacionais em perfil feminista do instagram: entre letramentos e desinformação de gênero**. Rio Grande do Sul: Dissertação, 2023.
- AGÊNCIA BRASIL. **A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência**. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-sao-vitimas-de-violencia#:~:text=Ao%20todo%2C%20foram%20registradas%203.181,%2C%20ofensas%2C%20assédio%2C%20feminicídio.>> Acesso em 27 de março de 2024.
- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Um estupro a cada 8 minutos é registrado no Brasil**. Disponível em <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/1-estupro-a-cada-8-minutos-e-registrado-no-brasil/>> Acesso em 24 de março de 2024.
- AGUIAR, Leonel de Azevedo; ROXO, Luciana Alcantara. **A credibilidade jornalística como crítica à “cultura da desinformação”: uma contribuição ao debate sobre fake news**. Rio de Janeiro: Revista Mídia e Cotidiano, 2019.
- ALBUQUERQUE, Afonso de; HOLZBACH, Ariane Diniz. **Metamorfose do contrato representativo: jornalismo, democracia e os manuais da redação da Folha de S. Paulo**. São Paulo: Comunicação, mídia e consumo, 2008.
- ALMEIDA, Fabrício de; FIDALGO, Roberta. **A cultura de culpabilização da vítima no crime de estupro - “As Medusas Contemporâneas”**. São Paulo: Revista de Direito da Unimep, 2019.
- AMÂNCIO, Lígia. **O gênero no discurso das ciências sociais**. Portugal: Análise Social, 2003.
- AMARAL, Tércio de Lima; LINS, Aline Maria Grego. **Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)**. Florianópolis: Tempo e Argumento, 2021.
- ANJOS, Júlia dos. **Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher**. Disponível <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2555>> Acesso em 12 de julho de 2021.
- AQUINO B., Maria Clara; GONZATTI, Christian. **Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais: a política das diferenças no caso da Rede Ninja de Opinião**. In: Comunicação & Inovação v. 19, n. 39, 2018. Disponível: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/4926> Acesso em 01 de setembro de 2022.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação**. México: Psicologia para América Latina, 2008.

AUDI, Amanda. **Postagem Twitter**. Disponível em https://twitter.com/amandafaudi/status/1080086019058425857?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1080088208854188032%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es2_&ref_url=> Acesso em 15 de janeiro de 2023.

AZEVEDO, Mauri de Castro; LIMA, Marcus Antônio Assis. **Fake news e Pós-verdade na construção do Neoconservadorismo no Brasil pós-2013 e os efeitos nas eleições de 2018**. Porto Alegre: Letrônica, 2020.

AZ MINA. **Por que os ataques de Bolsonaro a jornalistas mulheres são um problema?**. Disponível em <https://azmina.com.br/reportagens/por-que-os-ataques-de-bolsonaro-a-jornalistas-mulheres-sao-um-problema/> Acesso em 14 de novembro de 2021.

BALBINOTTI, Izabele. **A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo**. Santa Catarina: Revista da ESMESC, 2018.

BBC BRASIL. **#EuNaoSouDespesa: a reação à declaração de Bolsonaro sobre pessoas com HIV**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51409101> Acesso em 22 de julho de 2023.

BBC BRASIL. **Porto de Mariel: com área 50% vazia, cubanos esperam ajuda de 'irmão' Lula para atrair empresas brasileiras**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c80y2grzpnqo> Acesso em 27 de março de 2024.

BEZERRA, Camila de Lima. **“Não tenho medo de dar opinião”: A mulher jornalista na editoria de política em João Pessoa sob uma perspectiva de gênero**. Disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11496351 Acesso em 12 de julho de 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOLSONARO, Eduardo. **Postagem no Facebook sobre o caso 1 - Patrícia**. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=2754554731300841> Acesso em 26 de março de 2023.

BOLSONARO, Eduardo. **Postagem no Twitter sobre o caso 2 - Vera**. Disponível em <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1232697697565630464> Acesso em 24 de março de 2024.

BOLSONARO, Jair. **Postagem no Twitter sobre o caso 1 - Vera**. Disponível em <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240035257765761024> Acesso em 25 de julho de 2023.

BOLSONARO, Jair. **Postagem no Facebook ataque contra Patrícia - Caso 2**. Disponível em <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/233719020984873/> Acesso em 26 de março de 2024.

BOLSONARO, Jair. **Postagem no Facebook sobre o caso 3 - Patrícia**. Disponível em <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/pfbid0N3kVgnsr3ua548tHPKgN5Hs3jcgT13KZPqHuNZB7WNvh6tyCfKZEQcwPQgHUJev8l?locale=pt_BR> Acesso em 26 de março de 2023.

BOLSONARO, Jair. **Postagem no Twitter sobre o caso 1 - Vera**. Disponível em <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1240035257765761024>> Acesso em 25 de julho de 2023.

BOLSONARO, Jair. **Conversa com a imprensa e apoiadores. 6 de fevereiro**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=17YDWUT4NRM>> Acesso em 22 de julho de 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, Renê Morais da Costa. **A indústria das fakes news e o discurso de ódio**. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio. Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018.

BRASIL. **Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES**. Disponível em <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>> Acesso em 12 de julho de 2022.

BRASIL. **Portal da Compós**. Disponível em <<https://www.e-compos.org.br/e-compos>> Acesso em 12 de julho de 2022.

CANAL BRASIL. **Judith Butler debate os problemas de gênero com Linn da Quebrada e Jup do Bairro | Transmissão**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc9sUs>> Acesso em 20 de junho de 2023.

CAMARA, ISABELE RODRIGUES. **A percepção de jornalistas sobre a relação entre o assédio moral contra mulheres e a qualidade de vida no trabalho**. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8752854> Acesso em 12 de julho de 2022.

CARVALHO, Carla Severiano de; FREITAS, Geisa Fróesde. **A pandemia de Covid-19 e de misoginia no Brasil: Discursos sobre a violação dos direitos das mulheres**. Mato Grosso do Sul: Revista Primeira Escrita, 2022.

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Paraná: Revista Londrina, 2001.

CARPENTIER, Nico. **Journalism, Media, and Democracy**. Estados Unidos: Reclaiming the media: communication rights and democratic media roles, 2006.

CARTA CAPITAL. **O consumo de pornografia favorece a violência contra a mulher?** Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-consumo-de-pornografia-favorece-a-violencia-contr-a-mulher/>> Acesso em 28 de março de 2024.

CHAGAS, Viktor. **Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de Whatsapp e os acontecimentos políticos no Brasil**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol.34, nº 72, 2021.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda Alcântara; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. **A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014**. Porto Alegre: Intexto, 2017.

CINELLI, Matteo; MORALES, Gianmarco De Francisci; GALEAZZI, Alessandro; QUATTROCIOCCI, Walter. **The echo chamber effect on social media**. Estados Unidos: PNAS, 2021.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero - uma perspectiva global: compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersus Editora, 2015.

COSTA, Natália. **Lugar de mulher é na redação: o jornalismo performático e o destaque alcançado por repórteres mulheres**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013.

CORREIO BRAZILIENSE. **'Fake news' se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml> Acesso em 22 de julho de 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. **1% dos homens brancos ricos recebem mais que todas mulheres negras do Brasil**. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/12/4970921-1-dos-homens-brancos-ricos-recebem-mais-que-todas-mulheres-negras-do-brasil.html>> Acesso em 25 de fevereiro de 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **Bolsonaro ataca Vera Magalhães durante debate: "Vergonha para o jornalismo"**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5032711-bolsonaro-ataca-vera-magalhaes-vergonha-para-o-jornalismo.html#google_vignette> Acesso em 24 de março de 2024.

DE BEAUVOIR, Simone. **Segundo sexo**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L.. **Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques**. Portugal: Revista Media & Jornalismo, 2018.

DEUTSCHE WELLE. **Posse foi marcada por restrições ao trabalho da imprensa**. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/posse-foi-marcada-por-restri%C3%A7%C3%B5es-ao-trabalho-da-imprensa/a-46921379>> Acesso em 15 de janeiro de 2023.

DINIZ, Débora. **Primeira aula do Nossas Conversas**. Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/CpQ8400ISYv/>> Acesso em 25 de fevereiro de 2024.

EDELMAN. **2021 Edelman Trust Barometer**. Disponível em <<https://www.edelman.com/trust/2021-trust-barometer>> Acesso em 23 de julho de 2023.

EL PAÍS. **Cerimonial da posse de Bolsonaro impõe série de restrições a jornalistas.**

Disponível em

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/politica/1546277389_982663.html> Acesso em 09 de maio de 2021.

EL PAÍS. **Queiroz fez 27 depósitos para Michelle Bolsonaro, a esposa do presidente, indica quebra de sigilo.** Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-07/queiroz-fez-27-depositos-para-michelle-bolsonaro-a-esposa-do-presidente-indica-quebra-de-sigilo.html>> Acesso em 28 de março de 2024.

ESTADO DE MINAS. **Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou 'brincadeira'.** Disponível em

<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml> Acesso em 04 de março de 2024.

FABRIZ, Daury Cesar; MENDONÇA, Gabriel Heringer de. **O papel das plataformas de redes sociais diante do dever de combater o discurso de ódio no Brasil.** Curitiba: Revista da Faculdade de Direito UFPR, 2022.

FARIAS, Fausto Carneiro de. **Censura judicial e liberdade de imprensa no Brasil : características e tramitação de processos protocolados no STF entre 2009 e 2019.** Bahia: 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2020.** Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf> Acesso em 14 de novembro de 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2021.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relatório-da-Violência-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf>> Acesso em 14 de novembro de 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2022.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relatório-2022.pdf>> Acesso em 14 de novembro de 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2019.** Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf> Acesso em 14 de novembro de 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>> Acesso em 15 de março de 2023.

FERREIRA, Eliara Santana. **Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional – um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair**

Bolsonaro e as formas de enfrentamento. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8189788>> Acesso em 03 de abril de 2023.

FERREIRA, Gil Baptista. **Qual o papel do jornalismo nas democracias contemporâneas? Jornalismo público e deliberação política.** Portugal: Exedra, 2011.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "estado da arte".** Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt>> Acesso em 12 de julho de 2022.

FIGUEIREDO, Priscilla; ZAUITH, Gabriella. **Liberdade de imprensa no Brasil: a vulnerabilidade dos jornalistas na Ditadura Militar e na Nova República.** São Paulo: Abraji, 2019.

FILHO, João Batista de Macedo Freire; ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani dos. **Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher.** Disponível em <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2555/2077>> Acesso em 13 de julho de 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp.** Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> Acesso em 15 de maio de 2021.

FOLHA DE S. PAULO. **Brasil marcou um golaço ao financiar Mariel.** Disponível em <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2014/12/1563653-brasil-marcou-um-golaco-ao-financiar-mariel.shtml>> Acesso em 27 de março de 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Repórter da Folha processa deputado Eduardo Bolsonaro por danos morais.** Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/reporter-da-folha-processa-deputado-eduardo-bolsonaro-por-danos-morais.shtml>> Acesso em 15 de maio de 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Repórter da Folha processa Bolsonaro por danos morais após ofensa com insinuação sexual.** Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/reporter-da-folha-processa-bolsonaro-por-danos-morais-apos-ofensa-com-insinuacao-sexual.shtml>> Acesso em 02 de agosto de 2023.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental.** Minas Gerais: Revista fatos&versões, 2009.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Desinformação on-line e contestação das eleições: Quinze meses de postagens sobre fraude nas urnas eletrônicas e voto impresso auditável no Facebook.** Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31711/%5BPT%5DEstudo-7_Fraude-nas-urnas_Ficha%2BISBN.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 03 de abril de 2023.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. **Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19.** Brasília: Epidemiologia Serviço de Saúde, 2020.

GÊNERO E NÚMERO. **Relatório “o impacto da desinformação e da violência política na internet contra jornalistas, comunicadoras e LGBT+”**. Disponível em <https://desinformacao.generonumero.media/wp-content/uploads/2022/04/PesquisaDesinformacaoGN_RSFSF_relatorio-final.pdf> Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

GOMES, Wilson; DOURADO, Tatiana. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia**. Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 16 N°2, 2019.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M.. **Comunicação e democracia: Problemas & perspectivas**. São Paulo, Paulus, 2008.

GONÇALVES, Laura Pereira. **Bolsonaro versus imprensa: Uma análise dos embates com mulheres jornalistas**. Minas Gerais: Intercom, 2021.

GRUPO META. **Sobre a verificação de fatos no Facebook e no Instagram**. Disponível em <<https://www.facebook.com/business/help/2593586717571940>> Acesso em 27 de março de 2024.

HEILBORN, Maria Luiza. **De que gênero estamos falando?**. Rio de Janeiro: Sexualidade, Gênero e Sociedade, 1994.

IJUSP INSTITUTO JUNGUIANO DE SÃO PAULO. **Gênero como Performance | Rita Von Hunty**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JmFG6zUiSfA>> Acesso em 21 de junho de 2023.

INTERNET GOVERNANCE FORUM. **Best Practice Forum on Gender and Digital Rights**. Estados Unidos: 2021.

ISTOÉ. **Jornalista Vera Magalhães, do ‘Estado’, é alvo de ataques nas redes sociais**. Disponível em <<https://istoe.com.br/jornalista-vera-magalhaes-do-estado-e-alvo-de-ataques-nas-redes-sociais/>> Acesso em 24 de março de 2024.

JAMIL, George Leal; NEVES, Jorge Tadeu de Ramos. **A era da informação: considerações sobre o desenvolvimento das tecnologias da Informação**. Belo Horizonte: Perspectivas em Ciência da Informação, 2000.

JUDSON, Ellen; *et al.* **Engendering hate: the contours of state-aligned gendered disinformation online**. Reino Unido: Demos, 2020.

JUNG, Cleusa Maria. **Violência contra jornalistas no Brasil: Análise discursiva dos relatórios de organizações de defesa da liberdade de expressão**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, p.226. 2021

KIRSCH, Bruna Alexandra. **A colisão (e a ponderação) entre liberdade de imprensa e direitos da personalidade diante da inadequada utilização da teoria dos direitos fundamentais de Robert Alexy no direito brasileiro**. Novo Hamburgo: Feevale, 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens - prefácio de Lola Aronovich.** São Paulo: Cultrix, 2019.

LELO, Thales Vilela; CAMINHAS, Lorena. **Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade.** São Paulo: Matrizes, vol.15, nº 2, 2021.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIMA, Marcos Francisco Urupá Moraes de; VALENTE, Jonas Chagas Lucio. **Regulação de plataformas digitais: mapeando o debate internacional.** Rio de Janeiro: Liinc em Revista, 2020.

LIMA-SOUZA, Érica Cristina Pereira; MOTA-SANTOS, Carolina Maria; NETO, Antônio Carvalho. **De Operárias a Abelhas Rainhas: obstáculos que impactam a carreira das jornalistas.** Disponível em <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2224>> Acesso em 13 de julho de 2022.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion: With a new introduction by Michael Curtis.** New York : Macmillan, 1922.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. **Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem.** Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia, 2017.

LOPES, Fernanda Lima. **Jornalismo: uma profissão em crise?** Porto Alegre, Revista Intexto, 2011.

MAGALHÃES, Vera. **Postagem no Twitter sobre o caso 2 - Vera.** Disponível em <<https://twitter.com/veramagalhaes/status/1232608248181727232>> Acesso em 24 de março de 2024.

MARIE CLAIRE. **Caso Mari Ferrer: Justiça absolve André Aranha de acusação de estupro em 2ª instância.** Disponível em <<https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/noticia/2021/10/justica-de-sc-absolve-acusado-de-estuprar-mariana-ferrer.html>> Acesso em 06 de abril de 2024.

MARQUES, Maraisa. **Misoginia e bolsonarismo: as engrenagens da máquina do ódio contra as mulheres.** In: SANTAELLA, Lucia. *Flagelos da Desinformação.* Brasil: Editora EDUC, 2023.

MARTINS, Paula Gruman. **A norma do falo e a abjeção da mulher na psicanálise.** Fortaleza: Revista Subjetividades, 2021.

MARTINS, Thiago Gonçalves dos Santos; COSTA, Ana Luiza Fontes de Azevedo; MARTINS, Thomaz Gonçalves dos Santos. **O uso do Big Data em pesquisas médicas.** São Paulo: Einstein, 2018.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CERVI, Emerson Urizzi. **Confiança na mídia durante a pandemia de covid-19 no Brasil: adesão às mídias tradicionais e digital, aspectos**

socioeconômicos e a intersecção com a avaliação de governo. São Paulo: Revista USP, 2021.

MEIO E MENSAGEM. **Aumenta a confiança dos brasileiros nas empresas.** Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/marketing/aumenta-a-confianca-dos-brasileiros-nas-empresas>> Acesso em 23 de julho de 2023.

MEIO E MENSAGEM. **Cai a confiança dos brasileiros no governo e na mídia.** Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/marketing/cai-a-confianca-dos-brasileiros-no-governo-e-na-midia>> Acesso em 23 de julho de 2023.

MELO, Francinilcia Leite. **Direitos Humanos das Mulheres e a luta contra a violência de gênero.** Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10972220> Acesso em 12 de julho de 2022.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 2020.

MORO, Janaina Graciela. **O impacto do assédio sexual e da discriminação de gênero na trajetória profissional de mulheres jornalistas.** Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9879481> Acesso em 13 de julho de 2022.

MOURA, Marco Aurelio. **O Discurso de Ódio em Redes Sociais.** São Paulo: Lura Editorial, 2016.

NAVARRO, Aidil Soares. **Reflexões sobre o efeito da pandemia do Coronavírus no Jornalismo, na Democracia e no comportamento das pessoas na sociedade contemporânea.** Curitiba: Brazilian Journal of Development, 2020.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero.** Estados Unidos: Cornell University Press, 1999).

OBSERVATÓRIO DE COMUNICAÇÃO. **Ataques contra jornalistas.** Disponível em <https://obcom.net.br/vis?date_to=1&year_to=2022&month_to=12&date_from=1&year_from=2022&month_from=1&offset=0> Acesso em 14 de março de 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Jornalistas ficam confinados em espaços públicos e sofrem revistas rigorosas.** Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,jornalistas-ficam-confinados-em-espacos-publicos-e-sofrem-revistas-rigorosas,70002663460>> Acesso em 15 de janeiro de 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **É falso que Vera Magalhães tenha contrato de R\$ 500 mil por ano pagos pelo governo de São Paulo.** Disponível em <

OLIVEIRA, Márcio Rubens de; SILVA, Haylla dos Santos. **Pornografia e cultura do estupro: estudo sobre a naturalização de práticas de violência contra a mulher e suas implicações em sua saúde mental**. Pernambuco: Revista Debates Insubmissos, 2022.

PACCOLA, Carina. **O papel dos jornalistas e a democracia**. São Paulo: Intercom, 2004.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você**. Brasil: Zahar, 2012.

PEREIRA, Ligia Tesser. **As mulheres no jornalismo do Paraná: uma análise de desigualdades de gênero no ambiente de trabalho**. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10556282> Acesso em 13 de julho de 2022.

PLANALTO. **Constituição Federal**. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 11 de julho de 2023.

PODER 360. **Bolsonaro diz que "uma pessoa com HIV é uma despesa para todos aqui no Brasil"**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XkS48YU2onQ>> Acesso em 22 de julho de 2023.

PODER 360. **Justiça arquiva ação de Maria do Rosário contra Bolsonaro**. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/justica/justica-arquiva-acao-de-maria-do-rosario-contrabolsonaro/>> Acesso em 25 de março de 2024.

PONTES, Felipe Simão. **Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras**. Brasília: Revista Compós, 2017.

PORTAL G1. **Bolsonaro ameaça jornalista: 'Minha vontade é encher tua boca na porrada'**. Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-encher-tua-boca-na-porrada.ghtml>> Acesso em 02 de agosto de 2023.

PORTAL G1. **Segundo debate ao governo do estado de São Paulo reúne cinco candidatos**. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/09/14/segundo-debate-ao-governo-do-estado-de-sao-paulo-reune-cinco-candidatos.ghtml>> Acesso em 25 de março de 2024.

PORTAL G1. **Postagem no Facebook sobre o caso 3 - Vera**. Disponível em <[pfbid0NECQ9EBb6EJVhymim1VqdVWaK1ZWvWJGuF1MnUZrrvaAPAvVU7EfNHjyTtbZqFcKl](https://www.facebook.com/pfbid0NECQ9EBb6EJVhymim1VqdVWaK1ZWvWJGuF1MnUZrrvaAPAvVU7EfNHjyTtbZqFcKl)> Acesso em 24 de março de 2024.

PORTAL G1. **Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica**. Disponível em <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>> Acesso em 06 de abril de 2024.

PORTAL G1. **Para QG, Lula fugiu no debate da Band sobre corrupção; 'descontrole' de Bolsonaro é visto como ponto alto**. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2022/08/29/para-qg-lula-fugiu-no>>

debate-da-band-sobre-corrupcao-descontrole-de-bolsonaro-e-visto-como-ponto-alto.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1&utm_content=post&fbclid=IwAR39vTf_iMfqWb-wJK00ePR1gj9swU5UCfbcJIQr19oF06rCOF4q_sXyBE> Acesso em 24 de março de 2024.

PORTAL G1. **Mulheres na política: os obstáculos e as violências que dificultam a representatividade feminina - e prejudicam a democracia.** Disponível em <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/08/mulheres-na-politica-os-obstaculos-e-as-violencias-que-dificultam-a-representatividade-feminina-e-prejudicam-a-democracia.ghtml>> Acesso em 04 de julho de 2023.

PORTAL G1. **MP denuncia ex-vereador Gabriel Monteiro por desacato contra ex-comandante da PM.** Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/26/mp-denuncia-ex-vereador-gabriel-monteiro-por-desacato-contra-ex-comandante-da-pm.ghtml>> Acesso em 27 de março de 2024.

PORTAL G1. **Quem é Gabriel Monteiro, vereador cassado e preso por estupro.** Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/07/quem-e-gabriel-monteiro-vereador-cassado-e-preso-por-estupro.ghtml>> Acesso em 27 de março de 2024.

PORTAL UOL. **Placa de Marielle foi quebrada para restaurar a ordem, diz Flávio Bolsonaro.** Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/04/placa-de-marielle-foi-quebrada-para-restaurar-a-ordem-diz-flavio-bolsonaro.htm>> Acesso em 28 de março de 2024.

PORTAL UOL. **De PIB da banana a golden shower: 8 cortinas de fumaça do governo Bolsonaro.** Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/05/do-pib-pifio-a-golden-shower-7-cortinas-de-fumaca-do-governo-bolsonaro>> Acesso em 28 de março de 2024.

PORTELA, Monique Ryba. **Percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em Curitiba.** Paraná: Acervo Universidade Federal do Paraná, 2018.

PORTO DRAGÃO. Aula Aberta - **O que é gênero? com Helena Vieira.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Q-iE2K03eJE>> Acesso em 17 de junho de 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2ªed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAIMONDI, Alice Souza; ARAÚJO, Isadora Gonçalves Eleutério Dias; FERREIRA, Luisa Andrade; GOVEIA, Fábio Gomes. **Estudo da relação entre memes e desinformação a partir do TikTok.** Minas Gerais: Intercom - 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023.

RAMBO, Mariane Carolina Packes Rambo. **"VONTADE DE ENCHER SUA BOCA DE PORRADA": Uma análise da Liberdade de Imprensa nos primeiros dois anos do Governo Bolsonaro.** Orientador: Alisson Coelho. 2021. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2021. Disponível em

<<https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000029/000029fa.pdf>> Acesso em 26 de julho de 2022.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DE SEGURANÇA. **A cada quatro horas, ao menos uma mulher é vítima de violência.** Disponível em <<http://observatorioseguranca.com.br/violencia-mulher-feminicidio/>> Acesso em 03 de julho de 2023.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRA. **Classificação 2021.** Disponível em <<https://rsf.org/pt/classificacao#>> Acesso em 15 de novembro de 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** São Paulo: Dossiê: Feminismo em questão, questões do feminismo, 2001.

SALES, Júlia de Souza. **As contribuições da psicologia para o estudo da propagação de desinformação nas redes sociais como ameaça à democracia.** Brasília: Revista Petrel, 2021.

SARMENTO, Rayza; CHAGAS, Viktor. **Bela, recatada e do bar: memes de internet, política e gênero.** São Paulo: Revista RuMoRes, 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Rio Grande do Sul: Educação & Realidade, 1995.

SEABRA, Cecília. **Jornalismo, democracia e afetos: ódio, medo e ressentimento no primeiro ano do governo Bolsonaro.** Rio de Janeiro: Revista ComPolis, 2020.

SERRANO, Estrela. **A dimensão política do jornalismo.** Portugal: Comunicação e Cultura, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **A crise do jornalismo e as big techs. In: Jornal da USP.** Disponível em <<https://jornal.usp.br/radio-usp/a-crise-do-jornalismo-e-as-big-techs/>> Acesso em 28 de março de 2024.

SILVA, Gisele Barão da; FONTES, Giulia Sbaraini; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. **Mulheres jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Como as relações de gênero interferem na produção jornalística?.** São Paulo: VIII Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 2021.

SILVA, Gisele Barão da; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. **“Compostura, senhor presidente!”: o governo Bolsonaro e a defesa do jornalismo pelas entidades representativas do campo.** Rio Grande do Sul: revista Fronteiras, 2021.

SILVA, Luiz Rogério Lopes; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo; OLIVEIRA, Alisson Augusto de; PONTES, Vinicius Ramos. **A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube.** Brasília: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI), 2021.

SILVA, Tadeu de Oliveira. **Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz. 2022.** 95f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47108>> Acesso em 26 de julho de 2022.

SOARES, Felipe Bonow; VIEGAS, Paula; SUDBRACK, Shana; RECUERO, Raquel; HÜTTNER, Luiz Ricardo. **Desinformação e esfera pública no Twitter: disputas discursivas sobre o assassinato de Marielle Franco**. Porto Alegre: Revista Fronteiras, 2019.

STANLEY, Jason. **How fascism works: the politics of us and them**. Estados Unidos: Random House, 2018.

TAVARES, Leonardo Pereira; SILVA, Gustavo de Souza; OLIVEIRA, Diogo Lopes de. **Checagem de fatos no Twitter: desinformação nas eleições do Brasil em 2022**. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72251/50982>> Acesso em 03 de abril de 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia discriminação de gênero no mercado de trabalho**. Disponível em <<https://www.tst.jus.br/-/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-evidencia-discriminacao-de-genero-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em 04 de julho de 2023.

TUZZO, Simone Antoniacci; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **As jornalistas sob ataque: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada**. Minas Gerais: Lumina, 2020.

TOLENTINO, Marcos Vinicius de Farias. **O DISCURSO DE BOLSONARO SOBRE A IMPRENSA NO TWITTER: Análise de Discurso dos Ataques à Imprensa Feitos pelo Presidente**. Porto Alegre: Lume Repositório Digital, 2019.

TRÄSEL, Marcelo; LISBOA, Sílvia; VINCIPROVA, Giulia Reis. **Pós-verdade e confiança no jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros**. Brasil: Brazilian Journalism Research, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**. Florianópolis : Quorum Comunicações, 2022

VAZQUEZ, Ana Carolina Brandão. **Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado**. Florianópolis: Revista Katálysis, 2019.

VEIGA, Marcia. **Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo**. Santa Catarina: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, 2012.

VEJA. **Número de eleitores homens de Bolsonaro é o triplo do de mulheres**. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/numero-de-eleitores-homens-de-bolsonaro-e-o-triplo-do-de-mulheres>> Acesso em 04 de março de 2024.

XAVIER, Diogo Carlos Ponce de Leon. **O discurso nazista e bolsonarista: violência, segregação, estereótipos de gênero e sexualidade em defesa da família**. Brasília: Monografia, 2022.

WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy**. Reino Unido: Basil Blackwell, 1990.

WARDLE, Claire. **Fake News. It's Complicated**. Disponível em <<https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>> Acesso em 16 de janeiro de 2023.

WARDLE, Claire. **The need for smarter definitions and practical, timely empirical research on information disorder**. Reino Unido: Taylor & Francis Group, 2018.

YIN, Robert K.. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZUCKERMAN, Ethan. **Stop saying “fake news”. It's not helping**. Disponível em <<https://ethanzuckerman.com/2017/01/30/stop-saying-fake-news-its-not-helping/>> Acesso em 16 de março de 2023.